

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
CAMPUS DE RIO CLARO

**O CURURU – uma manifestação folclórica caipira – e Sua
Sobrevivência Frente à GLOBALIZAÇÃO**

Dinah Eliana Gimenes Castilho

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

Tese de Mestrado apresentada junto ao Curso de Pós-Graduação em Geografia – Área de Concentração em Organização do Espaço, para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Rio Claro, SP
2007

301.2 Castilho, Dinah Eliana Gimenes
C352c O cururu – uma manifestação folclórica caipira – e sua
sobrevivência frente à globalização / Dinah Eliana Gimenes
Castilho. -- Rio Claro : [s.n.], 2008
120 f. : il., fots.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Fadel David Antonio Filho

1. Cultura. 2. Espaço e cultura. 3. Piracicaba. 4. Resistência
cultural. I. Título.

BANCA EXAMINADORA

01- Prof. Dr. FADEL DAVID ANTONIO FILHO – IGCE

02- Prof^a Dra. MARIA GERALDA DE ALMEIDA – UFG

03- Prof^a Dra. LILIANA BUENO DOS REIS GARCIA - IGCE

Rio Claro, 31 de janeiro de 2008

Resultado:Aprovada

DEDICATÓRIA:

Se ainda há o cururu em Piracicaba, é porque não morreram o improviso, a poesia, o humor, a religiosidade, a alegria desses homens que cantam seus versos rimados ao som da viola, em todos os cantos desta cidade.

A todos esses cururueiros e violeiros do município de piracicaba.

Aos trabalhadores rurais deste município, homens e mulheres, cortadores de cana, que entre ruas de terra, facões e o verde da cana-de-açúcar, conseguem, sob o sol causticante, sonhar com dias melhores.

Dedico este trabalho !

AGRADECIMENTOS

A Deus Altíssimo, pela força no dia-a-dia.

Ao meu orientador, Professor Doutor Fadel David Antonio Filho, pelo crédito a esta pesquisa, apoio e paciência.

Ao meu marido Sergio Custódio, pela parceria e amor, e aos meus filhos Sergio Filho e Bruna Castilho.

Aos meus pais, Wenceslau Castilho e Jacy Torres Castilho, por terem me ajudado sempre, em todos os meus estudos.

À Professora Marisa Merli Antonio, pela dedicação e carinho com nosso trabalho, sem o que seria difícil chegar até aqui.

Aos amigos queridos, que de tantos seria impossível nomeá-los, que me ajudaram no decorrer deste trabalho, dando-me força e coragem para continuar.

A todos os que, gentilmente, contribuíram com informações, depoimentos, fotografias para esta pesquisa.

RESUMO

O Cururu é uma manifestação folclórica caipira de origem ameríndia e portuguesa. É característico da região geográfica conhecida como Médio Tietê, que compreende municípios como Piracicaba, Sorocaba, Laranjal Paulista, Tietê e outros. É um desafio poético acompanhado pela viola, que hoje tem forte expressão no município de Piracicaba, o qual teve na formação de seu povo o cruzamento de brancos, com predominância dos bandeirantes, e índios. Desse cruzamento surgiu o caipira, que hoje, representado pelo homem do campo, mantém viva esta tradição. O objetivo deste estudo é mostrar como uma manifestação folclórica popular tão antiga sobrevive, ainda hoje, num município como Piracicaba, considerado relativamente grande e moderno, e plenamente inserido no processo de Globalização.

Palavras-chave: cururu, Piracicaba, caipira, folclore popular, globalização, resistência cultural.

ABSTRACT

Cururu is a traditional rustic expression from Portuguese and American origins. It is characteristic from a geographic region known as Medium Tiete, which embraces municipal districts such as Piracicaba, Sorocaba, Laranjal Paulista, Tiete, among others. It is a poetic challenge on viol, which nowadays, has a strong appeal into Piracicaba's municipal district, that had in its people formation the cross-breeding between the white, predominating men from early expeditions, and Indians. From this crossing grew up the rustic people represented nowadays by the country man. The purpose of this study is to show how a, so ancient popular folkloric manifestation, survives, even today, in a city as Piracicaba, considered a relatively big and modern town totally inserted into the globalization process.

Keywords: cururu, rustic people, popular folklore, Piracicaba, globalization, cultural resistance.

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

Figura 1 - Municípios que compõem a região do Médio Tietê

Foto 1 - Os Bonecos de Elias. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 22 dez. 2002

Foto 2 - Salto de Piracicaba. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 01 ago. 2005. p.4

Foto 3 - Carga de Canoas. Oscar Pereira da Silva (1867-1939) Desenho original de Hercule Florence (1804-1879). **Jornal de Piracicaba**. 01 ago.2003.

Foto 4 - Casa do Povoador. **Jornal de Piracicaba**. 01 ago. 2005.

Foto 5 - Plantador de Cana (Bóia-fria). **Jornal de Piracicaba**. 01 jul. 2006

Foto 6 - Praça da Matriz de Piracicaba. **Jornal de Piracicaba**. 01 ago. 2003.

Foto 7 - O Engenho Central de Piracicaba. **Jornal de Piracicaba**. 01 ago. 2004, p.20.

Foto 8 - Corte de cana-de-açúcar no município de Piracicaba. **Jornal Gazeta de Piracicaba**. 01 ago. 2004, p.08.

Foto 9 - Vista Geral da Usina Costa Pinto, na Rodovia Piracicaba- Carqueada, líder na exportação de açúcar e álcool. **Jornal Gazeta de Piracicaba**. 01 ago. 2004, p. 10

Foto 10 - “Rio das Pedras”. Representantes do M.P. durante a operação na Usina São José. **Jornal de Piracicaba**. 01 ago. 2004

Foto 11 - Alojamento da Usina Costa Pinto, localizado no bairro Limoeiro, a 12 Km da Usina. Abriga cerca de 300 trabalhadores. **Jornal Gazeta de Rio Claro**. 01 ago.2004

Foto 12 - O cururueiro Moacir Siqueira acompanhado dos modeiros de viola: Brasiliense, Américo e J. Rodrigues. Supermercado Delta, Vila Rezende, maio 2006. Acervo Dinah Castilho.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Metodologia da Pesquisa.....	3
I-Antecedentes Históricos	5
1.1 Aspectos Geográficos.....	7
1.2 Ocupação do Território.....	9
1.3 Formação do Povo Piracicabano.....	19
II- O Ciclo Canavieiro no Município de Piracicaba.....	26
2.1 A Evolução da Agricultura Canavieira na Região de Piracicaba.....	28
2.2 A Produção Açucareira Contemporânea e Suas Implicações Sociais.....	42
2.3 A Percepção das Mudanças.....	54
III- O CURURU e sua Sobrevivência frente à Globalização.....	68
3.1 As Origens do Cururu.....	71
3.2 As Características do Cururu.....	79
3.3 A Memória através do Cururu e Sua Resistência frente à Globalização.....	90
Considerações Finais.....	104
Referências.....	108

INTRODUÇÃO

A idéia desta pesquisa surgiu após a realização de um trabalho de especialização, durante o período de 2003-2004, no qual focamos as manifestações folclóricas no município de Piracicaba, Estado de São Paulo. Nessa pesquisa refletimos sobre o folclore caipira, especialmente o cururu, a moda de viola e a catira ou cateretê. Focamos nosso trabalho nas formas como têm sobrevivido tais manifestações no referido município, em face dos imperativos do processo de globalização.

A partir daí, então, abriu-se um viés para que enfocássemos mais detalhadamente o cururu, frente a uma época de grandes diversidades e contradições.

A fim de facilitar a compreensão do cururu como uma manifestação folclórica caipira, consideramos pertinente discutir o cenário inicial que proporcionou a ocupação do espaço onde hoje se insere o município de Piracicaba.

Para tanto, estudamos os aspectos geográficos, os antecedentes históricos e a formação do homem piracicabano. Vale ressaltar que na formação do caipira, no município estudado, foram extremamente importantes dois fatores: a etnia indígena, especificamente dos paiguás, e a participação dos colonizadores portugueses.

Ao nos aproximarmos dos aspectos geográficos que caracterizam o município de Piracicaba, verificamos que este se localiza na parte central do Estado de São Paulo, sendo drenado por uma rede hidrográfica pertencente à bacia fluvial do rio Paraná. Às margens do rio Piracicaba desenvolveu-se, histórica e economicamente, o município que possui o mesmo nome.

Foram o rio e o solo de massapê as molas propulsoras de todo seu desenvolvimento econômico. No entorno desses elementos naturais fez-se presente, desde os primórdios de sua ocupação, a vocação deste município para o cultivo da cana-de-açúcar. Piracicaba sempre manteve forte o seu cultivo, mesmo quando ao final do século XIX e início do XX a cultura cafeeira atingiu a região. Daí, então, a

intrínseca necessidade de se compreender a dinâmica da produção açucareira em Piracicaba, desde o início até os dias de hoje, perpassando pelos problemas enfrentados pelos “bóias-frias”, trabalhadores rurais que atuam no município.

O estudo do ciclo canavieiro em nosso município também é extremamente importante para o entendimento do caipira, tendo em vista que este, atualmente, ocupa o espaço do homem que trabalha nas roças de cultivo de cana-de-açúcar e de outras culturas.

Nesta trajetória, chegamos ao cururu, sua expressividade e, principalmente, sua sobrevivência. Inicialmente tido como uma dança tradicional, sobrevivente da dança ameríndia, o cururu era utilizado pelos jesuítas na catequese dos índios. Sendo dançado dentro e fora dos templos, paulatinamente foi se tornando popular e fazendo parte de diferentes festejos.

Hoje, o cururu é considerado uma manifestação folclórica caipira, sempre lembrada como tendo sido absorvida pelos bandeirantes, misturada às raízes portuguesas, e assim chegando até nossos dias.

Nosso principal questionamento em relação ao cururu é como esta manifestação permanece viva e presente num município como Piracicaba, relativamente grande e moderno.

Para responder aos propósitos de nossa pesquisa, apresentamos a **Metodologia** utilizada e dividimos este trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo, denominado **Antecedentes Históricos**, busca esclarecer ao leitor os aspectos histórico-geográficos do município estudado, situando-o no Estado de São Paulo. No segundo capítulo, **O ciclo canavieiro no município de Piracicaba**, construímos um panorama da agricultura canavieira do século XVII até nossos dias, buscando conhecer o papel do caipira ao longo deste processo.

O terceiro capítulo, cerne desta pesquisa, que tem como título **O cururu e sua sobrevivência frente à Globalização**, analisa o cururu propriamente dito, suas manifestações, suas origens e sua sobrevivência. Por fim, as **Considerações Finais**.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Entendemos nossa pesquisa como inserida no caráter interpretativo do cotidiano dos cururueiros e violeiros do município de Piracicaba- São Paulo.

Para tanto, é necessário esclarecermos que nossos estudos não possuem um único objetivo, o de somente descrever os fatos relevantes pertinentes ao universo destes homens que rimam seus versos com maestria e habilidade e dos que tocam suas violas, tendo aprendido este instrumento com seus pais ou mesmo sozinhos.

Nossa intenção maior é a de nos juntarmos a inúmeros pesquisadores do cururu, contribuindo, com este trabalho, para que entendamos a resistência dessa manifestação folclórica caipira até os dias de hoje.

Dessa forma, entendemos o seu cotidiano como algo que se constrói, entre outros aspectos, pelos fatores culturais e étnicos, envolvendo cururueiros, violeiros, pesquisadores, pessoas oriundas de diferentes formações profissionais, pessoas possuidoras, portanto, de diferentes comportamentos que interagem o tempo todo.

Escolhemos a abordagem qualitativa, que permite a compreensão do significado dos comportamentos estudados, através da metodologia da história oral.

Considerando que a nossa pesquisa tem como objeto as inter-relações do cururu e da história econômica e cultural do município de Piracicaba, a nossa principal indagação é: como uma manifestação folclórica caipira tão antiga pode estar viva e presente, ainda hoje, num município como Piracicaba, considerado um município relativamente grande e moderno?

Classificamos esta investigação como um estudo etnográfico, que teve respaldo em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Procuramos também entrelaçar os dados da história e da memória, no intuito de uma melhor compreensão a respeito do cururu, principalmente em relação às mudanças que esta manifestação folclórica sofreu ao longo do tempo.

Judas Tadeu de Campos (2003), ao falar sobre a importância de se juntarem os dados da história e da memória, afirma:

(...) A memória é sensível e afetiva. Mas uma pesquisa fundamentada apenas na memória pode se tornar pobremente científica. Por outro lado, a história, que não se integra à memória arrisca ficar fria e desencarnada. (CAMPOS, 2003. p.60)

Tratando-se de uma pesquisa fundamentada na história oral, escolhemos como sujeitos das entrevistas que compõem este estudo, moradores de diversos bairros do município de Piracicaba, tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais. Todas as pessoas entrevistadas possuem envolvimento com o cururu, muitas das quais aprenderam a cantar ou a tocar viola com parentes, como pais, tios e irmãos.

Também foi de fundamental importância nossa busca junto à Biblioteca Pública Municipal, onde encontramos farto material em jornais do município e em várias obras que nos auxiliaram no trato deste tema. Autores como Alceu Maynard Araújo (1964), Carlos Rodrigues Brandão (1983), Giselda Lombardi Ercolin (2005), Marly T. Germano Perecin (1994) e Eliana Tadeu Terzi (2001), entre outros, sustentaram a pesquisa bibliográfica desta tese.

É fato observável no panorama intelectual piracicabano que, entre os mais marcantes especialistas nas disciplinas das ciências humanas e sociais, destaca-se o trabalho de Maria Celestina Teixeira Mendes Torres. Tendo cursado Geografia e História entre 1935 e 1938, como integrante da segunda turma da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, Torres lecionou em diversas escolas de Campinas e Piracicaba.

Como historiadora, já há muito tempo a interdisciplinaridade se fazia visível em seu trabalho, como bem atesta “Piracicaba no século XIX”, uma interpretação original das mudanças econômicas, sociais e políticas ocorridas no referido município no século XIX, obra que também fundamentou nossa pesquisa.

Não temos como principal objetivo deste estudo traçar uma retrospectiva da história oral desenvolvida por historiadores e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. O que mostramos são apenas algumas informações que julgamos relevantes para a exposição da pesquisa realizada.

I - ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Os bonecos de Elias

Dinah Castilho

Tu me vestiste, Elias
com a sabedoria
dos velhos espíritos dançantes,
à beira do rio.

Em tuas mãos, sou o índio paiaguá
bailando em águas
piscosas e cristalinas

Descobriste em mim
a lavadeira de mãos ásperas e rudes,
batendo nas pedras do caminho
as roupas dos teus irmãos

Colocaste os trajes humildes do caipira,
caboclo dos capoeirais
filho do índio e do imigrante

Então dancei, sob a luz do luar,
os passos, com os pés descalços
no ritmo da catira

Somente tu, filho das matas
sondaste meus desejos.
Proletário dos engenhos
de cana-de-açúcar
batido, melado, mascavo
deitaste sobre meu corpo
a roupa rompante dos deuses

Quando aqui cheguei
forçado à escravidão
vindo de além-mar
tu me encantaste.
Com as vestimentas
Puro algodão dessas bandas do Tietê

Como pescador,
olhaste o fruto da espera
para banquetearmos na lauta mesa
Minha rede lançaste às águas,
para alimentar famílias inteiras

Tu soubeste, artesão da vida,
por quantos caminhos andei.
Minha alma vagou mundo afora
Porém, meu coração plantaste
Nestas margens,
Abraçadas para sempre!

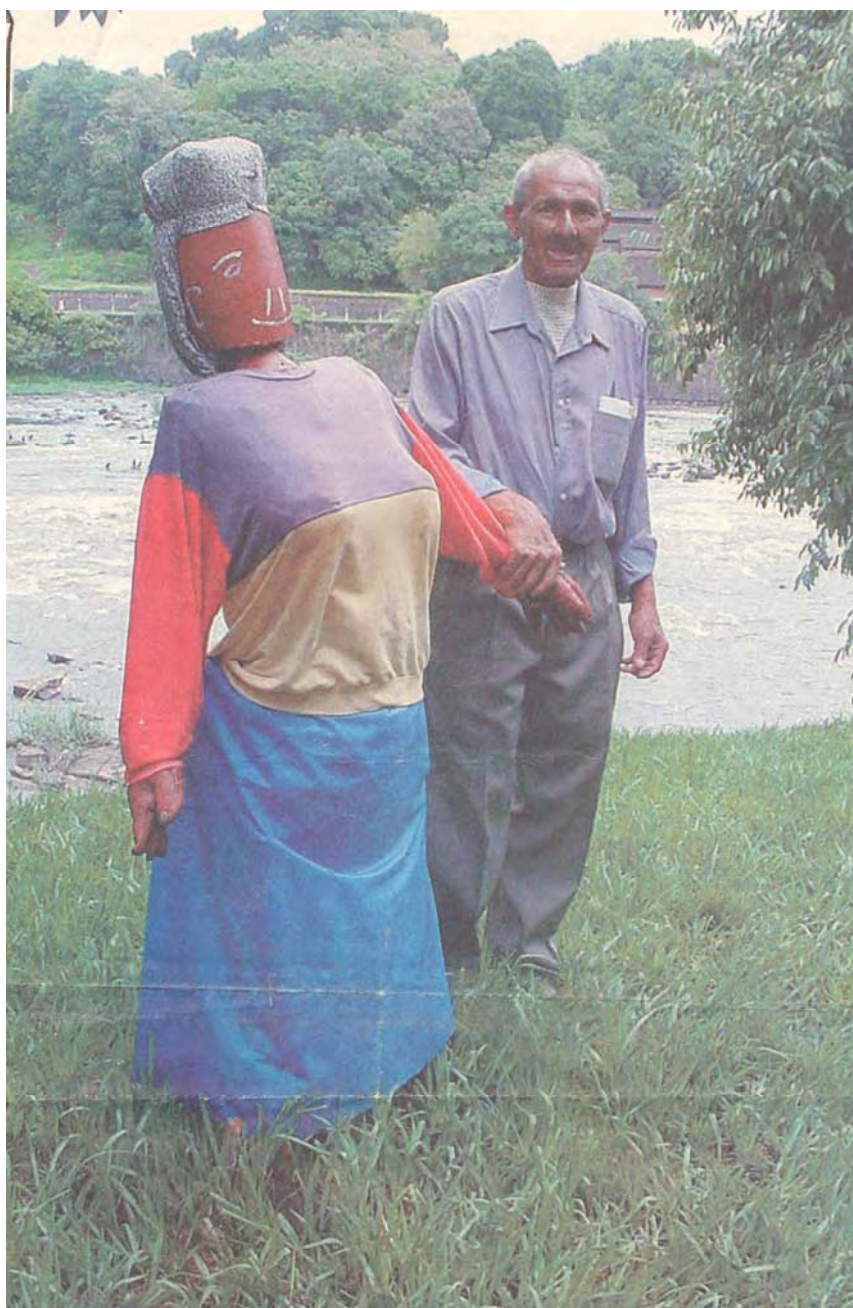


FOTO 1 – Os Bonecos de Elias (Bonequeiro que confecciona bonecos de madeira vestidos como pescadores e os finca na barranca do Rio Piracicaba).
Fonte: Jornal de Piracicaba. 22 dez. 2002

1.1- Aspectos Geográficos

As terras que hoje constituem o município de Piracicaba – SP- localizam-se na região geográfica conhecida como Depressão Periférica Paulista. Inserem-se numa faixa de terrenos sedimentares, caracterizada por um relevo ondulado, que se interlaça entre o planalto cristalino e o planalto arenito- basáltico.

As palavras de Clemente (2003), Professor do Departamento de Solo e Nutrição de Plantas na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, expõem, no Jornal de Piracicaba, o contexto geológico de Piracicaba, de maneira cristalina.

No contexto geológico, a cidade de Piracicaba se encontra na bacia do rio Paraná. O Estado de São Paulo, como um todo, tem 80% de sua área nesta bacia e 20% do Estado estão no Planalto Atlântico. A cidade está localizada em uma superfície geomorfológica, chamada depressão periférica, que é uma parte baixa, que contrasta com o planalto Atlântico (CLEMENTE, apud CRUZ FILHO, 2003, pp. 4 e 5).

Partindo da análise de sua geologia, é possível observar a importância da presença de diabásio em seu relevo, o que vem a configurar a presença de solos férteis. Isto favoreceu a expansão da cultura de cana-de-açúcar, assunto que será focado mais substancialmente no decorrer de nosso trabalho.

O município é banhado pelo rio Piracicaba, afluente do Tietê, o qual corta o município ao meio no sentido leste-oeste. (FERREIRA, 2006).

Para comentarmos a respeito deste rio, tendo em vista sua importância na formação do município que estamos estudando, achamos conveniente uma explicação a respeito do que representa o conceito de bacia hidrográfica.

Buscamos em Monticeli e Martins (1993, p.32) tal definição:

A bacia hidrográfica é, portanto, uma unidade natural que corresponde à extensão de terras onde todas as águas de chuva e dos rios correm em direção ao rio principal. Este rio principal é que dá o nome a uma bacia hidrográfica.

Os mesmos autores também explicam que a separação de bacias é um critério técnico e subjetivo. Para eles, “(...) as denominações podem ser sub-bacias ou micro-bacias”, para designar bacias hidrográficas menores (MONTICELI e MARTINS, 1993, p.32).

Ferreira (2006) complementa as idéias já expostas ao abordar o fato de que, atualmente, devido ao acirramento dos interesses por vezes conflitantes sobre o direito de uso da água, o Estado de São Paulo, juntamente aos municípios e a sociedade civil, criou o Conselho de Recursos Hídricos – C.H.R.

Para tanto, Ferreira (2006) salienta a subdivisão feita nas grandes bacias hidrográficas, a qual facilita as tomadas de decisões regionais sobre os recursos hídricos. O autor ressalta:

O município de Piracicaba está localizado em duas dessas unidades hidrográficas: UGRHI-05 Piracicaba/Capivari/Jundiaí e UGRH-10 Tietê/Sorocaba, sendo que somente a região sudoeste de Piracicaba faz parte da última. (FERREIRA, 2006, p. 21)

Costa (2004) explica que o rio de Piracicaba surge da confluência de outros dois rios, o Atibaia e o Jaguari, no município de Americana. O Atibaia origina-se, portanto, da confluência dos rios Atibainha e Cachoeirinha e o rio Jaguari tem sua nascente localizada no Estado de Minas Gerais.

Barros (apud Costa, 2004), descreveu o rio Piracicaba, em 1883, no jornal Gazeta de Piracicaba, da seguinte forma:

Piracicaba é uma palavra guarani composta de **pira** – peixe e **cicaba** – fim, significando que aqui acaba a abundância de peixe que acima do salto desta cidade já não é abundante.

O nome foi primitivamente dado ao salto do qual se estendeu a todo o rio, e do rio á cidade, que lhe adorna a margem esquerda.

Entre a Serra de São Pedro, á direita e o Serrote e a do Congonhal á esquerda, corre o rio Piracicaba, formando cinco léguas acima da cidade, pela confluência do Jaguari e do Atibaia e vai lançar-se no Tietê, quatorze léguas abaixo da cidade, as quais percorre com um muito sereno torrente, que o capitão de fragata Antonio Mariano de Azevedo reputa em 27 léguas.

Seus afluentes mais importantes são á esquerda os ribeirões do Barbosinha, que serve de divisa entre este município e o de Santa Bárbara, o Tijuco Preto, O Piracaia-mirin, o Bernardo, Congonhal e Claro; á direita os ribeirões Água Santa, o Guamirim, rio Corumbataí, que nasce nas montanhas existentes entre os municípios de Rio Claro e Bethlem do Descalvado que recebe já neste município o Passa Cinco e lança-se no Piracicaba, uma légua abaixo da cidade; e depois os ribeirões do Saiveiro, do Limoeiro, que divide este município de São Pedro. (BARROS, apud COSTA, 2004, pp. 53,54)

Piracicaba, na língua tupi-guarani, significa, portanto, “lugar onde o peixe pára” ou “lugar onde o peixe chega” ou ainda “lugar onde se juntam os peixes” e até mesmo “rio por onde sobem os peixes”. (ERCOLIN, 2005).

1.2 – Ocupação do território

Conforme Terci (2001), é imprescindível relacionarmos o início do povoamento de Piracicaba com a descoberta do ouro na região mineira do Mato Grosso, no Centro Oeste brasileiro. Nesse contexto, colocam-se como personagens principais os bandeirantes, que em suas trajetórias em busca de ouro e esmeraldas enfrentavam várias dificuldades ao adentrarem o sertão: lutas contra índios, doenças do sertão e, muitas vezes, a própria morte.

Considerando ainda as especialidades das entradas e bandeiras, ambas foram expedições colonizadoras que atravessaram o interior do Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII, conforme cita Ercolin (2005).

Ainda de acordo com Ercolin (2005), essas primeiras expedições tinham como objetivo desbravar terras, além de combater as tribos indígenas. Entretanto, as bandeiras se consolidaram com objetivos estritamente econômicos, já que sua ambição maior era encontrar pedras preciosas.

Assim, numa análise mais criteriosa desse processo, destacamos o seguinte estudo:

Igualmente pesquisando minerais, e preando índios, teriam partido da Capitania de São Vicente algumas Bandeiras, tendo atingido zonas compreendidas atualmente em território mineiro. Deste tipo é citada a Bandeira de André Leão e de Lourenço Castanho Taques. Porém, a Bandeira mais notável só viria quando, tendo em vista a renovação do convite feito pelo Governo incentivando Fernão Dias Paes a partir em busca de esmeraldas e prata. O já idoso preador de índios, aceitando a incumbência, preparou formidável expedição contando com pequena ajuda oficial e grande dispêndio dos próprios bens. Seguiram para a caravana numerosos homens brancos, indígenas e mamelucos, e várias figuras de destaques como os sertanistas Matias Cardoso de Almeida, Antônio Gonçalves Figueira, além do próprio genro de Fernão, Manuel Borba Gato, e seu primogênito, Garcia Rodrigues Paes (ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA, v.1, 1981, p. 231).

Junto a inúmeros autores, os quais temos consultado, estão nomes como o da historiadora Marly Therezinha Germano Perecin, que tem dado imensa contribuição em estudos aprofundados sobre os “antigos caminhos paulistas”. Segundo ela, centenas de anônimos sertanejos se ocupavam em desbravar novas trilhas, para, principalmente, subsidiar e abastecer as áreas de mineração em Mato Grosso.

De acordo com Perecin (1994), diante das inúmeras dificuldades de abastecimento e comunicação, por volta de 1721 já se intencionava uma abertura terrestre entre São Paulo e Cuiabá, conhecido como o famoso “Picadão de Mato Grosso”.

Foi dom Rodrigo César de Menezes, então governador da Capitania de São Paulo, quem procurou estabelecer este caminho, conforme aponta Terci (2001).

Perecin (apud TERCI, 2001, p. 20) revela:

Este é um dos primeiros personagens documentados da historiografia piracicabana. Realizou-a provavelmente, no segundo semestre de 1722 ou no primeiro semestre de 1723, completando a variação dos sertões do Tietê e do Capivari, até o porto do Rio Piracicaba.

Luís Pedroso de Barros e Felipe Cardoso foram os dois sertanistas que se propuseram a essa incumbência, haja vista serem experientes sertanistas.

Terci (2001, p. 20) aponta que:

Foi Luís Pedroso de Barros, cabo de guerra, quem assumiu para si e o grupo que comandava o desafio de viabilizar a pretendida ligação terrestre. Tendo celebrado contrato como Felipe Cardoso, sertanista ituano e homem de sua confiança, partiu com o objetivo de abrir a primeira picada, que seria o segmento inicial do Picadão do Mato Grosso (...).

Esta informação se completa em Perecin (1994, p. 13):

(...) Era um grande nome, exímio conhecedor dos caminhos, particularmente no Oeste paulista; a sua gente ardia por mobilidade e aventuras. Quem eram? Todo tipo de agregados, inclusive a parentela e os amigos, mais a valente caboclada e os bugres.

De acordo com Perecin (1994), sendo um legítimo sertanista, Luís Pedroso de Barros fez uma proposta ao governador português (na realidade um pedido de indulto), oferecendo seus serviços em permuta à absolvição, por um crime que não teria cometido.

Nesse contexto, faz-se necessário explicar que, sendo conhecedor de caminhos, questão de fundamental importância na época, Luís Pedroso de Barros envolveu outras pessoas nesta empreitada, sendo eles parentes, amigos, caboclos.

Com uma média de sete a oito dias, os entradistas conseguiram atingir o porto, fixado ao pé do Salto, no rio Piracicaba, através do caminho fluvial do Tietê e do Piracicaba. No início do século XVIII, os paulistas se referiam aos sertões de Piracicaba sempre atrelando-os ao seu rio, fazendo referências à “paragem de Piracicaba” e ao “porto de Piracicaba”, pois este último possuía localização precisa ao pé do Salto. (PERECIN, 1994).

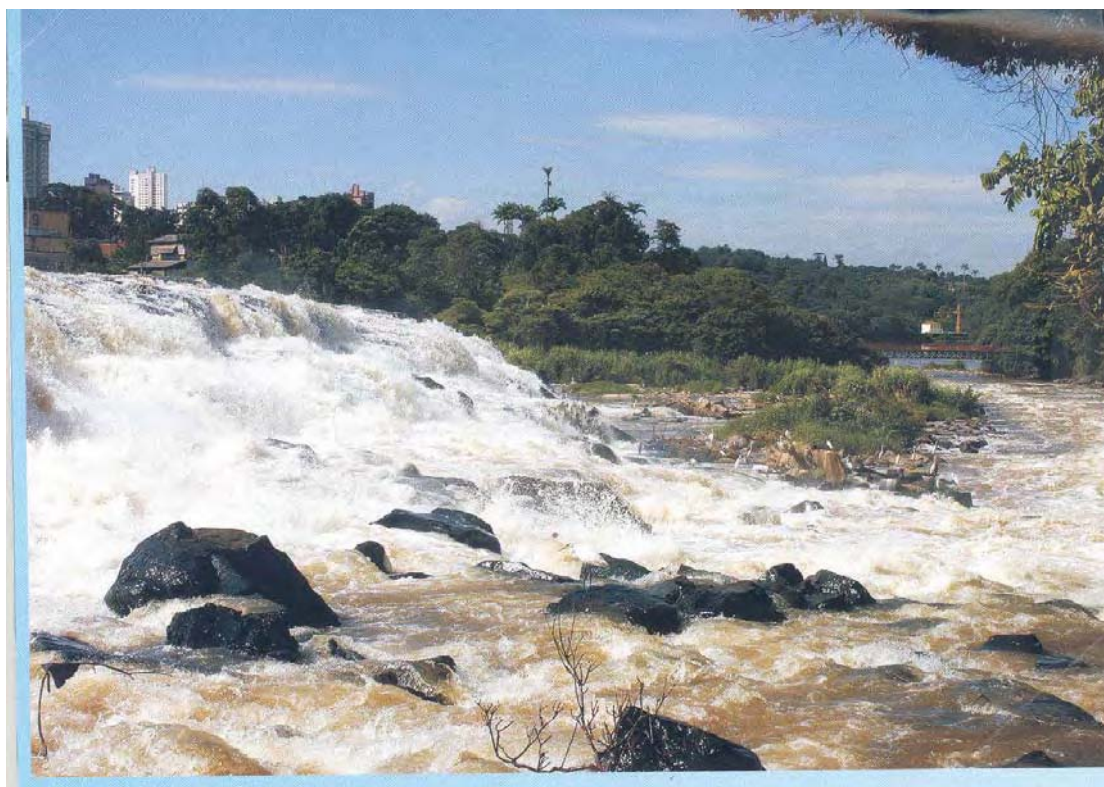


FOTO 2 – Salto de Piracicaba.
Fonte: Jornal de Piracicaba. 01 ago. 2005, p.4

Cabe dizer que, segundo Perecin (1994, p. 13), “os caminhos dos antigos paulistas firmaram-se sobre as velhas trilhas indígenas e eram objeto de maior segredo”.

A partir dessas colocações, é preciso nos remetermos à lealdade e ao trabalho desenvolvido por Felipe Cardoso, sendo amigo leal de Luís Pedroso de Barros, que após a abertura do caminho trabalhou intensamente junto ao porto, vindo a oferecer subsídios a todas as situações surgidas, facilitando desta forma os trabalhos de Luís Pedroso de Barros.

O texto seguinte explica que Felipe Cardoso

(...) Haveria de aguardá-lo, dar-lhe passagem sobre o rio, abastecer-lhe a expedição, guarnecer-lhe a retaguarda, enquanto perdurasse a devassa no rumo do rio Paraná. Era o vínculo permanente com os centros da civilização, Itu, Santana de Paraíba, São Paulo (PERECIN, 1994, p. 13).

Entre as medidas tomadas por Felipe Cardoso, na intenção de auxiliar Luís Pedroso de Barros, consta, inclusive, o fornecimento gratuito de víveres a Luís Pedroso de Barros, no processo de abertura do Picadão de Mato Grosso.

Foi também Felipe Cardoso quem recebeu a primeira sesmaria da região, concedida por Portugal. Conforme Martins (1998, p.07):

(...) a primeira sesmaria concedida na região de Piracicaba, em 1726, foi a de Felipe Cardoso, que vivia em Itu e que teria aberto uma estrada entre as duas localidades, embora existam indícios da concessão de uma sesmaria em 1693, que não foi efetivamente ocupada pelo proprietário Pedro de Moraes Cavalcanti.

Nesta época (século XVIII), apesar das expectativas de Felipe Cardoso em prosperar, tornando a sesmaria repleta de avanços agrícolas, povoando-a e desenvolvendo-a, imediatamente a mesma veio a decair, em detrimento das ordens dadas por Portugal, para a desativação do Picadão. (PERECIN, 1994).

Tal fato ocorreu porque, tendo em vista constantes preocupações com o possível desvio de ouro, em 1726 este caminho foi fechado pelo Governador da Capitania de São Paulo, dom Rodrigo César de Menezes, que utilizando-se de todas as medidas opressoras exigiu tal fechamento.

Esta mudança, ou seja, o fechamento do Picadão de Mato Grosso forçou um novo trânsito para a região Centro-Oeste, sendo agora feito somente através dos rios. Desse modo, as estratégias de se estabelecer um núcleo de povoamento fortalecido fracassaram.

Esta nova geograficidade, ou seja, homem-lugar, passou a adquirir novos aspectos, o que é explicado por Perecin (1994, pp. 12,13):

Obrigando o trânsito para o Centro-Oeste tão somente pelos rios, com a finalidade de “evitar os descaminhos do ouro e outros expedientes inconfessáveis”, D. Rodrigo Cesar de Menezes confinava os mineiros de Mato Grosso e Guaporé, sujeitando-os à difícil rota das monções, a fim de submetê-los aos Registros instalados nos pontos principais das passagens.

Desse modo, as terras pertencentes ao chamado sertão de Piracicaba, a partir de então ficaram relegadas a produzir canoas transportadoras de minério de ouro.



FOTO 3 - Carga de canoas. Oscar Pereira da Silva (1867-1939).
Desenho original de Hercule Florence (1804 -1879)

O embrião outrora desenvolvido por Felipe Cardoso passou então a ser conhecido ora pela retaguarda oferecida ao movimento monçoneiro, ora por oferecer abrigo aos que procuravam os Campos de Araraquara ou Tietê (PERECIN, 1994).

Observa-se que a própria autoridade parecia desconhecer a exata localização de Piracicaba, “aquela paragem do sertão”, conquanto, aos mais avisados, a sesmaria de Felipe Cardoso, estabelecida à beira do Picadão para Mato Grosso, tinha exata localização, junto ao porto, ao pé do Salto. Deste recurso valiam-se os mineiros, salvando-se nas “canoas cuiabanas” do Piracicaba (PERECIN, 1994, p.19).

Segundo Perecin (1994, p. 12),

O declínio dos rendimentos da mineração, a partir de 1732, a ligação terrestre entre Cuiabá e a estrada nova de Goiás, em 1737, a separação de Mato Grosso da Capitania de São Paulo e a extinção desta, em 1748, liquidaram as chances de ocupação e povoamento no sertão de Piracicaba, até 1767.

A concessão de cartas de sesmarias, no entanto, continuou a ocorrer em diversas regiões adjacentes.

Sobre este fato, Truzzi (2000, p. 23) faz o seguinte apontamento:

A partir de fins do século XVIII, a história local registra um intenso movimento de apropriação de terras através da disputa pela concessão de cartas de sesmaria. A maior parte dos donatários provinha de famílias nas regiões de Campinas, Itu ou Piracicaba. Vários deles ocupavam cargos públicos de notoriedade ou já haviam prestado relevantes serviços à Coroa (...).

No caso específico da doação de sesmarias, estas se caracterizaram como um processo inerente aos interesses da Coroa, que se utilizava desse recurso visando melhoramentos nas terras, tais como a demarcação das mesmas, a construção de pontes, a busca pela abertura de novos caminhos, na medida em que existissem maiores necessidades, sempre atendendo aos anseios de Portugal.

No caso da sesmaria de Felipe Cardoso, a mesma encontrou sérias dificuldades, atreladas ao fato da proibição do uso do picadão, estabelecida pelo Capitão General Dom Rodrigues de Menezes.

Entretanto, é imprescindível a compreensão de que esta sesmaria, apesar de todas as dificuldades, tenha representado, historicamente, um processo de povoamento inicial. Nesse momento Portugal, inserido no sistema mercantilista, influenciava as rápidas modificações ocorridas na Colônia.

Deste modo, destaca-se o trabalho de Perecin (1994, p. 16), constatando que “tudo relaciona-se aos imprevisíveis da política mercantilista portuguesa aplicada à Colônia, aos ditames que ora valorizavam ora desvalorizavam os sertões do Vale Médio do Tietê”.

Torres (2003, p. 33) afirma que:

confirmada pelo Conselho Ultramarino, a seis de fevereiro de 1728, pelos melhoramentos por Felipe Cardoso, pode ele ser considerado o primeiro morador ou povoador de Piracicaba, perfeitamente documentado no livro 18 dos Ofícios do Conselho Ultramarino junto ao Governo Português, Fl. 135.

Para um melhor entendimento da estagnação econômica ocorrida na sesmaria de Felipe Cardoso, entre os anos de 1730 e 1766, deve-se pensar na mineração ocorrida no Mato Grosso, como um fator desencadeador desta situação.

Diante do que afirmam alguns pesquisadores, após a morte de Manuel Corrêa Arzão, sertanista que permaneceu na “Povoação de Piracicaba” entre 1733 e 1736, Piracicaba tornou-se apenas um referencial geográfico (PERECIN, 1994, p.21). Contudo, continuavam-se reforçando as monções, permanecendo neste espaço alguns posseiros e pouco gado.

Nos anos que se seguiram ao bloqueio do picadão, Piracicaba conformou-se em ser apenas uma paragem no caminho de Cuiabá. Neste período, há ainda relatos sobre as guerras promovidas pelos bandeirantes contra os índios paiaguás, pois os mesmos atacavam as monções que partiam de Araraitaguaba (PERECIN, 1994).

Na verdade, o sertão de Piracicaba continuava a ser usado para a prática da lavoura e a servir de passagem para as expedições cuiabanais.

Felipe Cardoso beneficiou-se da sesmaria até 1760, quando a transferiu “ao sobrinho Francisco Cardoso de Campos” (PERECIN, 1994, p. 15).

O fato de Piracicaba possuir um rio que permitia o acesso ao rio Tietê não contribuiu para que houvesse um efetivo povoamento no sertão de Piracicaba, cujas terras somente viriam a ser povoadas em 1767.

O fato relevante neste período foi a existência da Colônia Militar de Iguatemi. Nesta época, Piracicaba era referência de pouso e abastecimento para a mesma.

A realidade econômica do período que estamos retratando contava com a agricultura de subsistência e, preponderantemente, a produção de barcos.

A mudança em direção à ascensão do sertão de Piracicaba pode ser notada somente a partir de 1767, quando Piracicaba estabeleceu-se como Povoação.

Perecin (1995) explica que em 1773 a área urbanizada restringia-se a algumas casas, ocupando pouco mais de 30.000 m³ e uma população de 183 habitantes. Em 1774, a povoação constituiu-se em Freguesia, fato que aconteceu, apesar de, por inúmeras vezes, ter sido protelado.

Assim sendo, temos então que foi o ituano Antonio Correa Barbosa a concretizar tal feito, designado pelas mãos de Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, capitão general da Província, à época. (MARTINS, 1998).

Neste aspecto, Martins (1998) faz alusões ao fato da colônia de Iguatemi ter contribuído para que se instalasse em Piracicaba o primeiro Estabelecimento Industrial, ou seja, uma fábrica de barcos. Isto é compreendido pelo fato de que, por muitos anos, essa colônia seria abastecida por Piracicaba, o núcleo urbano enraizado nas margens do rio do mesmo nome, através do Capitão Antônio Corrêa Barbosa. (MARTINS, 1998, p.7).

Ainda no citado texto, Martins (1998, p.7) ressalta que Antonio Correa Barbosa “acabou se fixando, com seus seguidores, na margem direita do Rio Piracicaba, nas proximidades do então já formoso salto, onde já viviam os bravos sertanejos”.

Com crescente ânimo, Piracicaba investia grandemente na produção de barcos, sem, portanto, atrair sesmeiros.

A citada fase perdurou até a tomada de Iguatemi pelos espanhóis, dez anos após Piracicaba ter se estabelecido oficialmente.

O povoamento de Piracicaba é explicado por Terci (2001, p. 20) a seguir:

Foi em defesa do Centro Oeste brasileiro que o povoamento de Piracicaba voltou à cena, fundado oficialmente a 10 de agosto de 1767 pelo Morgado de Mateus dom Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão – executado pelo nomeado Povoador, Antonio Corrêa Barbosa (...).

Nesse momento, as terras de Itu mostravam sinais de desgaste, em consequência da concentração dos engenhos de açúcar naquela região, e foi então que se decidiu pelo traslado da população para a margem esquerda do rio Piracicaba.

O cenário desta mudança iria proporcionar uma nova fase econômica em Piracicaba, com pleno destaque para a produção de cana-de-açúcar.

Perecin (1994) refere-se ao Capitão Povoador do município de Piracicaba como o comprador das terras pertencentes à margem esquerda do rio Piracicaba. Assim esta autora escreve que “(...) O Capitão Antônio Corrêa Barbosa comprou e pagou à vista, pelo valor de oitenta mil réis, o chão para onde trasladou a Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba”. (PERECIN, 1994, p.23)



FOTO 4 – CASA DO POVOADOR.
Fonte: Jornal de Piracicaba. 01 ago. 2005, p.3

De Perecin (1994) vem também a constatação de que, com a mudança para a margem esquerda do rio, em 1784, houve uma intensificação na concessão de sesmarias e nova caracterização econômica das terras férteis desta margem, ou seja, o aproveitamento e a intensificação dos canaviais.

Assim, novas fronteiras deste espaço geográfico passaram a empregar, principalmente, a mão-de-obra escrava na formação organizacional dos engenhos de açúcar batido e aguardente.

Para Perecin (citada em Terzi, 2001, p.20), este período é assim explicado:

Salvaram-na a revolução econômica provocada pela cultura da cana no velho Oeste Paulista e o traslado para a margem esquerda em busca da estrada que liga a Itu – matriz do povoamento piracicabano.

Na história da cultura da cana-de-açúcar neste município, não há uma data precisa em relação ao seu início. Aparecem, como referência sobre tal marco, as palavras de Torres (2003, p.90):

Pleiteando a elevação da Freguesia de Piracicaba à categoria de Vila, os seus moradores alegavam a grande quantidade de engenhos e fábricas de açúcar. Em 1818 Piracicaba possuía 32 engenhos com 676 escravos. Em 1822 já tinha 52 engenhos e 1.108 escravos. Além destes havia ainda 62 escravos que pertenciam a plantadores de cana de partido. Dez anos depois o município terá 75 engenhos e 10 plantadores de cana com uma produção que não atingia 100.000 arrobas de açúcar, apesar do grande número de escravos.

Na obra “Piracicaba no século XIX”, Torres refere-se à elevação do Povoado à categoria de Vila:

Sob o Governo Provisório, Piracicaba e Franca foram erigidas Vilas, a primeira com o nome de Vila Nova da Constituição, homenagem à Constituição Portuguesa que não teria sido assinada por todos os membros da delegação brasileira. (TORRES, 2003, p.40).

Há uma convergência entre os estudos de Torres e de Terceiro, a respeito do mesmo assunto:

(...) o governo provisório de São Paulo, organizado por José Bonifácio, que tinha como secretário da Agricultura ninguém menos que Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, deliberou pela elevação da Freguesia de Santo Antonio de Piracicaba à condição de Vila, com a denominação de Vila Nova Constituição, em homenagem à Constituição Portuguesa. (TERCEIRO, 2001, p.28)

Sobre a situação do café, também naquele período, Torres escreve:

Não era na sede do município que se encontrava o café, mas em Limeira e em Rio Claro. Em Limeira um fazendeiro obteve, em 1835, uma colheita de 350 arrobas e, em Piracicaba, o fazendeiro que colheu mais café só conseguiu 150 arrobas, ao lado de certa produção de feijão, milho e mandioca. (TORRES, 2003, p. 91).

Segundo Torres, a entrada do café na economia da Vila Nova da Constituição não chegou a ultrapassar sua produção canavieira, em nenhum momento. A autora explicita que a cana-de-açúcar, por volta da década de 1840, continuava predominando, ao mesmo tempo em que surgiam características de um centro policultor, aspecto estudado posteriormente em sua obra.

Ainda sobre a Vila Nova da Constituição, em termos de expressão urbana e desenvolvimento econômico, Torres (2003) deixa claro que, com mais de meio século de existência, às vésperas de se tornar cidade, Piracicaba, de fato, não passava de uma Vila, e, apesar de uma exuberante produção açucareira, mantinha características de economia de subsistência.

Ainda assim, a Vila estava próxima de atingir a posição de cidade, fato que ocorreu em 1856, quando a Vila Nova da Constituição elevou-se à categoria de Cidade com o nome de Constituição. (TORRES, 2003).

1.3 – Formação do povo piracicabano.

Evidenciadas as questões que perpassaram pelo povoamento inicial de Piracicaba, buscaremos a importância que tiveram os primeiros habitantes desta terra.

Reportando-nos à chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, temos que o número de índios existentes em nossas terras, naquele momento, era em torno de 2 a 5 milhões. Isso implicava em nações diversificadas, hábitos diferenciados e diferentes línguas.

O grupo indígena que predominava na região aqui estudada pertencia ao tronco lingüístico conhecido e estudado como tupi-guarani. Este povo, que tinha na pesca e na caça suas principais atividades, retirava da piscosidade do rio Piracicaba grande parte de sua subsistência.

Entretanto, desde o século XVI, o processo de colonização tinha dado início ao desmantelamento das culturas indígenas.

Foram vários os fatores que contribuíram para a progressiva eliminação das populações indígenas: exploração de sua força de trabalho, expropriação de suas terras, entre outros.

Segundo Ercolin (2005, p. 10),

(...) A fartura da pesca no rio Piracicaba e da caça na região teria atraído os primeiros habitantes para o local. Quando se tencionou ocupar o sertão do Piracicaba, havia um vazio indígena, pois o grupo tupi-guarani havia sido erradicado nos séculos XVI e XVII. Na região, essa nação era numerosa, mas com a ocupação do homem branco foi completamente extinta, restando apenas alguns vestígios materiais da ocupação indígena nos sertões de Piracicaba.

Percorrendo então os primórdios da existência de Piracicaba, vemos a importância da etnia indígena na formação cultural deste município, em cujas terras habitavam os índios Paiaguás.

Os “gentios paiaguás”, como eram chamados pelos portugueses os índios da região pantaneira, lutaram contra os invasores em canoas, das quais eram exímios pilotos, e em cavalos. Sabe-se que em uma expedição de 1725, que contava com 300 homens, apenas “dois brancos e três negros” sobreviveram ao combate com os índios. Em 1730, na embocadura do Jaguari, outra expedição foi dizimada por centenas de índios em canoas (ERCOLIN, 2005, p. 11).

Do encontro das etnias indígena e branca, ocorreu a formação do caipira, definido por Araújo (1964, p.220, v.III) como sendo o “morador do meio rural do Estado de São Paulo”. Brandão, por sua vez, ao estudar o caipira, escreve:

“Camponês”, “caboclo”, “caipira”, “roceiro”, “sertanejo”, “capião”..., com que nomes e símbolos reais ou ilusórios essa gente rural dos sertões de ontem e de agora habita o seu imaginário e o meu leitor. Que homem caipira real existiu e existe ainda hoje em São Paulo e que personagem dele há dentro de cada um de nós? O lavrador rústico cuja lavoura substituiu a dos índios? O Jeca Tatu? O povoador de sucessivas áreas de fronteiras? Os tipos engraçados de Mazzaropi e Alvarenga e Ranchinho? (BRANDÃO, 1983, p. 7).

Enaltecido por suas qualidades, estereotipado em seus defeitos, assim muitos autores detiveram-se a estudá-lo.

Enquanto Cornélio Pires, o precursor dos estudos a respeito da cultura caipira, observava neste homem características inerentes às suas credences, à simplicidade e ingenuidade que perpassavam pelo seu cotidiano, Monteiro Lobato, no contraponto de idéias, o estereotipava com adjetivos como indolente e destruidor da natureza, sendo que posteriormente o chamou de “Jeca Tatu”.

De um pólo a outro, vários autores estudaram o caipira. CORNÉLIO PIRES, AMADEU AMARAL, ALCEU MAYNARD ARAÚJO, CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, ANTONIO CANDIDO, foram alguns destes estudiosos que se debruçaram na investigação do universo que perpassa a vida e os costumes do caipira.

Em recente divulgação no Jornal A Tribuna Piracicabana, Cruz Filho (2005), referindo-se a Cornélio Pires, fez o seguinte esclarecimento:

(...) No livro “Conversa ao Pé-do-Fogo”, publicado em 1921, o tietense combate Lobato com as seguintes palavras: “O nosso caipira tem sido vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases infelizes como o jogo de palavras, (...) Pires defende o caipira como sendo um patrimônio e o responsável pela verdadeira riqueza agrícola nacional. Antes de iniciar suas histórias hilariantes e os relatos sobre o riquíssimo universo caipira, no livro defende seus personagens em diversos tipos: o caipira branco, caboclo, preto e mulato, ampliando deveras a noção em voga do caipira (...)”.

Cornélio Pires foi humorista, poeta, jornalista. Escreveu inúmeros livros, inclusive tendo sido morador do município de Piracicaba, na década de 1910. Foi nesta região que Cornélio Pires conheceu grandes violeiros e cantadores de moda-de-viola.

Apesar de cada um desses autores apontar diferentes percepções a respeito dos caipiras, é imprescindível lembrarmos que foram eles que ergueram os primeiros Engenhos de açúcar “batido ou mascavo”, em nossa região.

Ainda referindo-se aos primeiros habitantes de Piracicaba, é preciso lembrar dos caboclos, dos bugres, dos sertanistas, dos bandeirantes que por esta região passaram.

Segundo Ferreira (1988, p. 112), a palavra caboclo significa:

1. Mestiço de branco com índio; cariboca, carijó. 2. Antiga denominação do indígena. 3. Caboclo (1) de cor acobreada e cabelos lisos, cabulé, tapulo. 4. Sertanejo (5) 5.v. Caipira (1) 6. Pessoa desconfiada ou traiçoeira. 7. Entre os garimpeiros, qualquer seixo tinto por óxido de ferro. Ad. 8, Cor de caboclo; acobreado. 9. Pertencente ou relativo a caboclo. 10. Próprio de caboclo. (...).

E a palavra bugre, segundo Ferreira (1988, p. 107), significa:

1. Indivíduo dos bugres, tribo indígena do S., da região entre os rios Iguaçu e Piqueri e as cabeceiras do Uruguai. 2. Designação genérica dada ao índio, especialmente o brairo e/ou aguerrido. 3. Indivíduo desconfiado, arredio. 4. Fig. Indivíduo, grosseiro, rude. Adj. 2g. 5. Pertencente ou relativo a bugre (1). (Fem: bugra}.

À luz de esclarecimentos, não podemos esquecer que, inseridos no mesmo contexto histórico, cada um possuía seus próprios interesses: os entradistas e os bandeirantes iam em busca de ouro nas terras da região Centro – Oeste; os caboclos e os bugres, agregando-se aos sertanistas, abriam novas trilhas, conquistando novas fronteiras.

Ao nos reportarmos à época “do povoamento do município de Piracicaba”, devemos prestar atenção também a um fenômeno de suma importância: a diferença entre o que é memória e o que é história. Estes aspectos podem ter duas implicações:

1ª) o tempo da memória é afetivo, passa de geração em geração. A memória, portanto, traz consigo elementos como a afetividade. Daí então, podemos dizer que significa o tempo da vida suscetível à dialética da transformação.

2ª) Entretanto, quando se trata da história, estamos abordando a reconstrução do que não mais existe, ou seja, fazendo a representação do passado. A história se expressa em continuidades temporais. Há, então, a exigência de um discurso crítico.

Retomando o momento histórico que estamos estudando, podemos então afirmar que este foi um dos mais ricos em termos de miscigenações, situações inusitadas, comunicação, encontro de várias etnias.

A miscigenação que ocorreu neste período envolveu principalmente imigrantes, negros e índios.

Para esclarecermos melhor este fato, voltemo-nos aos estudos de Ribeiro (1995, pp. 241-243):

O contingente imigratório europeu integrado na população brasileira é avaliado em 5 milhões de pessoas, quatro quintas partes das quais entraram no país no último século [XIX].... É composto, principalmente por 1,7 milhão de imigrantes portugueses, que vieram juntar-se aos povoadores dos primeiros séculos, tornados dominantes pela multiplicação operada através do caldeamento com índios e negros.

Seguem-se os italianos, com 1,6 milhão; os espanhóis, com 700 mil; os alemães, com mais de 250 mil, os japoneses, com cerca de 230 mil e outros contingentes menores principalmente eslavos, introduzidos no Brasil, sobretudo entre 1886 e 1930. Os diversos censos nacionais registraram na população presente, porcentagens de estrangeiros e brasileiros naturalizados que sobem em 2,45% em 1890 e 6,16% em 1900, caindo, depois sucessivamente, de 5,11% em 1920 a 3,91% em 1950 e a 0,8% em 1970.

É interessante pinçar que, justamente no município de Piracicaba, houve o estabelecimento de inúmeros estrangeiros, tanto na área rural quanto na urbana, contribuindo para a inserção de novos hábitos. Estes imigrantes eram oriundos de vários países, entre eles: Portugal, Espanha, Itália e, posteriormente, Japão.

Após amplo estudo, encontramos em um dos inúmeros trabalhos da historiadora Perecin (1994) uma mistura de história e ficção, apresentando os aspectos mais importantes da segunda década do século XVIII, em que os grupos de trabalho, os costumes da época retratada e até mesmo o início da diversidade cultural advinda deste momento são assim descritos:

Podemos reconstituir de memória o que foi o encontro destes velhos sertanistas de São Paulo naquele mês de agosto de 1723. Um belo dia, percorrendo a árdua trilha, aparece no topo da esplanada da Catedral (praça José Bonifácio), então coberta pela densa mata subtropical, o grande Cabo de Guerra, Luís Pedroso de Barros. Ei-lo, descendo com sua gente a ladeira do Picadão (a rua Moraes Barros). As suas botas de sete léguas vêm a macerar a poeira de um novo caminho; os caboclos têm pés ligeiros, pernas de bugres correm mais do que pensamento. Vêm muito animosos, deixaram Itu há três ou quatro dias e nem apresentam cansaço! Ao divisar o curso d'água do Piracicaba, deslizando no fundo do vale, despertam a mata, estrondeando a trabucada, estremecendo as feras. (PERECIN, 1994, pp. 13-14)

Utilizando-se de um recorte temporal, a autora continua seu raciocínio imaginando as reações destes primeiros habitantes diante da beleza de um rio caudaloso, margeado por suas matas ciliares. Faz menção ainda a lugares que, possivelmente, teriam sido palcos de atividades festivas:

A resposta vem solerte, da outra margem do rio. O pessoal estabelecido no porto desce a rampa e embica as canoas para a margem esquerda. Finalmente, vão se juntar! Ainda no barranco (Largo dos Pescadores), a valente bugrada de Luís Pedroso Barros rende a sua homenagem à Piracicaba, soltando brados, tocando inúbias, num arremedo guerreiro. Os mais hábeis frexeiros lançam-se ao solo, retezando os arcos com a musculatura das pernas, atiram para o céu os pontacos atados às fitas coloridas que percorrem graciosas curvas indo ferir a superfície das águas. Não sabiam, mas premoniciavam as festividades profanas com que os piracicabanos homenageiam o Divino Espírito Santo e o aniversário de sua cidade, mediante grande aturdimento de fogos, folias expressivas, cantares e arrepios de viola (PERECIN, 1994, p. 14).

Entendemos que remonta desta época a introdução da viola no Brasil. A viola é um instrumento musical, cujo corpo e característica advêm da família do

Cordofone, que pertence à família dos instrumentos de corda, principalmente o alaúde, que foi o primeiro instrumento de corda vindo da Europa.

Nepomuceno (1999), em sua obra “Música Caipira – da Roça ao Rodeio”, declara que:

(...) Os colonizadores trouxeram-na para divertir os patrícios desembarcados nem sempre por vontade própria nesse paraíso imenso, desprovido dos confortos da corte, e para seduzir o gentio. Na Península Ibérica, ela já era bem difundida, desde os séculos XV e XVI pelos trovadores – os violeiros europeus daquele tempo. E o fascínio da dupla viola e trovador já era notório. (NEPOMUCENO, 1999, p. 55).

A catequese utilizava-se de cantos na viola, onde se misturavam canções de Portugal às dos índios. Desta mistura surgiram manifestações folclóricas caipiras, como o cururu, objeto de estudo desse trabalho.

II- O Ciclo Canavieiro no Município de Piracicaba

VERDES LINHAS DO HORIZONTE

(Dinah Castilho)

Sob o grande chapéu,
meus olhos enxergam a terra
de chão batido,
de fibras se entrelaçando
na verde cana dos meus dias.
Cresci entre seus eitos,
nos jardins, forrados
de gramíneas espraiando meus pés.
Em cada braçada, corto a seiva preciosa
que adoça a vida.
Espero ansioso,
cada safra,
alimentando-me de esperanças cansadas.
Longa espera,
a ceifar o que é meu,
do que ainda não me foi dado.
Mar verde plantado com sangue,
em ondas que se quebram
a cada batida do meu coração.

Enxada e facão, sorrisos, solidão.

Embrulho meus sonhos,
amarro meus feixes de dores,
guardando amores,
em mil horizontes!



FOTO 5 – As queimadas continuam.
Fonte: Jornal de Piracicaba. 01 jul. 2006

2.1- A evolução da agricultura canavieira na região de Piracicaba

O município de Piracicaba e a cultura de cana-de-açúcar são elementos indissociáveis. Só mesmo quem nasceu e cresceu nestas terras é que pode desmembrar e reconhecer o espírito desse lugar, onde tal cultura se desenvolveu a partir do século XVIII. A lavoura da cana-de-açúcar tem suas características explicadas por Vitti:

É sabido que a cana-de-açúcar não é muito exigente em matéria de uberdade de solo. Mesmo com poucas chuvas e terras magras, a conhecida gramínia completa seu ciclo vegetativo e chega a render algum lucro ao plantador. (VITTI, 1991, p. 16).

Assim, retornando nossas pesquisas ao século XVIII, vamos encontrar os motivos que deram início e fortaleceram a evolução desta cultura.

No entendimento da historiadora Eliana Tadeu Terceiro (2001), a dependência de Piracicaba em relação às regiões militares ou mineradoras começou a diminuir com a mudança da população que vivia à margem direita do rio Piracicaba para sua margem esquerda. Assim, Terceiro escreve:

Foi assim que Piracicaba entrou no ciclo açucareiro paulista, compondo com Sorocaba, Mogi Guaçu e Jundiaí o “quadrilátero do açúcar”, que englobava, ainda, as áreas canavieiras de Campinas e Itu. (TERCEIRO, 2001, p.21)

Torres (2003) entende que, com a decadência da mineração e o enfraquecimento da navegação fluvial de Porto Feliz a Cuiabá, Piracicaba deixou de ser boca de sertão, abrindo-se a um processo que iria caracterizá-la, mais tarde, como um pólo açucareiro, inclusive propiciando, além da exportação do produto ao mercado internacional, um expressivo crescimento populacional na região.

A partir desse momento pode-se afirmar que a História de Piracicaba é um capítulo da História dos Caminhos Paulistas, ligada ao que Alfredo Ellis Jr. denominou PEQUENO CICLO DO AÇÚCAR, visto que é impossível separar as exigências da lavoura canavieira da rede de transportes de São Paulo, sejam eles fluviais ou terrestres. (TORRES, 2003, p. 34).

Já o jornalista José Pedro Soares Martins entende que esta cultura emergente da cana-de-açúcar traria à tona um assunto que, posteriormente, ganharia dimensão mundial: o tráfico de escravos, como nos explica:

(...) Durante o processo de implantação da cana-de-açúcar, fica evidente como o modelo econômico da matriz branco-européia, então em sua vertente portuguesa, aliava a destruição da natureza à injustiça social extrema, que era a exploração do tráfico de escravos. (MARTINS, 1998, p. 9).

Ainda na abordagem deste tema, ele entende que no triângulo Piracicaba-Itu-Campinas, para que tenha existido uma expansão da cultura canavieira, dois fatores foram preponderantes, sobretudo a degradação ambiental e um crescente mercado escravo. Porém, não deixa de ressaltar o conflito pela posse das terras ao afirmar que:

Ao mesmo tempo, o início do fortalecimento da agricultura, e em particular da cultura canavieira, coincidiu em Piracicaba com um explosivo conflito pela posse das terras, que se desenrolou após a morte de Antônio Corrêa Barbosa. (MARTINS, 1998, p.9).

À conjunção de vários elementos, como o solo fértil de massapê e a abertura dos portos em 1808, atribui-se a valorização das terras do então sertão de Piracicaba.

Perecin (1992, p. 4) encontra claras argumentações para explicar tal fase:

(...) o massapé fertilíssimo atraiu, primeiramente, os proprietários e engenheiros de Itu, cujas terras já começavam a cansar. Depois, começaram a chegar proprietários de todo o Centro-Oeste Paulista, de Minas, do Mato Grosso, de Goiás e até da Corte.

O mais recente Atlas Rural de Piracicaba (2006, p.22) aborda a questão dos solos de Piracicaba e assim os descreve:

O município de Piracicaba pode ser considerado privilegiado em relação aos seus solos em vários aspectos. Em primeiro lugar pela diversidade encontrada. A junção de diferentes materiais de origem (as rochas que, através do intemperismo, formam o solo), combinada a uma grande diversidade de formas de relevo, faz com que ocorram, numa mesma região, solos muito distintos.

Grandes alterações ocorreram neste período, as quais encontram-se na base de quase todas as questões econômicas e sociais pelas quais passou o município de Piracicaba. Na raiz dessas alterações e entre todas as suas decorrências, está a predominância, no setor econômico, da produção canavieira em nosso município.

Terci (2001) esclarece que, entre as mudanças ocorridas na Vila Nova da Constituição, no período compreendido entre 1850 e 1856, destaca-se a dificuldade de encontrar mão-de-obra após a proibição do tráfico de escravos, em 1850. Ressalta ainda a escassez de recursos próprios deste período: a falta de estradas, a necessidade da construção de uma nova ponte sobre o rio Piracicaba, o próprio processo de urbanização demandando por novas vias, estradas de rodagem, ferrovias e transporte fluvial. Na verdade, quanto a este último, atrela-o aos engenhos de açúcar.

Nesse momento, já caracterizada como centro açucareiro, a cidade de Constituição sentia a implícita necessidade de atrair outros tipos de trabalhadores que coadunassem com os serviços inerentes a um incipiente centro urbano, o qual já era visível.

Inserida neste contexto sócio-econômico, a cidade iniciava sua expansão urbana e cultural. Houve melhoramentos nos transportes, como por exemplo, em partes de algumas estradas. Por outro lado, havia pressão por parte da população pela melhoria dos Correios.

Torres insiste muito a respeito da urbanização ocorrida na metade do século XIX:

A segunda metade do século XIX foi caracterizada por uma crescente fase de urbanização, com um comércio cada vez mais intenso, com o desenvolvimento de certas atividades industriais, com novas formas de conforto e introdução de importantes melhoramentos urbanos. (TORRES, 2003, p.117).

‘Torres possui um cuidado político com as questões das transformações que ocorreram ao longo do século XIX, na então Vila Nova da Constituição. Ela não tarda a ressaltar problemas na demarcação do rossio, quando relata a luta dos antigos moradores contra a urbanização de seus terrenos. (TORRES, 2003).

Na formação geográfica regional, a autora verifica uma fusão de acontecimentos, abrangendo inclusive a agitação política e as grandes fortunas que se alicerçaram nesta região a partir de uma “questionável” distribuição de terras. Torres aponta sua compreensão sobre tal assunto, escrevendo:

No Brasil as terras foram distribuídas com tanta fartura que passaram a constituir imensas propriedades rurais. O que se tornou um dos característicos da paisagem brasileira durante muito tempo, pois, iniciado com a colonização, estendeu-se ainda pelo século XIX. (TORRES, 2003, p.50).

Em suas palavras encontra-se um posicionamento claro sobre o fato dos mesmos nomes de família ocuparem as melhores terras. Afirma mais de uma vez a necessidade de construções de estradas e pontes, apesar de forte oposição por parte do Tenente Coronel Theobaldo Fonseca de Souza.

Em sua argumentação não restava outra saída, ou seja, a construção de novas estradas e pontes, em detrimento das novas relações sócio-econômicas que se apresentavam e da própria evolução dos centros de povoamento.

A questão dos transportes adquire, assim, para Torres, um novo significado para a Vila Nova da Constituição e os problemas de comunicações entre esta e São Paulo.

Assim, Torres (2003, p.55) nos lembra que:

Ora, estrada e povoado – Vila e Cidade – completam-se numa interdependência visível, constante, pressionante, revelando não apenas uma ação do homem sobre o meio, mas de ambos sobre as relações socioeconômicas. Rotas e Povoados completam-se.

Torres nos revela o momento em que aos poucos a Vila Nova da Constituição foi perdendo parte de suas terras (TORRES, 2003). Assim, um novo mapa foi sendo composto sob novos desmembramentos e as vilas vizinhas lutando frente aos mesmos problemas: novas vias de comunicação e distribuição de terras, entre outros.

Torres valeu-se da descrição proposta por Dona Maria Paes de Barros, que fora neta do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Barros, para exemplificar o cotidiano vivido e experienciado pela Piracicaba desta época, metade do século XIX.

Pela estrada geral, moços e moças a cavalo, banguês com cortina de baeta azul, com uma lata cheia de biscoitos e torradas de pão-de-ló, ao lado, onde viajavam as crianças menores com a mãe e uma escrava, numerosos animais de carga com colchões e outros objetos necessários ao conforto que não era encontrado nas estradas e a uma estadia no meio rural. (TORRES, 2003, p. 69)

O papel da economia na então Vila Nova da Constituição aparece de uma forma ampla. Por isso, é possível identificar o momento em que a autora frisa o desenvolvimento do chamado “pequeno ciclo do açúcar”, concomitantemente à produção de milho na Vila Nova da Constituição.

O que nos parece importante é quando Torres (2003, p. 90) esclarece:

Desde o início da colonização, ainda no século XVIII, as roças de milho e feijão foram os característicos da paisagem rural, ao lado da mata natural devastada, em parte, pela coivara.

Por meio de culturas agrícolas como o milho, o feijão, a mandioca e a cana-de-açúcar, Torres explica a força da economia de Piracicaba no século XIX, acentuando a construção dos engenhos nesta região.

É neste momento também que acontecem as primeiras grandes construções, como a do prédio da cadeia, da igreja matriz, da ponte sobre o rio Piracicaba. Há até relatos sobre a estética da Vila.



FOTO 6 - Praça da Matriz de Piracicaba.
Fonte: Jornal de Piracicaba. 01 ago. 2003, p.6

Ao citar Guerrini, Terci (2001) traça-nos o seguinte perfil da ainda Vila Nova da Constituição:

(...) Na verdade, esse núcleo inicial tinha poucas condições de expandir-se, em razão das dificuldades financeiras. Tanto que, em 1858, quando a Câmara finalmente tomou a decisão de instalar na cidade as famosas casinhas para o mercado municipal, utilizou-se de uma das paredes do teatro para tal, “pondo-se divisões de taipa, servindo de Gigante a mesma parede do Teatro”. (TERCI, 2001, p.37).

Nesse momento, final do século XIX e início do século XX, apesar de perceptível a euforia da economia cafeeira na região de Piracicaba, a cana-de-açúcar mantém-se também nas terras das grandes fazendas, numa convivência saudável com o café.

Pedro Ramos (2001) considera que, com a introdução do café no Estado de São Paulo, surgiram as fazendas mistas. Ramos também explica que, devido à trajetória do café em terras paulistas, tornou-se viável a fabricação de outros

produtos, derivados da cana-de-açúcar, tais como o açúcar mascavo e principalmente o aguardente.

Além disso, em um ponto de seus estudos este autor conclui que:

Quando o mercado interno atingiu proporções mais significativas, com base no trabalho livre e no surgimento de outras atividades econômicas concentradas em São Paulo, ele encontrou na área mais próxima de Piracicaba a fornecedora principal de bens do complexo canavieiro – o que fez dela o centro por excelência de tal conjunto de atividades até a quarta década do século XX. (RAMOS, 2001, p.82).

Nas observações de Terci, encontramos o motivo principal da construção do Engenho Central de Piracicaba: “Isto ocorre no momento em que a produção cafeeira supera a açucareira no município – 200 mil arrobas de café contra 70 mil de açúcar.” (TERCI, 2001, p.46).

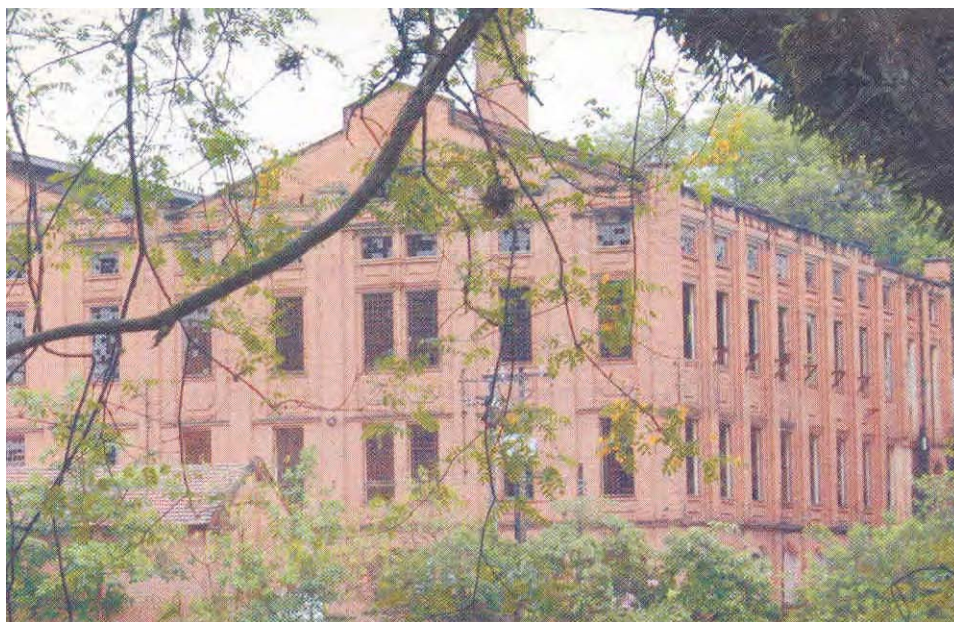


FOTO 7 – O Engenho Central de Piracicaba.
Fonte: Jornal de Piracicaba. 01 ago. 2004, p.20

Em reportagem ao jornal “A Gazeta de Piracicaba”, do dia 01 de agosto de 2004, o engenheiro agrônomo Umar Tayar, tendo cursado Engenharia Agrônômica

na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, praticamente oferece-nos uma aula sobre o funcionamento do Engenho Central de Piracicaba, até os anos de 1970, quando o mesmo foi comprado pela família Silva Gordo.

Iniciando seu trabalho como estagiário, Tayar chegou a gerente da Usina de Porto Feliz, que fazia parte do grupo que administrava o Engenho. Em suas declarações, o agrônomo faz questão de salientar que desde cedo demonstrou interesse em trabalhar com a cana-de-açúcar e seus derivados.

Quando esmiúça o cotidiano do Engenho Central de Piracicaba até a década de 1960, Tayar explica que *“a cana-de-açúcar coletada pelos bóias-frias, naquela época, era transportada às usinas em locomotivas de trens e em pequenos caminhões”*.

Mas é justamente ao comparar a infra-estrutura daquela época à dos dias atuais, que o ex-funcionário do Engenho Central de Piracicaba faz a seguinte declaração: *“Não era como hoje, com os robustos treminhões. No máximo, os caminhões de antigamente tinham capacidade para armazenar dez toneladas de cana”*.

Umar Tayar, com toda a experiência obtida através de vários anos de trabalho inseridos no contexto do Engenho, diz que por conta das pressões da comunidade que pleiteava, já nesta época, o fim das queimadas e a inviabilidade de sua expansão, o Engenho Central de Piracicaba fechou suas portas. Salienta que a própria localização do Engenho no centro do município foi um fator preponderante para o encerramento de suas atividades, uma vez que se tornou difícil *“competir com a modernidade”*.

Tombado como patrimônio histórico e cultural do município de Piracicaba, torna-se quase impossível não observar, por mais de uma vez, o complexo arquitetônico que compõe o Engenho Central de Piracicaba.

Localizado na margem direita do rio Piracicaba, o mesmo continua a atrair os olhos e mentes curiosos de profissionais de diversificadas áreas. Engenheiros, artistas plásticos, historiadores, geógrafos, economistas, entre tantos outros, mantêm-se ávidos de curiosidade pela trajetória histórica desta construção, que participou em grande escala da economia do nosso município.

Tendo sido fundado em 1881, como já mencionamos, por Estevão Ribeiro de Souza Rezende, o Barão de Rezende, o mesmo fora vendido oito anos após sua fundação. Vale a pena retomar aqui a reportagem do jornal A Gazeta de Piracicaba de 01 de agosto de 2004, onde encontramos o seguinte explicativo:

(...) Mas com as crises no setor, o projeto que era arrojado demais para a economia do Brasil obrigou o Barão vender seu patrimônio para a empresa francesa Societé de Sucrerie Brésiliennes, em julho de 1899.

No período em que o Engenho Central de Piracicaba esteve sob a liderança da Societé de Sucrerie Brésiliennes, merece destaque o seguinte fato: além de tornar-se a maior Usina do Estado em produção e incorporando-se a outras, transformou-se no mais expressivo potencial em termos de produção de açúcar e álcool, ou seja, anualmente eram produzidos cem mil sacas de açúcar e três milhões de litros de álcool. Ao final da mesma reportagem verificamos que em 1970:

(...) O Engenho Central de Piracicaba foi vendido para as Usinas Brasileiras de Açúcar S/A – UBASA, que o manteve em funcionamento até 1974, quando foi desativado radicalmente. Posteriormente, quase a totalidade das fazendas que compunham a propriedade foi loteada e vendida, restando na época, mediante acordo com a Prefeitura apenas o local onde está implantado o Engenho Central.

Na atualidade, o Engenho Central tem inspirado inúmeros profissionais. Conhecendo e analisando os problemas que ocorreram em seu histórico econômico, sobretudo referindo-se àqueles que o construíram e aos que nele trabalharam, o professor de Geografia e Vereador Euclides Buzetto escreveu os seguintes versos:

Eu, o Engenho Central

(Euclides Buzetto)

Não sou, nunca fui amontoado de tijolos...
Sempre serei sinal de luta entre dois pólos:
o operário que me construiu; me edificou
e o usineiro que me consumiu; me abandonou!

Sou fruto do suor, do trabalho escravo,
do homem negro, valoroso, forte, bravo,
que hoje não vive mais para confirmar,
quanto trabalho lhe custei pra me criar!

E depois de tantos anos funcionando,
pra transformar a cana em riqueza,
aos poucos foram então me abandonando,
calando máquinas, vozes: que tristeza!

Muitos anos, silencioso e esquecido,
permaneci ouvindo sempre, rio querido,
as tuas águas em corrida apressada,
suavizando a solidão desconsolada.

Guardei o perfume dos Senhores de Engenho,
guardei o cheiro forte do suor do operário,
guardei o grito dos que morreram no empenho,
guardei a ganância do usineiro milionário.

Sou hoje patrimônio; serei recuperado!
Sinto orgulho; sou um marco do passado!
Registro de lutas que não irão terminar,
enquanto a sociedade não se transformar!

Até os anos de 1930, Piracicaba manteve sua economia atrelada a ambas as culturas, café e cana-de-açúcar.

Com a depressão econômica mundial de 1929, o Brasil foi profundamente atingido, havendo necessidade de mudanças, no que tange à economia, em setores como a agricultura e a indústria.

Para explicar esta fase, Bilac e Terceiro (2001) escrevem:

A crise de 29 atingiu profundamente o Brasil. A agricultura, a indústria e as finanças sofreram duros golpes, sendo que a primeira foi a mais particularmente atingida. (BILAC e TERCEIRO, 2001, p. 23).

As autoras explicam que, na dinâmica da economia deste período, houve necessidade de atender ao mercado interno.

Para Peres (1997, p.4),

na medida em que o café entrou em crise e, conseqüentemente, perdeu espaços, os canaviais foram abrangendo grandes extensões de terras, permitindo assim um maior crescimento da produção açucareira.

Não restam dúvidas de que, apesar de metade do açúcar consumido no Estado de São Paulo, no início dos anos 30, ser captado de outro Estado, notadamente de Pernambuco,

O município de Piracicaba e sua região mais próxima adentraram a quarta década do século XX como a região mais importante do conjunto das atividades do complexo canavieiro paulista. (RAMOS, 2001, p.84).

De acordo com este autor, o município de Piracicaba, em sua trajetória econômica, destoa do que ocorreu em outras áreas do Estado de São Paulo, onde o café obteve maiores produções que a cana-de-açúcar. Enfatiza o fato de que a formação e expansão do mercado interno, concentrado em São Paulo:

Permitiram a sustentação e o crescimento do complexo canavieiro. Esse mercado viabilizou o surgimento de pequenos engenhos nas regiões novas, ao mesmo tempo em que possibilitou a expansão da produção na região de Piracicaba, marcada por grandes estabelecimentos produtivos – que, embora denominados de “engenhos centrais” eram na verdade usinas, tal como são hoje conhecidas. (RAMOS, 2001, p.82).

Nesse contexto dos anos 30, o governo federal, tendo como presidente Getúlio Vargas, passou a intervir na economia de exportação, propiciando a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool - I.A.A.

Segundo reportagem do dia 01 de agosto de 2004, no Jornal Gazeta de Piracicaba,

Em 1933, segundo os economistas, o açúcar é elevado à condição de “questão nacional”. Medidas adotadas pelo órgão impulsionam o setor sucroalcooleiro.

Inserese neste período (anos 30), na economia piracicabana, a oficina dos irmãos Armando César e Mário Dedini.

Assim, posteriormente a mesma se tornará referência nacional na fabricação de moendas e caldeiras.

Pedro Ramos, ao definir a importância das Oficinas Dedini, apropriadamente se pronuncia:

A partir dela surgiu uma reparadora e fabricante de equipamentos (moendas, caldeiras, etc.), estimulada pelos proprietários de usinas e engenhos da região, que enfrentavam dificuldades para a manutenção e a importação de tais bens, especialmente em função da crise de 1929. Antes de se dedicar a essa atividade, Mário Dedini havia sido funcionário da Usina Santa Bárbara, onde ocupara os cargos de gerente e chefe geral em função dos conhecimentos que trouxera da Itália, em 1914, como técnico de açúcar de beterraba. (RAMOS, 2001, p.80).

Avançando por várias extensões de terras, a lavoura da cana-de-açúcar propiciou a existência de 250 engenhos em 1945 e três usinas em Piracicaba: Engenho Central, Monte Alegre e Costa Pinto.

Quanto aos anos de 1950, os mesmos configuraram um município reconhecido como o pólo de maior produção de aguardente do Estado de São Paulo, impulsionado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool - I.A.A. O mesmo criou o Fundo de Aguardente e o Plano de Defesa da Aguardente.

Pode-se também considerar nesta época, a indústria Tatuzinho, grande produtora de aguardente, pertencente à família D’Abronzio.

Segundo vários estudiosos, a década de 1970 caracterizou-se pelo “alavancamento” das indústrias de equipamentos para a agroindústria canavieira. A década de 1970 ainda conheceu a crise do petróleo, com a redução da produção desse produto e a elevação de seus preços. O governo federal lançou, então, o Próalcool.

O Jornal Gazeta de Piracicaba, de 01 de agosto de 2004, p.2, cita as observações de Pedro Ramos:

Com o preço internacional do açúcar em baixa, perda de mercados, produção de beterraba por outros países, os usineiros optaram por anexar destilarias de álcool às usinas produtoras de açúcar.

Pode-se compreender a década de 80 como um dos piores períodos vividos pela economia brasileira. Enquanto o Próalcool desacelerava-se e havia um excedente de álcool e açúcar no mercado, usineiros e produtores passavam a conviver com problemas como a necessidade de mudanças em suas características estruturais, no intuito de superar a crise. Ao mesmo tempo os trabalhadores enfrentavam o desemprego em massa.

A partir de 2001, o setor sucroalcooleiro se contagiou por uma nova realidade:

A auto-estima só chegou ao setor em 2001, quando os preços do açúcar e do álcool começaram a se recuperar. De lá pra cá, o complexo agroindustrial canavieiro ganhou fôlego com o segmento metal-mecânico, especializado na montagem de usinas. (Jornal Gazeta de Piracicaba, 01 ago 2004, p.02).

2.2- A Produção Açucareira Contemporânea em Piracicaba e suas implicações sociais

A passagem das diversas etapas da produção açucareira no município de Piracicaba tem sido desde sempre um problema a chamar a atenção dos cientistas sociais.

Em Piracicaba, uma ampla literatura a este respeito foi articulada, uma vez que tal tema tem sido crucial para delinear a importância econômica do cultivo da cana-de-açúcar, em particular, no que diz respeito ao próprio município, estendendo-se assim a outros municípios que compõem esta região.

Os aspectos da produção canavieira do início do século XXI, abordados neste trabalho, têm como fontes, em grande parte, jornais como: Gazeta de Piracicaba, Jornal de Piracicaba e a Tribuna Piracicabana.

Buscamos nos editoriais, nas crônicas e reportagens, de um lado, todos os elementos que explicam como o município de Piracicaba possui um dos maiores complexos agroindustrial e canavieiro do país. Do outro, como vivem os milhares de trabalhadores rurais no corte da cana-de-açúcar, os chamados “bóias-frias”.

Estas duas faces se mostram, na maioria das vezes, incompatíveis entre si.

Como bem avaliam Bilac e Terci (2001), na contracapa de seu livro “Piracicaba: De Centro Policultor a Centro Canavieiro (1930-1950)”:

(...) Enquanto o setor sucroalcooleiro crescia e se modernizava com o surgimento das usinas, a ampliação dos canaviais, o fortalecimento do setor metalúrgico, a sociedade rural se empobrecia, o trabalhador rural ia sendo proletarizado, a terra se concentrando, o camponês perdendo sua propriedade e a cidade crescentemente invadida pelos expulsos do campo e empobrecidos de toda a espécie.



FOTO 8 – Corte de cana-de-açúcar no município de Piracicaba.
Fonte: Jornal Gazeta de Piracicaba. 01 ago.2004, p.8

Procurando descrever o dinamismo econômico pelo qual atravessa o município, em detrimento da produção açucareira, encontramos nas palavras do empresário José de Jesus Vaz, um dos coordenadores do Agroindústria (SIMTEC) realizado em julho de 2004, a seguinte expressão: “a cidade pulsa açúcar e álcool” (Gazeta de Piracicaba, 01 ago 2004, p. 2).

Na mesma reportagem é ressaltado o quanto “o verde claro da cana-de-açúcar” dá o tom à paisagem rural de Piracicaba.

Conforme se extrai da já citada reportagem, a produção de cana-de-açúcar no município de Piracicaba, no mínimo, impressiona.

Eis um dos tópicos da reportagem do jornal Gazeta de Piracicaba de 01 de agosto de 2004, p.2, “Numa área calculada em 91 mil hectares, ou 910 milhões de metros quadrados, são cultivados 6,4 milhões de toneladas de cana por ano”.

Para explicar alguns números de tal produção, a Canacon, empresa de Consultoria Informativa do Setor Sucroalcooleiro, cita:

desse total sairá uma produção de 9,7 milhões de sacas de 50 quilos de açúcar e de 260 milhões de litros de álcool. De acordo com o diretor, Erotides Gil, a cana-de-açúcar ocupa 1,9 bilhão de metros quadrados de área na região.

Uma vez vistos tais dados, é inegável a vocação do município de Piracicaba para a produção de cana-de-açúcar, desde há muitas décadas.

Em capítulos anteriores vimos que tal vocação desenhou-se a partir de vários elementos, como o clima e o solo favoráveis e sua rede de drenagem, entre tantos outros.

No momento atual, a título de exemplo da importância da produção canavieira em nosso município, existe um grande número de trabalhadores envolvidos neste contexto, que envolve setores como o de corte, carregamento e transporte.

Vale aclarar que, segundo o jornal Gazeta de Piracicaba de 01 de agosto de 2004, p. 2, “(...) são cerca de 12 mil pessoas atuando na lavoura e na indústria”.

Além disso, em artigo publicado no jornal A Gazeta de Piracicaba, de 01 de agosto de 2004, p. 2, José Coral avalia que:

cerca de 40 mil empregos foram gerados de abril a junho na região de Piracicaba e mais de 5 mil surgirão até agosto no cultivo, plantio, corte e nas indústrias de equipamentos e usinas de cana-de-açúcar.



FOTO 9 – Vista Geral da Usina Costa Pinto, na Rodovia Piracicaba-Charqueada, líder na exportação de açúcar e álcool. Fonte: Jornal Gazeta de Piracicaba. 01 ago 2004, p.10

Ao mesmo tempo, José Coral, em entrevista ao jornal Gazeta de Piracicaba de 01 de agosto de 2004, p. 29, também afirma:

“(...) o setor sucroalcooleiro beneficia 1,5 milhão de habitantes de cidades da região – Piracicaba, Limeira, Rio Claro, Saltinho, São Pedro, Capivari, com o benefício da produção de álcool. A macrorregião produz 24 milhões de toneladas de cana, 80 litros de álcool por tonelada e 110 quilos de açúcar/tonelada”.

Embora todos estes artigos abordem as vantagens de Piracicaba possuir um centro sucroalcooleiro de grande porte, nosso trabalho não pretende restringir-se somente a um dos lados da produção açucareira em nosso município.

É importante, portanto, que nos voltemos a questões implícitas no processo de produção da cana-de-açúcar, sobretudo por envolver a mão-de-obra que nele se insere, as condições de trabalho oferecidas, o problema das queimadas e seus

malefícios para a saúde dos que vivem nesta região. Para tanto, deve-se recorrer à explicação do termo “bóia-fria” e de que maneira o mesmo originou-se.

Muito embora pareça-nos simples, com o desenvolvimento capitalista no Brasil ocorreram e continuam ocorrendo alterações na organização da produção agrária e, ao mesmo tempo, nas relações de trabalho. Estas têm se tornado quase que fundamentalmente assalariadas.

Partindo-se de tais premissas, os trabalhadores permanentes que outrora fixavam-se na grande propriedade rural, sob a forma de colono ou morador, estão sendo rapidamente substituídos por mão-de-obra especializada como o tratorista, o motorista, entre outros.

Nesse contexto, ou seja, com a penetração do modo de produção capitalista no campo, foi se formando, ao longo das últimas décadas no Brasil, um proletariado rural, o qual possui várias denominações: bóias-frias ou volantes em São Paulo, peão na Amazônia, trabalhadores de fora na Zona da Mata Nordestina.

No município de Piracicaba, há aproximadamente uma ou duas décadas atrás, era comum verificar a presença de inúmeras mulheres – de diversas faixas etárias – trabalhando entre os cortadores de cana.

É bem verdade que elas ainda perfazem uma percentagem entre estes trabalhadores. Mas, industrialmente, este espaço foi sendo preenchido pelos cortadores de cana do sexo masculino.

Por exigir um grande esforço físico, as mulheres têm optado por outros tipos de trabalho, como por exemplo, o serviço doméstico em casas de família, além de conseguirem ganhar mais que no campo.

Ao escrever sobre este fato, o Jornal Gazeta de Piracicaba, de 01/08/04, p. 7, enfatiza que “(...) Há 15 anos, 60% dos trabalhadores eram mulheres. Hoje, as mulheres não ultrapassam o índice de 10%”.

Como se vê, embora tenham presença modesta no corte de cana, as mulheres ainda constituem força de trabalho na produção de cana-de-açúcar do nosso município.

A Gazeta de Piracicaba de 01 de agosto de 2004, p. 7, traz ainda informações sobre o perfil dos cortadores de cana do município, com suas histórias de vida, os lugares de origem dos mesmos, os sonhos e desencantos desses homens que demonstram, no mínimo, coragem em continuar no difícil trabalho que representa o corte de cana.

Avaliando o que a imprensa tem divulgado sobre as condições dos alojamentos que abrigam os cortadores de cana do município de Piracicaba, existem várias conjecturas sendo feitas por toda a sociedade de um modo geral e a supervisão por parte do Ministério Público do Trabalho (MPT).

Desta feita, em virtude de várias denúncias por parte de diversos jornais do município de Piracicaba, achamos necessária uma análise pormenorizada sobre as condições em que vivem estes trabalhadores.

Haja vista este não tratar-se do principal foco do nosso trabalho, nos detivemos nas divulgações de imagens deste problema, sob os olhares de algumas reportagens, que têm destacado e desmistificado algumas faces que permeiam o cotidiano dos trabalhadores do corte de cana do município de Piracicaba.

Assim sendo, cabem-nos as palavras de Peres (2001, p. 85):

“(...) o jornal tem grande importância como veículo de divulgação de imagens da cidade sob a ótica dos agentes sociais com suas complexas articulações políticas e seus interesses políticos”.

Acompanhando os fatos que se relacionam à produção de cana-de-açúcar em Piracicaba, a imprensa local comumente registra o cotidiano desses cortadores de cana. Ao longo dos últimos anos tem registrado várias denúncias a respeito dos alojamentos dos trabalhadores rurais.

Exemplo disto é o que Cardoso e Domingues escreveram, em matéria publicada sob o título “MP localiza alojamento irregular”, no Jornal de Piracicaba, de 10 de maio de 2006:

O Ministério Público do Trabalho (M.P.T.) localizou, ontem à noite em Rio das Pedras, um alojamento sem condições de segurança e higiene onde estavam 40 trabalhadores rurais.

Mencionado que o local mantinha cortadores de cana que prestavam serviço para as usinas São José e Santa Helena, sendo a segunda do Grupo Cosan, a matéria em questão ressalta que o alojamento seria interditado.

Na análise de Roberto Martins de Figueiredo, coordenador do Programa Estadual Rural, todas as usinas fiscalizadas, a saber: Santa Helena em Piracicaba; São José em Rio das Pedras; e Furlan em Sta. Bárbara D’Oeste, apresentavam à época algum tipo de inadequação. O texto refere-se às inadequações, exemplificadas da seguinte forma: “falta de sanitários e de local apropriado para refeições, o uso de equipamentos de segurança irregulares e problemas na documentação”.

Mário Antônio Gomes, procurador do M.P.T., salientou que havia sido um empreiteiro “gato”, prestador de serviços das usinas São José e Santa Helena, quem havia contratado os trabalhadores.

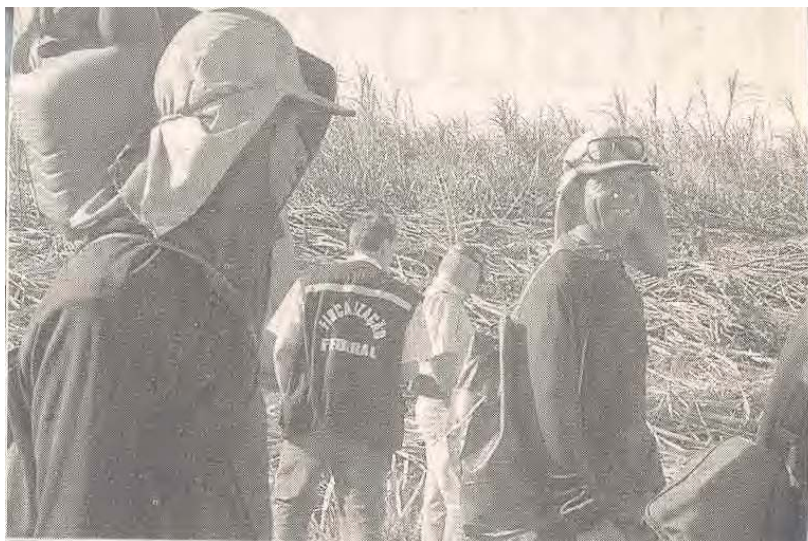


FOTO 10 – “Rio das Pedras” – Representantes do M.P. durante a operação na Usina São José. Fonte: Jornal de Piracicaba. 10 mai. 2006, p. A-7

O artigo avalia o fato do imóvel não possuir “condições mínimas de higiene e segurança”, com pessoas dormindo em um extenso corredor, onde beliches e botijões de gás permanecem lado a lado uns dos outros.

Ao que se refere ao Grupo Cosan, na mesma reportagem este informou que não tem trabalhadores nesse alojamento. A Cosan ainda esclarece que

todos os trabalhadores rurais migrantes que atuam em suas unidades são instalados nos alojamentos próprios da empresa nas unidades onde vão trabalhar. (Jornal de Piracicaba, 10 mai 2006, p. A-7).

A usina São José aguardava ser notificada oficialmente. Uma funcionária que respondia pelo setor de recursos humanos esclareceu que a documentação solicitada seria entregue no próximo dia ao da denúncia feita através da reportagem. Quanto à Usina Furlan, seu diretor, Fioravante Furlan, afirmou que em respeito às exigências feitas pelo Ministério, toda a documentação seria entregue no próximo dia, sendo que as adequações físicas estariam sendo providenciadas.

Poderíamos nos estender ainda mais e certamente constataríamos que notícias como estas não são raras nos jornais de Piracicaba.

Paradoxalmente, ao analisar a convivência entre trabalhadores da cana, o processo de adaptação aos municípios para onde migram, a reportagem do jornal Gazeta de Piracicaba, de 01 de agosto de 2004, p.8, traz informações sobre alojamentos que muitas vezes lembram o cotidiano de uma grande família, dividindo sonhos, esperanças e principalmente crenças em dias melhores. Ao referir-se às condições nas quais vivem esses trabalhadores, o jornal assim as descreve:

Na Fazenda Limoeiro, localizada entre as cidades de Piracicaba e São Pedro, 324 homens vivem numa situação que nem de longe lembra os problemas de alguns alojamentos existentes na região, onde há suspeita de casos de semi-escravidão. Não há superlotação, brigas ou outros excessos. São 35 quartos, com camas, colchões e roupas cuidadosamente arrumados pelos próprios moradores. No alojamento há sala de tevê, de bilhar, banheiros e telefone comunitários, refeitório e campo de futebol.

A reportagem enfoca ainda o dia-a-dia dos cortadores de cana, em especial quanto ao lazer, à saudade da família, as cartas escritas aos parentes, além de relatar os sonhos dos trabalhadores.



FOTO 11 – Localizado a 12 Km da Usina Costa Pinto, o alojamento do bairro Limoeiro abriga cerca de 300 trabalhadores.
Fonte: Jornal Gazeta de Piracicaba. 01 ago. 2004

Visando melhorias que interferem diretamente numa melhor qualidade de vida para os bóias-frias que integram a região de Piracicaba – a saber vinte e cinco municípios – no dia sete de agosto de 2007 houve uma reunião do Fórum da Cidadania, Justiça e Cultura de Paz, realizada no plenário “Francisco Antonio Coelho”, da Câmara Municipal, sob a coordenação do vereador Antonio Osvaldo Storel.

A Tribuna Piracicabana, de 08 de agosto de 2007, destacou o encontro.

Segundo Storel

A apresentação das propostas foi importante. Temos como objetivo criar um protocolo de ações integradas entre os municípios visando a fiscalização de alojamentos, da alimentação, da qualidade do trabalho e uso dos equipamentos de proteção individual. Com isso, estaremos prevenindo abusos por parte dos empregadores e melhorando a qualidade de vida e trabalho do cortador.

Ainda conforme esta reportagem, o médico Eduardo Figueiredo de Moraes Rego, diretor da Vigilância Sanitária Epidemiológica e da Saúde do Trabalhador de Santa Maria da Serra, ao apresentar uma proposta de implantação da Carteira de Saúde do Trabalhador Rural, fez a seguinte declaração:

Com isso, o trabalhador que viesse de outro local, ao precisar de atendimento médico teria na carteira anotados todos os exames e patologias que já foram diagnosticadas e tratadas.

Pelo exposto até aqui, pudemos constatar as reais condições de vida do trabalhador rural, visivelmente explorado, tendo uma vida bastante diferente daquela visão romântica que se tem, muitas vezes, da vida no campo.

É sob esta ótica que nossa pesquisa, perpassando pelas dificuldades do homem do campo, busca compreender o contexto no qual este trabalhador encontra-se inserido.

Faltam-lhe, muitas vezes, boas escolas para seus filhos, ou mesmo uma educação voltada às necessidades da vida e do trabalho do campo. Se se trata de um pequeno produtor, também não consegue crédito bancário para aquisição de máquinas e insumos. O sistema de saúde oferecido a ele e a sua família é, por vezes, insatisfatório e até mesmo precário.

Neste contexto, a análise de Graziano Neto (1986) é de extrema importância, pois chama a atenção para fatos que estão ocorrendo num ritmo intenso na agricultura brasileira, ou seja, os agricultores que produzem para a subsistência da

própria família, vendendo ao mercado somente o excedente das suas produções, estão cedendo lugares a instalações de empresas rurais capitalistas.

De acordo com o autor citado acima,

As determinações do mercado e a racionalidade do lucro são os condicionantes fundamentais do processo de produção. Ou então, os agricultores de subsistência dão lugar a empresas familiares que não usam trabalho assalariado, mas se relacionam com o mercado, produzem mercadorias. (GRAZIANO NETO, 1986, PP. 26-28)

Consideramos, portanto, a partir desta análise, que alguns elementos essenciais contribuem para a permanência e continuidade desta situação, principalmente quando abordamos as sociedades que se dividem em classes, mais fortemente ainda, quando estas classes sociais possuem interesses que se contradizem e onde existem classes dominantes e classes dominadas.

O autor aborda os setores agrícolas que têm se beneficiado do processo de transformações da agricultura brasileira e o quanto há de acumulação de capital nos mesmos, e um desses setores, sem dúvida, é o da cana-de-açúcar. Explica, portanto, a crescente miséria, evidenciada nas populações de baixa renda, tanto no campo como na cidade. Para que compreendamos ambas as esferas, onde perpassam e enviesam, sobretudo, os interesses econômicos, Graziano Neto (1986, p.26-28) ratifica que “(...) é preciso tirar o véu da modernização para ver seus verdadeiros traços”.

Graziano Neto (1986) esclarece alguns pontos da modernização desta agricultura, ou seja, a substituição das técnicas agrícolas tradicionais por técnicas modernas, qual seja, o burro pelo trator ou a enxada pelo arado. A seu ver, o conceito de modernização da agricultura tem sido analisado apenas do ponto de vista das implementações das máquinas e dos insumos agropecuários.

Afirma, no entanto, que tal modernização implica muito além dessas formulações, pois enquanto ocorrem progressos técnicos na agricultura, concomitantemente a este fato as relações sociais também passam por reestruturações ou modificações.

Em suas argumentações, Graziano aponta mudanças na composição e na utilização do trabalho. Nesse sentido, segundo o autor, os estudos mostram que a intensificação do uso do “bóia-fria” e do trabalhador volante contribui para que a mão-de-obra torne-se cada vez mais assalariada. Contudo, verifica-se ainda o fato de que os pequenos produtores, na condição de proprietários, parceiros ou posseiros, são cada vez mais expropriados, permitindo, em algumas regiões, a construção de grandes empresas do campo.

Ainda assim, este homem, trabalhador do campo, mantém seus costumes, seus hábitos, suas tradições, onde quer que esteja. Além disso, considera imprescindíveis as experiências passadas de pais para filhos. Possui uma cultura rica, herdada de seus antepassados: a comida feita no fogão a lenha, a profunda relação com os elementos da natureza, como o curso de um rio, o cheiro do mato etc. Traduz em trovas seus sonhos e desesperanças. Através de estórias contadas e recontadas com novas cores, repassa suas tradições. As festas representam passos de antigas trilhas pisadas por gerações que o antecederam.

Não é possível, portanto, ignorarmos as riquezas culturais desse homem, que vive da terra, e nela trabalha cotidianamente.

2.3- A percepção das mudanças

Na possibilidade de se fazer uma análise das diferentes formas de agir, sentir e pensar sobre o espaço geográfico num determinado contexto histórico, entrevistamos o engenheiro civil Dario Bicudo Piai, filho de ex-fornecedor de cana, nascido em Capivari, cognominada “Terra dos Poetas”, berço de Rodrigues de Abreu, Amadeu Amaral e da consagrada pintora Tarsila do Amaral.

Seu depoimento perpassa o final da década de cinqüenta e início da década de sessenta.

Através do mesmo, é possível descobrir a maneira pela qual a integração cotidiana – feita a partir das relações pessoais de amizade e parentesco, das festas,

das observações do trabalho no campo desenvolvido pelos trabalhadores rurais, das práticas religiosas – ajusta-se às particularidades culturais deste espaço regional, envoltas por um contexto histórico e geográfico específico.

Nos meus tempos de criança, no Sítio Boa Vista, zona rural de Porto Feliz, nos fins da década de cinquenta e início de sessenta, menino ainda, lembro-me de meu pai, de chapéu de palha e lenço no pescoço, camisas suadas e não raras vezes cristalizadas de tanto sal, levantando muito cedo, todos os dias, trabalhando de sol a sol, nas lavouras canavieiras. Ah! se me lembro!... Caminhãozinho Chevrolet 51, de frente niquelada, carregando e levando cana até a “chave”, uma espécie de estação rudimentar, sem cobertura, nem nada, onde os vagões previamente identificados se achavam à espera de suas pesadas e rudes cargas, que partiam para o Engenho Central de Porto Feliz, levados pelas famosas “Marias Fumaças”; tudo pertencia à companhia francesa Societé Sucrerie Brésilienne, a famosa sigla SSB. E quantos mais de minha época haverão de se recordar?!... Eram necessárias muitas viagens para encher um vagão; os marrios dos feiches tinham de ser cortados e jogados fora, para se evitar os descontos fatais. Tratores não havia; apenas tração animal, o arado raso de aiveca, aquela grade triangular de crivos lancinantes, que deixavam o solo mais leve, sem aqueles torrões e menos inóspito para receber quaisquer plantios. Herbicidas também não, nem se pensavam nos pré-emergentes ou sistêmicos atuais.

Mas o fogo, insano e cruel, sempre ali - onipresente, queimando, destruindo florestas, faunas e floras, desnudando as proteções dos riachos, rios e nascentes, aniquilando as abelhas, as vespas, as cobras, as minhocas; os pássaros, seus ninhos e filhotes; os tatus, os lagartos, os oriços e os bichos todos, tudo não menos trágico e diferente que os tempos hodiernos.

A maneira singular de como o depoente convive com a aparente modernidade dos anos 50, por toda a região de Piracicaba, leva-nos a buscar em Guimarães uma explicação a respeito dos aprendizados e experiências pelas quais cada ser humano passa, e como beneficiar-se das mesmas, expandindo nosso olhar frente às inúmeras possibilidades que se nos apresentam cotidianamente.

Após citar um pensamento de Marcel Proust, onde lemos: “el verdadero viaje de descubrimiento no consiste em buscar nuevos paisajes sino em tener nuevos ojos”, a autora considera:

Esta afirmação é muito significativa para os estudos sobre percepção e interpretação ambiental, pois permite-nos vislumbrar todas as vezes mediante a cada sucessiva experiência pessoal, uma nova e diferente forma de perceber e interpretar o mundo que nos envolve, permitindo o (re-) conhecimento de um novo contexto de realidades que asseguram ainda vivências plenas de significados, sensibilidades, de possibilidades de vida (GUIMARÃES, 2004, p. 46).

No estudo ora citado, a autora explica-nos suas buscas no campo da Percepção e Interpretação Ambiental, à luz da Geografia Humanística, que se deram entre os anos oitenta e noventa.

Quando destacamos a zona rural de Porto Feliz, onde nosso depoente passou sua infância, bem como o município de Capivari, onde nasceu, é necessário que estabeleçamos o espaço comum desses municípios, haja vista o mesmo desenvolvimento econômico e histórico que há décadas ambos compartilham.

Assim, Piaí descreve os costumes da época, detalhando momentos de lazer e alegria nos sítios e fazendas da região:

Nos sítios e fazendas moravam também os empregados e suas famílias, em casas de estilo proletário, sem eiras, nem beiras. Luz e água encanada, um sonho quimérico; as águas potáveis vinham das nascentes, carregadas pelas mulheres “lata d’água na cabeça”... ou com os “bigôlos”, um pau vergado, carregado sobre os ombros, com dois baldes: um em cada extremidade. As roupas eram lavadas nos riachos e açudes, onde as mulheres cantavam e colocavam suas fofocas e crendices em dia!... Luz mesmo, só os lamparinas de querosene; raramente os lampiões de gás ou aqueles de “camisinha”, com luz mais forte e radiante.

Os domingos eram reservados para caças de juritis, pombas, nambus e outros bichos mais (aquele tempo não se proibia), com as antigas lazarinas (espingardas); também pescas e mariscagens, isto

é, passagem de peneiras nos córregos, enchendo os baldes de peixes e camarões de água doce; os mananciais não eram ainda contaminados de agroquímicos trazidos pelas multinacionais: herbicidas, inseticidas, pesticidas, etc,... cidas.

Nos bairros próximos, jogos de futebol, de malhas, boches e baralhos. Drogas não havia; o máximo os inocentes cigarros de palha, ou aqueles de papéis com marcas vetustas e arcaicas: continental, fio de ouro, fulgor, marusca ... Também as rezas, procissões, as ladainhas e demais imprecações aos santos e outras doutrinas do mundo católico romano. Na cidade, as missas eram em latim, com os padres de costa para os “papa-hóstias” e fiéis de outrora: “Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.” Amém!...”.

Em outras palavras, havia intensa vida e alegria no meio rural. As televisões eram as janelas onde se debruçavam “para ver a banda passar”; os fogões, de vermelhão - invariavelmente à lenha, com aquelas linguiças e toucinhos pendurados e defumando em cima.

Ao referir-se às relações de trabalho no campo, Piai confere às mesmas uma alteridade que se estabelecia nesses espaços geográficos.

Nas fazendas em que não se plantavam cana, havia a lendária figura dos colonos, que produziam legumes e cereais, através de parceria ou percentagem: os proprietários entravam com as terras, e os mesmos com a mão-de-obra e produção. Neste sistema, não havia miséria; todos tinham de tudo, com intercâmbios de produtos. Os excedentes eram vendidos para os “negociantes” da cidade. A melhor reforma agrária que existiu no Brasil, onde todos tinham acesso indireto à terra!

Os sítios e fazendas eram povoados por gentes do campo, incansáveis trabalhadores. Foi bom enquanto durou: no início da década de sessenta, as leis previdenciárias e trabalhistas se tornaram severas. Surgiu então, o êxodo rural, a migração do homem do campo para a cidade, sem nenhum preparo urbano, “sub-empregando-se” nas fábricas e comércios, deixando para trás as casas vazias e cheias de mato, com suas cobras, lagartos e marimbondos. E também saudades sem fim daquela vida bucólica de outrora, das aventuras e fatos pitorescos, que se lhes calavam no peito triste de tanta nostalgia. Daí as raízes das músicas caipiras e caboclas, de viola e violão, para amenizar aquelas saudosas lembranças de um tempo que jamais voltaria, a não ser em suas recordações e fantasias.

Neste ensaio de 2004, ao discorrer sobre as inúmeras vertentes abrangidas pelos estudos de Percepção e Interpretação Ambiental, Guimarães (2004) ressalta que atualmente tem-se buscado por novos estudos, inseridos em diferentes linhas de pesquisa e em várias áreas do conhecimento.

Ao destacar a importância das novas abordagens, a autora salienta:

(...) graças às mudanças causadas por antigos e recentes paradigmas que transformaram muitos de nossos conhecimentos, verificamos a incorporação e a adaptação de atitudes, valores, resultando na construção de um conhecimento fundamentado na experiência, sendo catalisador de novas situações onde a complementação das áreas técnico-científicas se faz incluindo saberes tradicionais presentes na experiência humana como meio ambiente. (GUIMARÃES, 2004, p.51).

Tomando por referência o contexto das décadas de 1950 e 1960, é possível detectar na fala do depoente novos elementos que se apresentam no cultivo da cana-de-açúcar. Um deles é, indubitavelmente, relativo às queimadas nas plantações:

O tempo foi passando rápido demais; os matos desbravados e as lavouras aumentando, mas o famigerado fogo, na época um mal necessário, sempre ali, em quase tudo que se fazia, devastando matas e capoeiras para abertura de novos plantios, pulando fogos nas pastagens e culturas dos vizinhos, causando imensuráveis prejuízos materiais, principalmente ao ecossistema. Tudo normal, não existiam e nem se falavam em inversões térmicas, derretimentos de geleiras, nem tampouco os impedimentos das camadas de ozônio troposférico. As lavaredas eram temidas e também apreciadas nas noites de inverno – um espetáculo sádico como nos tempos de Nero na Roma antiga. Todavia, seus efeitos devastadores, ignorados! Qualquer palhoça, tigüera, coevara, restinga, mato ou capoeira, era só riscar um fósforo – tudo se resolvia! Até certo ponto compreensível, pois as mãos-de-obra eram escassas, sem os tratores e maquinários do terceiro milênio.

A utilização deste depoimento remete-nos aos atores sociais que viveram aqueles momentos. Na medida em que o depoente dá a eles um sentido pessoal,

isto se torna um recurso valioso, pois revela-nos um passado que não se encontra nos livros, mas sim em suas reminiscências. Em seu bojo, oferece-nos detalhes, inclusive do dia-a-dia do trabalho na lavoura de cana e das dificuldades encontradas na época para estudar:

Naqueles tempos, os sistemas de cultivo demandavam muitas mãos-de-obra, eis que o processo de mecanização agrícola era ainda insipiente.

As brotas das canas novas ou plantas eram cultivadas com “planet”, com tração animal, que além de limpar as ervas daninhas, ajudavam a cobrir os colmos e as raízes salientes, permitindo assim, seu melhor desenvolvimento vegetativo.

Após os seus cortes e colheitas, emergiam as brotas com muito vigor, e com elas, também as ervas invasoras, que eram erradicadas com “carpideira” com tração animal, “rodeando” as canas com aqueles muares que obedeciam a voz de seus donos, de nomes típicos e lendários: brioso, pinhão, tizil, barroso, mula ferreira, e por aí afora – coitados destes incansáveis e obstinados animais que substituíram os antigos escravos, puxando o arado, a grade, a carroça e girando os monótonos círculos dos engenhos de açúcar batido, melado e rapadura. Que Deus os tenha guardado, com sua infinita perfeição e misericórdia, no grande lençol celestial vislumbrado nas cartas bíblicas de S. Pedro!

As canas eram queimadas e carregadas na força dos braços, quer fizesse frio ou calor; nos períodos chuvosos, os descansos, trabalhos nas tuías, pesca de bagres nos ribeirões e bons motivos para tomar suas “biritas”, a pretexto de combater as friagens e resfriados.

Criança ainda, levava “comida” na roça: o café da manhã, o almoço e o café na parte da tarde (quase sempre variados bolos e bolinhos de trigo ou de fubá mimoso; às vezes canjica – fome não se passava). As hortas sempre verdes e recheadas de alface, repolho e couve-flor; os porcos cevados, as galinhas no terreiro e as vacas nos pastos de jaraguá, catingueiro e capins finos nas baixadas. O boi nelore e a braquiária, binômio alviverde que mais tarde enriqueceria a pecuária brasileira, ainda não tinham sido importados. Peixes mesmo, só lambaris, traíras e bagres, pescados nos riachos, ribeirões e alguns raros açudes. Os peixes maiores provinham do ainda despoluído Rio Tietê, nem tão distante dali.

Estudávamos na Escola Mista da Fazenda Boa Vista, uma escolinha encantadora e inesquecível, cujos muros protegiam um jardim bem cuidado; era formada por duas salas grandes e um alpendre no meio, de janelas altas e peitoris baixos, por onde se via esplendidamente o mundo muito além daquelas janelas imensas, com aqueles céus azuis e as nuvens passeando neles, visão às vezes prejudicadas por

duas ou três palmeiras atrevidas, cujas folhas balançavam com os intrépidos ventos. Há algum tempo fui lá para revê-la, matar saudades, tirar fotos, mas destruída pelo Grupo Cosan, sobraram tão apenas alguns cacos de tijolos - nada mais, senão doces e ternas recordações.

Andávamos alguns quilômetros para estudar e decorar a famosa “Cartilha Sodré”, depois “Brasília” e aqueles livrinhos contando as Histórias do Brasil, o descobrimento e seus brasilíndios... A professora vinha lá de Capivari, de jardineira, descia no ponto, onde uma charrete coberta ficava à sua espera; uma figura muito respeitada por todos, quase um ser demiúrgico. De vez em quando faltava, o que fazia nossa alegria, sobrando ainda mais tempo para nadar, pescar ou caçar passarinhos, de estilingue ou arapuca. Os alunos temiam os castigos e chamadas dos pais nos casos de desobediências e “morriam” de medo, não só da professora, mas também de um castigo dobrado.

Percebe-se, a partir do que Piai expõe em seu depoimento, que os fatores de ordem econômica, política e social articulavam-se intrinsecamente, atribuindo à região mencionada uma característica particular, “sui generis”.

Ora, durante a década de oitenta, o mundo viveu a crise do petróleo, surgindo nosso famoso plano “Próalcool”. Foi a partir desta época então que, segundo nosso depoente, houve uma mudança considerável em relação ao aumento da produção e consumo do etanol, agravando ainda mais os impactos negativos no meio ambiente e social:

Em 1963, juntadas as economias, meus pais compraram um sítio bem maior e melhor, mais próximo da cidade, para onde mudamos com inefáveis alegrias; eu e mais três irmãos. Chamava-se Sítio “Rancho Grande”, com quase cinqüenta alqueires, um mundo mágico e verdadeiro paraíso, com o Ribeirão Avecuia na frente, lindo, límpido, piscoso e muito sinuoso; nos fundos, o Rio Tietê, enorme, caudaloso! Após as aulas, nadávamos em demasia e pescávamos em profusão! O caminhão já não era aquele chevrolezinho 51, e sim Chevrolet Brasil, mais forte e potente, levando às vezes, até doze ou treze toneladas. A tração animal fora substituída pelo trator Valmet 600D, vermelho e novinho em folha, comprado em Sorocaba e financiando pelo Banco do Brasil. Vieram os postes, a energia elétrica, as geladeiras e os fogões de gás e a TV, que foi, ao longo do tempo, “matando” a janela, como dizia Nelson Rodrigues.

Um grande progresso, mas o fogo continuava ali, presente, no consciente e subconsciente coletivo dos homens.

Tempos depois, vieram as carregadeiras, de cana, aliviando de vez os braços cansados e reumáticos; também os inexoráveis herbicidas, migrando pelas chuvas, nos vales e cursos d'água, em detrimento das biodiversidades e vegetações clímax, definhando a fauna e a flora. Doravante, um binômio devastador (fogo mais agroquímico), calando de vez as canções tristes e chorosas dos nambus, xororós, perdizes e juritis. As pombas, mais sábias e prudentes, resolveram arrulhar nas cidades, povoando os bosques, alamedas e campanários das velhas catedrais.

Com a crise do petróleo dos anos oitenta, surgiu o Proálcool, aumentando de vez a produção e consumo do etanol, substituindo com muitíssimas vantagens a gasolina, por ser uma fonte de energia contínua e renovável, capaz de gerar empregos, rendas e divisas para nosso país.

Todavia, com o alastramento desenfreado da lavoura canavieira, o aumento das produções e produtividades decorrentes das novas tecnologias e espécies cultivares, surgiram a migração dos “bóias frias”, acarretando caos, flagelo social e subemprego, decorrentes da mão-de-obra volante e temporária.

Neste terceiro milênio, sofremos todos! As queimadas sistemáticas que todos os anos volatilizam inutilmente milhares de toneladas de biomassas, transformando-as em gás monóxido de carbono (CO) e dióxido de carbono (CO²), altamente poluentes, na contramão do protocolo de Kioto, agravando ainda mais o efeito estufa. Não que as queimadas tenham de ser terminantemente proibidas; os canavieiros ainda não estão preparados para isso; há de se ter bom senso, para gradativamente serem substituídas pelas caríssimas colheitadeiras mecânicas de última geração, principalmente por parte dos fornecedores, com seus parcos recursos financeiros, preços instáveis da A.T.R. (açúcar total reversível) e aumentos abusivos dos maquinários, adubos e demais insumos agrícolas.

O tema é polêmico; cessando os fogos, empregar-se-ão as modernas colheitadeiras, acarretando desemprego dos “bóias frias”, já sofridos e fatigados. Por conseguinte, as colheitas mecânicas se limitam aos terrenos planos, com uma declividade máxima de 12%. Sabe-se que a região de Piracicaba possui em sua maior porção, relevos ondulados e íngremes. Que se fará?...

Não temos de temer pelo futuro; é preciso discutir, opinar democraticamente, romper paradigmas, ir além, criar novos modelos, romper barreiras e agir contra a monocultura e o atual sistema cartelizado e monopolizado, que regulam o mercado, ditam regras, opções, preços, etc., quase sempre em detrimento das abnegadas e sofridas classes canavieiras, que de geração a geração, de sol a sol, “plantam”-nos o açúcar que adoçam o café da manhã e o álcool que nos levam ao trabalho e nossas crianças às escolas!...

E que as labaredas continuem se apagando... Paris já não se encontra mais em chamas!..."

Ao buscarmos uma análise a respeito do bóia-fria do município de Piracicaba, suas condições de trabalho e sua participação na economia local, obtivemos o depoimento do professor de geografia e vereador Euclides Buzetto:

Foram magistralmente descritos por Euclides da Cunha em seu imortal "Os Sertões", o vaqueiro sertanejo e os lavradores de cana-de-açúcar do litoral nordestino.

Aquele na amplidão semi-árida, é rei em seu cavalo, livre altaneiro, valente e forte enquanto o lavrador litorâneo, humilhado, chafurda e se gruda no solo barrento do massapé, submetendo-se à escravidão de um "trabalho" que lhe suga a vida e a dignidade.

Premidos pela fome, pela falta de oportunidades, pensando em um futuro melhor, que nunca chega para seus filhos, esposa, irmãos ou pais, milhares de brasileiros se aventuram nos canaviais do "sul".

E aí começa para eles o calvário da exploração irracional.

Obrigados a cortar toneladas de cana diariamente, em posições físicas inadequadas para sua coluna e seu corpo, sob o sol inclemente; muitas vezes sem mínimas condições de higiene para suas necessidades fisiológicas e alimentares, reduzem sua vida útil de trabalho para oito anos, no máximo, sobrevivendo depois com remédios, dores e marcas que os perseguirão para o resto de suas pobres vidas.

A maioria das vezes em alojamentos inadequados, para não dizer indignos do ser humano, reúnem-se no cair da noite, para entre copos de cachaça sufocar a saudade, a revolta e aliviar o cansaço e as dores de um dia estafante.

Sufocam sentimentos, destruindo seus cérebros com pinga, a pior droga para emburrecer o ser humano...

É por isso que nós, enquanto educadores, que testemunhamos na pele de nossos amigos e parentes bóias-frias essa realidade cruel, estamos também lutando para a mecanização das lavouras, de cana-de-açúcar, a fim de libertar nossos irmãos da servidão criminosa a que são submetidos.

É por isso que estamos lutando também contra as queimadas de cana, pois além de inúmeros problemas ambientais que ocasionam, vão matando aos poucos também os bóias-frias, pela inalação da

fuligem que contém dezenas de substâncias químicas nocivas à saúde.

Por fim, graças à decisão de muitos países ricos e hoje, mais civilizados, uma nova relação de trabalho se impõe para os países produtores de cana-de-açúcar, álcool e derivados.

Eles não comprarão mais produtos degradados pelo desrespeito ao meio ambiente e pelo trabalho escravo dos seres humanos.

Consequentemente, a adequação de nossa produção açucareira ao processo civilizatório, passará então não pela conscientização humana, cristã e fraterna, mas pelos ditames das regras do mercado.

Menos mal! Que esse processo civilizatório aconteça o mais rápido possível, para que "os bagaços da cana" assim denominados por Cecílio Elias Netto, sejam apenas os bagaços que serão aproveitados na co-geração de energia dos engenhos ou nas alternativas inteligentes às quais serão destinados futuramente.

Um outro defensor do final das queimadas, entrevistado por nós, é o Capitão Gomes. O mesmo é vereador reeleito no município de Piracicaba, há oito anos envolvido com esta causa. Em suas percepções:

Parece piada... mas não é! Em Piracicaba, bastou levantarmos a bandeira contra as queimadas e lá veio o setor com o papo furado do desemprego chorando lágrimas de crocodilo dizendo que os cortadores de cana seriam trocados pelas colheitadeiras. Argumento infantil e mentiroso!

A alegação da questão do desemprego é totalmente falsa. Nas regiões canavieiras existem milhares de desempregados, e Piracicaba não escapa dessa realidade. Só que, os trabalhadores piracicabanos já conhecem bem o setor, sabem que não é um trabalho nada fácil, sabem dos seus direitos e são mais organizados. E fogem do corte da cana.

Assim, a cada safra a usina vai buscar os cortadores de cana cada vez mais longe. Muitos são trazidos do Vale do Jequitinhonha, Piauí e do Maranhão, viajando milhares de quilômetros para depois serem alojados em "dormitórios" que são verdadeiros pardieiros insalubres.

Quanto à saúde da população e o quanto a mesma torna-se comprometida com as queimadas, Gomes explica:

Sem dúvida nenhuma. As pessoas ficam doentes, pois respiram as partículas finas e ultrafinas provenientes das queimadas, que penetram no sistema respiratório provocando reações alérgicas e

inflamatórias. Esses poluentes passam para a corrente sanguínea, causando complicações em diversos órgãos do organismo.

Aumentam as despesas públicas com atendimento, para o tratamento dessas moléstias, e a população é que tem que arcar com o custo dos medicamentos e outros procedimentos médicos.

Além disso, a população tem ainda que pagar pelo gasto maior de água e produtos de limpeza, que são utilizados para limpar a "sujeira" causada pela fuligem da queimada que cai sobre as cidades. O abastecimento de água da cidade é afetado no período de safra, pois justamente na estiagem onde os recursos hídricos são limitados, em função das queimadas o consumo de água chega a duplicar.

Ao analisar os impactos ocasionados pelas queimadas em relação à fauna e à flora, nosso entrevistado pontua:

A queima do canavial feita a partir dos quatro lados da plantação é conhecida como "queimada em círculo". Nessa prática, o fogo parte de fora para dentro do canavial podendo a temperatura alcançar 800° C. É uma prática arcaica, obsoleta e burra, que, infelizmente, ainda é utilizada em diversos lugares do Brasil. No Estado de São Paulo, com o objetivo de reduzir os riscos de acidentes, as queimadas são feitas geralmente a partir de dois lados dos canaviais. Ainda assim, persiste o ato criminoso, pois continuam morrendo pelo fogo, pela elevada temperatura ou por asfixia causada pela fumaça, um número incalculável de insetos, pequenos roedores, pássaros e animais, como gatos do mato, onças-pardas, lobos-guará, veados, tamanduás, tatus, cobras e muitos outros.

A cultura canavieira destruiu as matas nativas. Sem abrigo, na luta pela sobrevivência, muitos animais vão buscar refúgio no próprio canavial e ali, atraídas pela grande quantidade de insetos, muitas aves, como pombas, nhambus, codornas e perdizes, também procriam, fazendo seus ninhos e colocando seus ovos.

Conseqüentemente, surgem as cobras, ratos e lagartos que atraem outros predadores de maior porte, como o cachorro-do-mato, o lobo-guará e a onça-parda, além de outros animais, como a capivara e a paca. Lamentavelmente, a queima dos canaviais é imperdoável e fere de morte esses animais que dificilmente conseguem fugir dessa verdadeira armadilha preparada pelo homem.

Não existe um levantamento estatístico científico sobre a quantidade de animais, nem de todas as espécies que morrem, em média, por hectare de canavial queimado. Os dados existentes são escassos e representam uma fração bastante pequena da realidade, pois são referentes apenas aos animais que são resgatados com vida e levados a um atendimento emergencial.

Assim, estão fora deste levantamento todos os insetos e praticamente todas as aves e pequenos roedores. Também não estão computados animais que conseguem fugir, lesionados, que acabam por morrer em outro lugar. A Polícia Ambiental do Estado de São Paulo vem desenvolvendo um trabalho que consiste em operações de constatações de danos à fauna pelas queimadas, logo após a sua utilização nas lavouras de cana-de-açúcar.

No Estado de São Paulo, e Piracicaba está inserida nesse contexto, as pastagens e as culturas agrícolas e, em especial, a monocultura canavieira, são responsáveis pela destruição da vegetação florestal nativa que vem ocorrendo nos últimos anos. O estímulo dado ao PROALCOOL na década de 70, fez com que a cobertura florestal do nosso município fosse reduzida a menos de 10%.

Os canaviais são plantados até os limites de florestas, unidades de conservação, áreas de proteção ambiental, áreas de preservação permanente e áreas de plantio de outras culturas.

Como as queimadas são efetuadas na estiagem, as vegetações limítrofes são atingidas, diretas ou indiretamente, sofrendo danos irreparáveis ou de difícil reparação causados, não são só por fogo provocado pelas fagulhas, mas também pela alta temperatura alcançada na queimada, que destrói a vegetação da borda, dando espaço para ervas daninhas, que se alastram pela área protegida.

Assim, o fogo continua destruindo os últimos e pequenos remanescentes de vegetação nativa, sempre com alegações dos representantes do setor sucroalcooleiro afirmando que o fogo fugiu ao controle. Para justificar a impossibilidade humana de apagar o incêndio depois de iniciado, expressamente citam o ditado popular: "água de morro abaixo e fogo de morro acima ninguém segura".

Quanto às relações de trabalho que hora se estabelecem no campo, no denominado agronegócio, ele continua:

Na realidade, as queimadas só servem para reduzir os custos do setor sucroalcooleiro com a colheita da cana. Se as queimadas fossem proibidas, no mínimo, o número de trabalhadores empregados na colheita seria triplicado. Paradoxalmente falam em desemprego. Nada impede o corte da cana crua. Basta pagar uma remuneração justa e fornecer equipamento adequado. É exatamente isso o que eles, os capitalistas, não querem de jeito nenhum. Muitas usinas já fazem o uso de máquinas em grande área de seus canaviais. Entretanto, para reduzir o custo e aumentar o rendimento das colheitadeiras essa cana continua sendo queimada.

Na verdade, o setor não está nem um pouco preocupado com o desemprego e muito menos com a saúde da população ou com as questões ambientais. As queimadas reduzem o custo do setor

canavieiro, aumentam os seus lucros, no entanto a população é quem fica com os prejuízos.

TRISTE CANÇÃO DO BÓIA FRIA

(Dario Bicudo Piai)

Triste canção - cheiro de morte
do porta-estandarte, do cortador
vida inteira lançada na sorte
gemidos doridos no peito
guerreiro da fome e da dor;
espadas que devastam campos,
campos que produzem flor.

Ó porta-estandartes: olhares tristes,
cansados, sismáticos e cabisbaixos,
marchando por trilhos fumarentos
ó guerreiros das madrugadas frias
levando consigo os grandes lamentos
suas dores, seus ais e almas vazias.

Homens, mulheres e crianças
exangues, sem cor, sem alento
muitos choros, um só lamento
carvão ardendo em brasas,
brasas ardendo no peito.
Sóis flamejantes, âncoras fugidias

ásperas mãos, negras as peles

tristes figuras dos bóias frias!...

Trabalhar, trabalhar, trabalhar ...

outonos, invernos e sóis sem fim

lassas noites, fatigados seus dias

campos verdes, esperanças vazias.

Choros, lágrimas - patrões enfurecidos;

imprecações: cada grito um pranto

cada pranto, um clamor.

Escutai, ó Deus, minhas preces,

meus brados de raiva

meus cantos de dor!...

III- O Cururu e sua sobrevivência frente à Globalização

Como é bonito lá na roça
Uma palhoça
E uma mulher que se quer bem.
A gente tem o nosso Jesus no peito
Vive alegre e satisfeito
Com aquilo que a gente tem!

Se nosso Deus não mandá chuva,
Nóis sofreremos todo de calor.
A mata toda não dará mais folha,
Não dará mais flor
E perderá todo o esplendor...
E se faltar a água
Nóis choraremos a mágoa
Morreremos de dores.
Nem os passarinhos canta,
A terra não dá mais planta,
E morre todas as flores!

Mãe que também morou na roça,
Numa palhoça,
Vendo o dia amanhecer.
Ver como é bela a natureza,
Que beleza,
Lindo, lindo de morrer
As imperatriz do espaço
Clareando o amanhecer
E essa é a homenagem que eu faço.
Ah! Meu Deus!
Jamais poderei esquecer!

Baixões cantados por Moacir Siqueira



FOTO 12 – o cururueiro Moacir Siqueira acompanhado dos modeiros de viola Brasiliense, Américo e J. Rodrigues. Supermercado Delta, Vila Rezende. maio 2006. Acervo Dinah Castilho.

O município de Piracicaba é conhecido nacionalmente por manter vivas algumas de suas tradições populares, no que se refere à música, às artes plásticas, à dança, ao teatro, enfim, a uma gama cultural intensa, expressa em diferentes áreas.

Ao longo de sua história, este município tem buscado formas de conjugar as raízes culturais advindas de várias etnias com a modernidade, que entre suas várias possibilidades traz em seu bojo, por inúmeras vezes, mudanças que vêm afetando substancialmente esta herança cultural.

Inicialmente é necessário que esclareçamos a diferença existente entre os seguintes conceitos: o popular e o folclórico.

Luís da Câmara Cascudo (1984), em sua obra “Literatura Oral no Brasil, observa uma particularidade interessante no que diz respeito à diferença entre um e outro conceito; em sua análise ressalta que a literatura folclórica é sempre popular, mas nem toda produção popular é folclórica.

Assim, este autor explica que “o Folclore utiliza-se de quatro características fundamentais, sendo: a) Antiguidade; b) Persistência; c) Anonimato; d) Oralidade”. (CASCUDO, 1984, p.24)

Na verdade, há uma necessidade do fator tempo para que qualquer produção, seja esta um canto, uma dança, um conto, transforme-se de um documento literário em uma produção folclórica. Entre outros aspectos, é imprescindível um certo anonimato a esta produção, além de uma resistência ao esquecimento.

Completando este pensamento, Cascudo pontua:

O folclórico decorre da memória coletiva indistinta e contínua (...). Assim um poema, um trecho de História que a simpatia popular divulgou, a música de uma canção, nacional pela memória coletiva, marcham para a despersonalização que as perpetuará no Folclore. (CASCUDO, 1984, pp. 24-25).

Do mesmo autor vem a definição de Folclore, como sendo:

(...) a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. (...) O conteúdo do Folclore ultrapassa o enunciado de 22 de agosto de 1846, quando William John Thoms (1803 – 1885) criou o vocábulo. (...) Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico. (CASCUDO, 1959, p.630).

Destes apontamentos temos então o Folclore como um conjunto onde se inserem músicas, danças, poesia popular, contos e cantos, lendas, superstições e costumes, contos populares do Brasil, a culinária, a sabedoria popular, enfim.

Inserido nesse contexto, encontramos o cururu, um desafio cantado que outrora já foi dançado, sendo remanescente da época dos bandeirantes em nosso território. O cururu continua despertando a curiosidade dos que o assistem e passam a reconhecê-lo, frente a sua dinâmica, por sua riqueza de detalhes que, a partir de agora, esmiuçamos.

3.1- As origens do cururu

As palavras rimadas que atravessam versos inteiros saem com facilidade das vozes dos cururueiros que, comumente, vemos no município de Piracicaba, animando festas nas rodas de cururu, tanto na área urbana quanto na área rural.

Entretanto, uma pergunta que sempre é feita por quem admira esta arte é: de onde veio o cururu? Qual seria a sua origem?

Cururu é nome de um sapo que vive na beira do rio. Porém, também representa a cantoria de um povo, que herdou um rio e um dialeto caipira.

Embalado pelo som da viola, instrumento de origem portuguesa, trazido pelos bandeirantes à época da colonização, este desafio que tanto impressiona os piracicabanos e mesmo os que visitam o município de Piracicaba tem neste instrumento uma das suas principais características.

Na reportagem do Jornal de Piracicaba, de 20/ julho/2005, p.C1, Benvegnu esclarece que:

A palavra cururu veio de curuzu ou curu, que era como os índios tentavam pronunciar a palavra cruz. O ritmo nasceu em Portugal e chegou ao Brasil por meio dos cantos religiosos dos jesuítas e das modinhas trazidas pelos portugueses colonizadores que misturavam-se com a música e a dança dos índios.

Com base nesta reportagem, vê-se que o cururu foi criado tendo na religiosidade um dos mais fortes elementos, podendo ser observado principalmente nas Festas do Divino Espírito Santo.

Esta festa, também de origem portuguesa, faz parte das tradições piracicabanas. Durante sua realização, é perceptível a presença dos cururueiros, demonstrando suas habilidades e conhecimentos inseridos no contexto das histórias bíblicas.

Luís da Câmara Cascudo, que tão grandemente estudou, durante toda sua vida, a cultura popular, e que publicou inúmeras obras como “Geografia dos mitos brasileiros” e “Vaqueiros e Cantores”, explica com muita propriedade a origem do cururu no seu singular “Dicionário do Folclore Brasileiro”: “(...) Invenção Jesuítica para efeitos catequéticos, dança respeitosa, mesurada, limpa de excitação sexual”. (CASCUDO, 1959, p.527).

No mesmo texto, Cascudo (1959) faz menção a Mário de Andrade e sua explicação sobre a origem do cururu:

(...) os processos coreográficos desta dança têm tal e tão forte sabor ameríndio, pelo que sabemos das danças brasílicas com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas suas festas religiosas, fora (e talvez dentro) do templo. (CASCUDO, 1959, p.527).

Tecendo comparações entre as diferentes origens atribuídas ao cururu, o autor explora o estudo de João Chiarini, incorporando-o ao texto. Chiarini discorda da origem ameríndia do cururu, e afirma:

Não aceitamos a sua origem ameríndia, mas sabemos que não lhe são as influências em comunhão do misticismo feitichista ameríndio e os ofícios dos jesuítas. O cururu é cantoria luso-afro-indígena. (CHIARINI, apud CASCUDO, 1959, p.527).

João Chiarini configurou-se como um intelectual que exerceu várias atividades, como as de jornalista, poeta e folclorista. (ANDRADE, 1994, p.2).

Buscou sempre ressaltar os potenciais culturais do município de Piracicaba, tendo uma participação política extremamente engajada, principalmente nas décadas de 40 e 50. Seus estudos a respeito do Folclore são até hoje motivo de interesse das novas gerações, preocupadas com a preservação e difusão da cultura popular.

Na visão de Andrade,

a poesia de Chiarini possui uma representatividade extraordinária das épocas mencionadas _ décadas de 40 e 50 _ inseridas num posicionamento político-cultural, que muito bem podem ser comparadas à qualidade de um Pablo Neruda. (ANDRADE, 1994, p.42)

Antonio Candido, ao estudar o cururu no município de Piracicaba, entre 1943 e 1945, faz o seguinte comentário sobre suas origens:

O cururu deve ter sido incorporado como complemento da dança de Santa Cruz, aqui formada, e em seguida da de São Gonçalo, aqui reformada. De modo mais autônomo, incorporou-se também aos festejos populares de junho, de Pentecostes e do Natal, já aí, provavelmente, menos por intervenção jesuítica do que por incorporação espontânea, propiciada pelo seu significado emocional para as populações mamelucas. (CANDIDO, 1971, apud ANDRADE, 1994, pp.86-87).

Par este autor é possível que o cururu já existisse como “um festejo em si” e que provavelmente tenha sofrido influências de danças e cantos de origem portuguesa, como o desafio à viola e a cana-verde.

Antonio Candido, crítico literário e sociólogo, teve incursões por vários municípios pertencentes ao Médio Tietê. Em suas buscas, tinha como objetivo inicial entender o cururu em suas origens e interpretar sua importância junto à cultura caipira.

Entretanto, ao deparar-se, na década de 50, com a figura do caipira ainda viva em suas múltiplas funções, Candido reconstituiu a vida caipira tradicional. Para tanto, este autor manteve vários contatos com os grupos estudados, “interrogando longamente, pelos anos afora, velhos caipiras de lugares isolados, procurando alcançar, por meio deles, o tempo dos antigos.” (CANDIDO, 1971, p.18).

Sua obra “Os Parceiros do Rio Bonito” tornou-se leitura indispensável ao entendimento do caipira em seus tipos humanos, da agricultura de subsistência por ele praticada, da sua intensa mobilidade e de outros tantos aspectos, que atribuem ao caipira ser este um dos pilares da identidade cultural do Estado de São Paulo.

Diante de considerações a respeito das origens do cururu, verificamos as de Alceu Maynard Araújo:

Aceitamos a origem luso-brasílica do Cururu. Não achamos que seja uma dança de origem africana, a própria existência da viola exclui tal hipótese. Nesse caso, em vez de a viola ser o instrumento fundamental, seriam os instrumentos membranofônicos, de percussão. (ARAÚJO, 1964, pp. 77-78).

Considerado um dos maiores estudiosos do Folclore nacional, Maynard via a antropologia cultural como uma ciência preocupada em estudar a expressão do sentir, do pensar, do agir, do reagir do ser social.

Aliás, já na introdução de sua obra “Folclore Nacional vol.II”, acredita que a descrição dos povos, dos costumes e das línguas, a Etnografia, a Etnologia, os estudos da cultura, do Folclore, vêm da Antiguidade. (ARAÚJO, 1964).

Alceu Maynard Araújo observa uma particularidade interessante no cururu, ao descrever que o mesmo não é dança de terreiro, o que normalmente acontece com todas as danças afro-brasileiras conhecidas, realizadas ao ar livre. Comentando assim as origens do cururu, complementa:

(...)Cururu é, em última análise, um sincretismo luso-brasileiro, inteligente forma lúdica de que o jesuíta lançou mão para ensinar História Sagrada aos catecúmenos. Definiríamos então: cristianismo à moda jesuítica, mais dança de roda, tão do sabor dos povos primitivos, é igual a Cururu. (ARAÚJO, 1964, p.78).

Ainda de acordo com este autor, no cururu pode-se levantar a hipótese psicológica do desafio. Em sua análise, este desafio pode ser religioso, a polêmica religiosa mesclada com a filosofia, a história etc. Ele considera o que denota “o prazer de vencer”, “o antigo floreio de palavras”, como sendo a parte lúdica do cururu, herdada pelos cururueiros. (ARAÚJO, 1964, p. 78).

Ao aludir-se aos jesuítas e sua contribuição para a origem do cururu, Maynard escreve:

(...) É da época das polêmicas religiosas, e daí a hipótese de terem sido os jesuítas os seus implantadores ou apenas os que difundiram ou ainda os aproveitadores, pela alquimia religiosa no sincretismo católico. (ARAÚJO, 1964, p.78)

A fim de entender o cururu de Piracicaba, Alleoni (2006) desenvolveu um trabalho onde foca, especificamente, a história de vida e o compromisso com o cururu do cururueiro Nhô Serra. Este cantador ficou conhecido no município de Piracicaba como o “cantador do rádio”, por seus programas feitos ao vivo e principalmente por difundir o cururu em bairros piracicabanos e pela região adjacente a Piracicaba.

Voltando à questão da origem do cururu, temos a afirmação de Alleoni de que “Delimitar as origens do cururu é difícil. Provavelmente estaria relacionado nas suas raízes mais remotas com o trovadorismo”. (ALLEONI, 2006, p. 20).

Na seqüência de seus argumentos, Alleoni atesta que “no século XVIII, a poesia cantada era formada de redondilhas ou de versos maiores _ o primeiro com sete sílabas e o segundo com cinco sílabas”. (ALLEONI, 2006, p.158).

O mesmo autor menciona que as redondilhas eram divididas em estrofes iguais, tendo um desenvolvimento melancólico. Recorremos a este autor e a tais citações pelo fato das mesmas aludirem a Portugal, que já nesta época possuía um gênero musical com “canto de desafio e improviso, até que se proclamasse o vencedor”. (ALLEONI, 2006, p.20).

Em sua obra, o autor enfatiza a tese de que os jesuítas utilizavam-se deste tipo de versejar no intuito de catequizar os índios.

Ora, necessário é também pensarmos sempre nas transformações pelas quais passou o cururu. Inicialmente dançado, hoje o cururu, no município de Piracicaba, restringe-se a uma cantoria, na qual, indiscutivelmente, permanecem muitas de suas características iniciais: habilidade do cantador sobre o tema, briga poética, utilização do dialeto caipira em alguns casos, a presença da viola, entre outras.

Valendo-se das reflexões de Alleoni (2006), podemos afirmar que muitas das variações dos ritmos populares que hoje conhecemos e que ainda fazem parte do cotidiano dessa cidade foram disseminadas pelos bandeirantes, nos séculos XVII e XVIII, nesta região que hoje faz parte do estado de São Paulo.

Sobre isto, Alleoni coloca que:

As variações em sua evolução no tempo é que originaram o que hoje denominamos de cururu, cateretê, catira, música caipira, cana verde, batuque, calango, música sertaneja e outras manifestações musicais populares. (ALLEONI, 2006, p.21).

É também bastante conhecido entre os cururueiros e violeiros de Piracicaba o livro “Cururu: Retratos de uma Tradição”, cujo autor é Aparecido Garuti. Tendo nascido em Ibitinga – São Paulo, e atualmente apresentando o programa dominical “Os Reis do Cururu”, pela rádio Delta FM de Sorocaba, o autor é também um conhecido cururueiro.

O livro tem como uma de suas características apresentar o cururu em sua origem popular, contemplando os cururueiros de Sorocaba, Piracicaba, Tatuí, Anhembi, entre outros municípios da área denominada “cururueira”, com várias biografias de cururueiros e violeiros. Na extensa lista de biografias, incluem-se artistas já falecidos, mas, muitos outros continuam cantando e tocando em vários municípios, inclusive na região da Grande São Paulo.

O interessante neste livro é sublinhar a interpretação feita por Garuti ao mostrar uma das possíveis origens populares do cururu. O autor conta que, entre os idos de 1969 e 1970, quando ainda era apenas violeiro, foi tocar viola com quatro conhecidos cururueiros, sendo eles: Dito Carrara e Sílvio Paes contra Pedro Chiquito e Horácio Neto.

Era uma festa dedicada a um santo cujo festeiro, o dono da festa, era seu devoto e ofereceria um jantar aos convidados. Nesta festa, Garuti conheceu o Nhô Zé, um antigo “rezadô de terço”, que enquanto enrolava seu cigarro de palha ia narrando fatos relativos “às andanças do Divino”. (GARUTI, 2003, p. 6).

É sabido que não há Festa do Divino onde não tenha cururueiros e violeiros. É extremamente comum as rodas de cururu nesta festa tão tradicional de origem portuguesa.

Nhô Zé explicou a Garuti que, após horas caminhando a pé de uma casa a outra, a irmandade deitava-se exaurida, muitas vezes nas varandas das casas, com as cobertas que traziam em suas mochilas. Na sala, permaneciam somente os rezadores em frente ao altar, cantando hinos em louvor aos santos. Nossa Senhora Aparecida era a santa mais louvada, em decorrência de existir um numeroso conjunto de hinos em seu louvor.

Entretanto, à medida em que as letras dos hinos tornavam-se repetitivas, havia necessidade de improvisar novas letras, modificando-se os hinos. Desses improvisos é que surgiam os melhores repentistas. A conclusão da conversa de Garuti com Nhô Zé foi assim descrita: “E Nhô Zé levantando-se complementou: _ E o cururu foi mudano, foi mudano e tá mudano”. (GARUTI, 2003, p.6).

Outra importante obra, devidamente apreciada pelos pesquisadores e apreciadores do cururu e da música de raiz no Brasil, é “Música Caipira _ Da Roça ao Rodeio”, de 1999. A autora, Rosa Nepomuceno, percorre a história da música de raiz em nosso país por todo o século XX. Neste livro, povoado por histórias de violeiros, cantadores, poetas, escritores, fazedores de viola, em certo momento Nepomuceno dedica-se ao cururu, onde traça várias considerações a respeito do mesmo:

Os primeiros cantos, na viola, foram os da catequese. Misturando melodias portuguesas às dos índios, crenças cristãs às danças pagãs, surgiram ritmos e gêneros como o cururu e o cateretê. Ao som da viola se aqueceu o caldeirão de raças e culturas, cantaram portugueses e tupis, e foram embaladas as crianças mamelucas (...) (NEPOMUCENO, 1999, p. 56).

Apresentando a origem do cururu a autora revela: “Deduzem os estudiosos que cururu era como os brancos entendiam a palavra curuzu, ou curu, dita pelos índios ao tentarem pronunciar cruz”. (NEPOMUCENO, 1999, p. 56).

A seguir, ao apresentar Cornélio Pires, Nepomuceno lembra que “foi esse tietense a levar o cururu, em 1910, para os palcos de São Paulo”. (NEPOMUCENO, 1999, p. 101).

Cornélio Pires foi poeta, escritor, humorista, professor de Educação Física. Mudou-se de um município a outro por diversas vezes. Residiu por um tempo em Piracicaba. Em São Paulo foi repórter e redator, passando por vários jornais na capital, em Santos e em São Manoel. (NEPOMUCENO, 1999, p. 102).

Tinha verdadeiro fascínio pelo universo caipira, pelo dialeto caipira, pela habilidade desse homem da área rural. Via nele graça, inteligência, esperteza, inúmeras qualidades para ensinar ao homem morador da cidade. Autor de vinte e uma obras, iniciou sua atividade literária com “Musa Caipira”, publicado em 1910.

Chamado de *Bandeirante do Folclore Paulista* por Alceu Maynard Araújo, estudioso sobre o qual já tecemos algumas considerações, este pioneiro do Folclore do Estado de São Paulo desbravou as danças, as músicas, fazendo platéias inteiras rirem de seus causos de caipiras.

A obra “Sambas e Cateretês”, de Cornélio Pires, é dividida em várias seções, tais como: Moda de Viola, Os Violeiros e seus Gêneros de Modas, Modas Catireiras, Modas Diversas. (LOPES, 1999, p. 17). No prefácio desta obra o autor declara:

Há 25 anos iniciei a colheita de versos rústicos, “inventados” pelos nossos caipiras para os seus fandangos, “funções”, cateretês, sambas, canas-verdes e cururus. Reúno hoje em volume esses versos e outros colhidos depois, conservando-lhes as corruptelas, brasileirismos, regionalismos, defeitos de rimas, muitas vezes má metrificação, para não lhes tirar o sabor especial e a cor local. (PIRES, 2004)

Portanto, ainda que a origem do cururu continue instigando pesquisadores e inquietando os que se interessam por esse assunto, como os próprios cururueiros e violeiros do município de Piracicaba, onde encontramos esta expressão folclórica caipira tão presente ainda, o fato é que não há dúvidas de que o cururu tenha sido utilizado pelos jesuítas na catequização dos  ndios. Além disso, é importante frisar que o cururu já foi dançado, abrindo-se com o passar do tempo às modifica  es, sendo hoje somente cantado.

3.2 – As características do cururu

Em um trabalho intitulado “Carta sobre o Cururu”, de 1988, Paulo Fraletti, dirigindo-se ao amigo João Chiarini, evocou com emoção os tempos em que assistia a um cururu autêntico. Entre elementos da paisagem, como o cercado de sap  , o terreiro, os curandeiros da região, este autor compartilha com o leitor a alegria que sente em ter conhecido um cururu autêntico:

Eu assisti cururu do puro, v  o já quase 60 anos. Era em cercado de sap  , circular. Se não tinha o cercado, e era terreiro ou mesmo palco, cantavam em roda. Com o rádio, ao que parece, essa característica acabou. (FRALETTI, 1988, s/p.)

Ao remeter-se ao passado, o autor revela em seu testemunho as características marcantes do cururu da época, e esclarece: “Que é disputa em forma de desafio, não há dúvida! Lembro-me bem. O povo seguia atento, participava, tomava partido, aplaudia”. (FRALETTI, 1988, s/p)

Diante da vitalidade dos cururueiros e de suas tematizações, Fraletti prossegue:

O tema, quase sempre, bíblico, mas não faltava o desafio. Neste, o cantador, ao cantar, bulia com as coisas (características) negativas, verdadeiras ou forjadas, para provocar ou se defender, contratacando. Além do bíblico, entravam outros temas, com história, inclusive fatos e acontecimentos circunstanciais. (FRALETTI, 1988, s/p)

Na trajetória de suas buscas para um melhor entendimento e explicação sobre o cururu, Fraletti (1988) é enfático ao escrever ao folclorista João Chiarini: “Estou com você, quanto a ser o cururu canto, não dança. Como pôde o grande Mário se enganar?”

Neste íterim, comenta sobre Mário de Andrade, o poeta que participou da Semana de Arte Moderna de 1922. Vibrante e apaixonado, profundo conhecedor da cultura popular, Mário de Andrade afirmava ser o cururu uma dança de origem ameríndia. Assim, defendendo o cururu enquanto cantoria e não dança, Fraletti demarca outra característica própria do cururu:

(...) É canto com verso. O verso sai por causa do canto. Isso é coisa de civilizado. Música mais qualificada. Dança não é. A gente vai ver e ouvir cantoria de desafio e não movimento. (FRALETTI, 1988, s/p)

Fraletti define o cururu como uma disputa poética, combate poético-melódico, no que conta com a aceitação de João Chiarini, que afirma que o cururu “também é desafio, combate poético”. (CHIARINI, 1947, apud 1994, p. 78). Este desafio utiliza-se de diversas rimas, que podem terminar em A, ÃO, INO, DIA, também denominadas de linha ou carreiras.

Bonfiglioli (1982, p.20), ao abordar temas como Folclore, Música, Humor, Teatro, Artes Plásticas e Literatura, menciona o cururu como “folgança chegadinha de Portugal”.

A seguir, mostramos a divisão do cururu em uma apresentação de João Chiarini (apud ANDRADE, 1994, p.78):

- a) Introdução: sorteio dos cantadores na ordem de apresentação;
- b) Louvação; saudação ao santo e/ou ao público presente;
- c) Aparteação: desenvolvimento das carreiras, que são as palavras-chave das rimas;
- d) Baixão: é um lai ... lai... lai com que finalizam a cantoria numa carreira, melodia sem palavras

Entre diversos pesquisadores que estudaram o cururu, chamam-nos a atenção as pesquisas de Alceu Maynard Araújo. Em sua obra “Folclore Nacional – Danças, Recreação, Música, vol.II”, encontramos um texto tão puro e explicativo que a gente nem sente a técnica que o estrutura.

O texto de Alceu Maynard Araújo, a personalidade do sociólogo, escritor e folclorista, é o que de mais forte observamos nas primeiras décadas do século XX. Ele possui uma marca pessoal, que é fundamental num folclorista. Suas pesquisas de campo em torno do cururu trazem as regras, as rimas, regiões cururueiras, explicações sobre a viola, entre tantos aspectos explicados por este autor sobre o tema. Piracicaba é tema de seus trabalhos de campo e o cururu respira poesia através dos seus textos.

Há na obra de Alceu Maynard Araújo um elemento fundamental para o entendimento deste assunto: a presença de um corpo de déias geradas a partir de infinitas observações no interior do cururu. Estas observações têm continuidade e são desdobradas com base em pesquisas de campo, que nos ajudam, nesse caso, a configurar a dimensão desta manifestação folclórica caipira em nosso município e regiões adjacentes ao mesmo. É deste autor a afirmação de que o “Cururu é a mais antiga e brasileira de todas as danças populares; é paulista, piratiningana.” (ARAÚJO, 1964, p. 79).

Em relação ao perfil intelectual deste autor, verificamos que o mesmo encontra-se em relação direta e íntima com autores que com ele mantiveram contato pessoal e, em mais de um caso, de extrema amizade e troca de informações. Entre estes destacam-se: Cornélio Pires e João Chiarini.

Postas as considerações a respeito deste autor, discutiremos agora os principais pontos esclarecendo sobre as características do cururu.

Ao descer o rio Tietê e seus afluentes navegáveis, nos pousos, nos ranchos, já havia a dança do cururu, disseminada pelas regiões onde adentrou o bandeirismo, sendo visível a importância desses rios para a difusão do cururu. A certificação destes fatos vem pela seguinte argumentação:

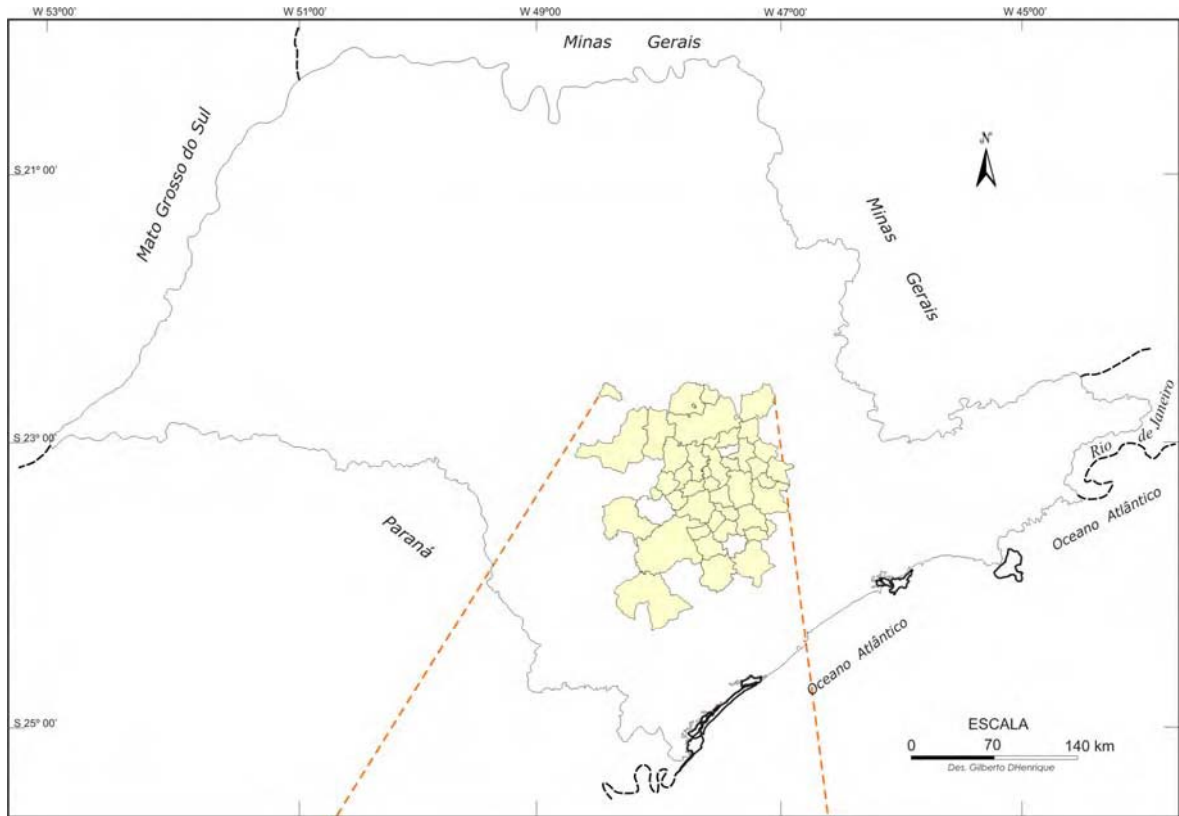
Após várias pesquisas que realizamos de 1945 a 1948, para determinação das zonas das danças ainda existentes no Estado de São Paulo, defendemos a tese de que o Cururu se difundiu na direção que seguem as águas do rio Tietê e a de seus afluentes navegáveis. Verificamos também que a zona Cururueira coincide, em grande parte, com a zona geográfica comumente denominada pelos geógrafos de “Zona do Médio Tietê”. (ARAÚJO, 1964, p.107).

Criado, portanto, pelos padres jesuítas para a catequese dos índios, o cururu incursionou sertões afora, auxiliando nas missões propostas.

A segunda importante região cururueira localiza-se na direção Sudoeste do Estado de São Paulo, chegando às fronteiras do Estado do Paraná. Grandes protagonistas para esta façanha foram os tropeiros vindos do Sul em busca das feiras de Sorocaba, em busca de negociarem animais. (ARAÚJO, 1964, p. 108)

Segundo Garuti (2003, p.10), o cururu, nos dias de hoje, continua abrangendo quase toda a região do Médio Tietê. Este autor apresenta os seguintes municípios onde o cururu ainda se apresenta:

Sorocaba, Votorantim, Piedade, Pilar do Sul, Araçoiaba da Serra, Alambari, Sarapuí, Itapetininga, Capão Bonito, Angatuba, Porto Feliz, Tietê, Laranjal Paulista, Jumirim, Conchas, Botucatu, Rubião Júnior, Capivari, Saltinho, Piracicaba, Rio das Pedras, Mombuca, Elias Fausto, Quadra, Santa Bárbara D'Oeste, Americana, São Pedro, Águas de São Pedro, Anhembi, Charqueada, Barra Bonita, Rio Bonito, Laras (Laranjal Paulista), Maristela, Cesário Lange, Pereira, Guareí, Torre de Pedra, Porangaba, Itu, Salto, Indaiatuba, Alumínio, Cardeal, Iperó, Boituva, Cerquilha, Capela do Alto, Tatuí, Monte-Mor, Limeira, Pirambóia e Rafard. (GARUTI, 2003, p.11).



Ainda sobre a questão das regiões cururueiras, é possível encontrar o cururu em Goiás. Esta constatação é feita por Araújo, que verificou esta manifestação em Goiânia, em dezembro de 1948. Em suas manifestações sobre a presença do cururu neste Estado, o autor lembra a rota do rio Tietê e o percurso dos bandeirantes, chamando estes últimos de “espichadores territoriais” do Brasil. (ARAÚJO, 1964, p.81).

O cururu era o principal divertimento dos bandeirantes, além de entendermos a intrínseca ligação existente, nesta época, entre os dois Estados centrais, na época da mineração, sendo, portanto, os atuais Estados de São Paulo e Goiás.

O cururu também pode ser visto no Estado do Amazonas, onde os paulistas também adentraram, difundindo o cururu.

Alceu Maynard Araújo foi quem estabeleceu a dicotomia entre cururu rural e cururu urbano. No cururu rural é incontestável o cunho religioso, já que no passado era uma dança religiosa onde nem o namoro era permitido. Este aspecto religioso vem dos caipiras que moravam em sítios ou mesmo em bairros afastados das áreas urbanas.

Ao migrar das áreas rurais para as áreas urbanas, o cururu foi, gradativamente, substituindo seus temas religiosos por outros, de cunho social e político, principalmente.

No cururu rural não havia o costume do cachê, uma contribuição feita em dinheiro. O festeiro, que era quem promovia o cururu, oferecia a alimentação aos cururueiros, violeiros e aos participantes do evento. No cururu urbano tornou-se hábito o pagamento de um cachê.

De fato, Garuti explica o seguinte ao abordar este detalhe:

Os cantadores de cururu costumam cobrar um pequeno cachê por sua apresentação, variando de R\$ 50,00 a R\$ 500,00 de acordo com a fama do cantador. Esse cachê serve para pagar as despesas do cantador (transporte, combustível, equipamento, cachê dos violeiros etc...) (GARUTI, 2003, p. 09).

Atualmente, o festeiro, que é quem promove a festa, contrata em média quatro cantadores de cururu. Estes então serão responsáveis pela contratação de outros três ou mais cururueiros. Um fato que observamos sempre em várias festas onde há o cururu é que o cururueiro mais famoso, por ser o mais habilidoso na arte de rimar os versos, ou mais conhecido pelo seu talento, diante do grande público, normalmente é o primeiro contratado pelos festeiros.

Araújo (1964, p.86) esclarece que os cururueiros, às vezes, chamam o cururu de “canturia e ao cantador de canturião, canturino e cantadô.”

João Chiarini, citando um estudo realizado por Neyde Rosa Bonfigliori (1982, p.20), enfatiza que o termo correto para quem canta cururu é “cantorião” e não cantador, e que até mesmo Mário de Andrade, em 1939, ao lhe escrever uma carta estranhou este termo. Chiarini ainda esclarece que esta palavra é de origem piracicabana. Baseados em seus estudos temos:

O termo cantorião é um termo piracicabano, é a fala de Piracicaba (...). Dentro do cururu, que é uma dança de roda geral, sempre contrária à marcha dos ponteiros do relógio, há o cantorião, que é este elemento do tipo improvisador (...). Logo, o cantorião é o elemento experimentado, é aquele que já participou de quase um milhar de cururus. (CHIARINI, apud BONFIGLIORI, 1982, p.20)

Lembre-mos que a elaboração do cururu rural, descrito por Araújo (1964, p.86), remete às várias pesquisas de campo desenvolvidas por este autor, principalmente nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

De fato, esta formação não encontramos mais no cururu cantado dos dias atuais. Ao descrever um cururu num pouso do Divino, nas proximidades do município de Tietê, em 1946, Araújo discorre sobre o fato de que fizeram parte deste cururu doze cantadores e o pedreste.

Araújo lembra-nos que o canto era duetado, portanto seus desafiantes agiam da seguinte maneira: “Todo cantador desafiante tem um “segunda”. O cantador improvisa e o “segunda” dueta. (...) O dueto do “segunda” é quase o eco das palavras cantadas”. (ARAÚJO, 1964, p. 86).

A maneira como conviviam, sítios afora, permitia um conhecimento profundo entre eles, e o “segunda” chegava quase a adivinhar as palavras do improvisador.

Na atual forma do desenvolvimento do cururu, denotamos, normalmente, a presença de quatro cantadores. Entretanto, “dependendo das ocasiões, há cururu onde cantam seis, cinco, três e até mesmo dois cantadores.” (GARUTI, 2003, p.7).

No cururu rural de décadas passadas, o violeiro era chamado de instrumentista e era perceptível a habilidade em se tocar a viola por quase todos os participantes do cururu. (ARAÚJO, 1964, p.86).

Como demonstram todos os estudos de Alceu Maynard Araújo, em meados do século XX, na falta de um instrumentista, quase todos os participantes do cururu dominavam as cordas da viola. “Assim que acabava de cantar, o cantador passava a viola ao próximo cantador, sucessivamente.” (ARAÚJO, 1964, p. 86).

O trabalho pioneiro sobre a construção do cururu, de Araújo (1964), sugere também a presença imprescindível do “pedreste”. Por conseguinte, vem deste autor a definição para este importante participante do cururu: “O pedreste é um cantador que não toma parte dos desafios. É um general reformado do Cururu, um cururueiro aposentado e honorário”. (ARAÚJO, 1964, p. 86).

O pedreste era, portanto, um cururueiro convidado pelo dono da casa, “sendo-lhe inerentes a cordialidade, a confiabilidade e a empatia. Era ele quem organizava o cururu defronte do altar, orientando os respectivos lugares dos porfiadores. (ARAÚJO, 1964 pp.86-87).

O pedreste também era o cururueiro que, além de colocar os cantadores em ordem, mantinha-se dentro da roda. Era seu papel, ainda, no cururu rural, onde havia a presença da dança, fazer os sorteios para a colocação dos cururueiros, além de apresentar os melhores cantos, os nomes dos cantadores e, por vezes, incitá-los a continuar cantando.

É fato que atualmente há ainda, em algumas ocasiões, a presença do pedreste. Garuti, ao escrever sobre sua função, descreve-o como o cururueiro que escolhe o primeiro que irá cantar. Necessariamente é feito um sorteio, onde

colocam-se os nomes dos quatro cantadores em papéis dobrados, dentro de um chapéu. “Cada um dos cantadores tira um número. Aquele que pegar o número um será o primeiro.” (GARUTI, 2003, p. 7).

Garuti (2003) afirma que o primeiro é o pedreste e é ele quem dá início às rimas. Nota-se também que no cururu apresentado atualmente o número um é parceiro do número três. Os outros números pares são parceiros entre si.

Cabe lembrar também que o cururu que assistimos hoje em dia é cantado por quatro cantadores, como já mencionamos anteriormente. Porém, Garuti (2003) salienta que, no caso do número de participantes ser ímpar, cada cantador cantará por si, defendendo-se dos demais, inseridos nas regras do cururu, as quais estaremos explicando.

Por sua vez, quando ocorre de um determinado festeiro convidar cinco cantadores, o pedreste sorteado não fará parte do desafio.

A ele caberão determinadas funções como as de determinar as rimas, puxar as carreiras e se, por uma eventualidade, sentir necessidade em participar do desafio, acabará juntando-se ao lado dos cururueiros que estão perdendo, ficando o desafio com três cantadores contra dois. (GARUTI, 2003 p. 7).

A dança de roda do cururu rural, descrita por Araújo (1964), possuía uma coreografia pobre. Constituída de movimentos lentos, os passos dirigiam-se para a frente e para trás. Numa sincronia quase perfeita, “canturiões” e seus respectivos “segundas” avançavam e recuavam seus passos, sendo acompanhados por todos os outros participantes da dança.

Por se encontrarem em frente ao altar, era comum retirarem seus chapéus em respeito aos santos. Trajavam-se de maneira simples, comum. Os cantadores que mencionavam trechos da bíblia, possuindo amplo conhecimento da mesma, recebiam o nome de cantadores esquireiros.

João Chiarini atrela a expansão do cururu à cultura canavieira. Desta forma, encontramos em seu trabalho a seguinte explicação sobre o assunto:

(...) essa manifestação progrediu nos locais onde o braço branco ou negro foi utilizado, isto é, na lavoura da cana, na indústria do açúcar. Reflete também o início, a preparação do terreno, é uma toada coletiva, de mutirão. (CHIARINI, apud ANDRADE, 1994, p.78).

A mesma autora aponta em seus estudos que o “cururu urbano traz em seu bojo a permanência de uma manifestação que sobreviveu ao advento da urbanização.” (ANDRADE, 1994, p. 78).

Ao analisar os aspectos do cururu urbano, Alceu Maynard Araújo (1964) mostra a realidade passada na década de 1940, tendo como cenário o município de Tatuí, Estado de São Paulo. Possuindo cururueiros famosos na época, o lugar escolhido foi o Teatro São José, do referido município.

Para os jovens nascidos e criados no município de Piracicaba, ao assistirem nos dias de hoje um cururu, os mesmos não têm a menor idéia de como era feito um cururu há quase seis décadas atrás. Os teatros ficavam lotados e, pontualmente, à hora marcada, os cururueiros entravam no palco, vestidos, alguns de terno e gravata. Conforme observado por Araújo,

as violas eram de cinco cordas duplas, alternando-se a afinação por vezes em “cebolão” e outros em “cebolinha”. Ao caminharem no palco da esquerda para a direita, a primeira toada era cantada pelo pedestre”. (ARAÚJO, 1964, p. 114).

É de Araújo também a explicação do que significa carreira, que no cururu é sinônimo de linha:

Significa a forma na qual os cururueiros irão cantar. São inúmeras as possibilidades de carreiras: São João do A, Jesus Amado, Santa Cruz, São Pedro, São Paulo, São Salvador, do Dia. (ARAÚJO, 1964, p. 18).

Ainda em relação às rimas, Garuti (2003, p. 11) pontua que as mais tradicionais e mais utilizadas são “as de São João, Sagrado e do A, justamente por serem consideradas as mais fáceis.”

Em cada carreira é necessário fazer uma louvação aos santos ou ao público. Na carreira do A todos os versos rimam em “A”. Nesse sentido, se o cantador que iniciar o cururu optar cantar na carreira do “A”, todos os outros cantadores o seguirão na mesma carreira, até que o último cantador conclua sua cantoria.

Olívio Alleoni coloca as mudanças em alguns aspectos do cururu:

Antigamente a carreira era colocada pelo pedreste. Todos os cantadores tinham de seguir a carreira imposta por ele. Agora, comumente, quem faz a colocação da carreira é o primeiro cantor. A última carreira a ser cantada é a Carreira do Dia, quando se faz novamente a consagração ao altar, ao santo, ao povo. (ALLEONI, 2006, p. 25).

De acordo com este autor, o cururu é essencialmente um embate poético. Configura-se somente pela presença dos cantadores e violeiros. Portanto, verificamos que tudo que se acrescentar a estes elementos compromete o que realmente representa um autêntico cururu. “Antigamente, costumava-se utilizar reco-reco e o tambu, que hoje estão praticamente inutilizados.” (ALLEONI, 2006, p. 24).

Araújo (1964, p. 118), ao analisar a diferença entre “verso batido” e “verso encontrado”, afirma que no verso batido a resposta ao desafiante é rápida, de imediato ao que iniciou a cantoria. Entretanto, no cururu, é possível um cantador estender sua cantoria por vários minutos, tendo a resposta, na mesma carreira, feita pelo outro cantador somente após ter terminado seu canto.

A porfia ou aparteação é o momento em que a habilidade nos versos é demonstrada pelo cantador. Este é o momento em que o mesmo utiliza-se de todo o seu conhecimento sobre temas religiosos, que são os predominantes, ou mesmo sobre fatos do dia-a-dia que perpassam pelo município ou mesmo pelo país.

Os versos são improvisados. Cantador considerado bom no cururu tem por excelência os versos na ponta da língua, como popularmente se diz no município de Piracicaba. Os cantadores normalmente gesticulam, narrando histórias interessantes e tentando superar o fato cantado pelo outro cantador.

Cururu é disputa, um fervilhar de idéias que se juntam num floreio de palavras, arrancando, por inúmeras vezes, os aplausos do público presente.

Neste processo caracterizado pelo cururu, os temas apresentados são passíveis de conteúdos de humor, sátira, fatos sociais que estão presentes no dia-a-dia; ocorre muitas vezes de um cantador referir-se aos “pontos fracos” do adversário, fatos referentes à sua personalidade, por exemplo. Logo após, o cantador a quem o primeiro se referiu “dará o troco”, respondendo ao outro cantador, argumentando e superando-o em algumas vezes. Neste momento a platéia comumente ri e aplaude os cantadores.

Há ainda cantadores, no município de Piracicaba, que primam por cantar trechos bíblicos, demonstrando assim grande conhecimento das passagens da Bíblia.

O instrumento mais importante para o acontecimento do cururu é a viola. Segundo a análise de Castilho e Castilho (2006, p. 38), “a entrada da viola em nosso país ocorreu na época de sua colonização, através dos colonos vindos de diversas regiões de Portugal.”

Um outro aspecto levado em conta pelos autores é o surgimento de outros tipos de violas no Brasil, em decorrência das próprias diferenças regionais apresentadas em nosso país.

Sob esta ótica, temos:

(...) tendo em vista desde a entrada das primeiras violas em nosso território até os dias atuais, percebemos as mudanças ocorridas neste instrumento, propiciando o surgimento de outros tipos de violas, como a Viola-de-Cabaça, a Viola-de-Bambu, a Viola-de-Lata, a Viola-de-Cocho e a Viola-de-Buriti. (CASTILHO e CASTILHO, 2006, p.38).

Sérgio Santa Rosa, em livro publicado em 2007, sob o título de “Prosa de Cantador – a história e as histórias dos cururueiros paulistas”, assinala que:

Afinada normalmente em cebolão, a viola pode ser tocada de maneira simplesmente “batida” ou cheia de floreios e ponteados. Dizem que no cururu antigo, a viola simplesmente acompanhava o ritmo da toada executada pelo cantador. Esse estilo de acompanhamento ainda é utilizado, mas hoje muitos violeiros gostam de tocar num estilo um pouco mais trabalhado, que mistura ponteios e preparações, além de manter o ritmo da toada. (ROSA, 2007, p.28)

Entre alguns violeiros com os quais tivemos a oportunidade de uma convivência em inúmeras noites caipiras e saraus caipiras, percebemos que os mesmos são autodidatas, ou seja, aprenderam a tocar suas violas ouvindo outros tocadores. Muitos deles começaram a tocar viola e, posteriormente, migraram para a cantoria, rimando seus versos em bairros, bares, lanchonetes, Festas do Divino e palcos do município de Piracicaba, da região e até mesmo de outros Estados.

3.3- A memória através do Cururu e sua resistência frente à Globalização

Não possuímos como principal objetivo fazer uma retrospectiva da história oral, metodologia escolhida por nós para o desenvolvimento deste trabalho. Entretanto, julgamos pertinente algumas informações sobre esta metodologia que respalda nossa pesquisa, a qual se orienta pelo seguinte questionamento: ***Como uma manifestação folclórica tão antiga pode estar viva e presente num município como Piracicaba, que por sua vez é considerado um município relativamente grande e moderno?***

A história oral surgiu em meados do século XX, com Alan Nevis, em 1948, historiador da Universidade de Columbia, EUA. Esse pesquisador iniciou seus estudos gravando depoimentos de pessoas importantes da vida americana.

No início da década de 1970, quem chegasse ao bairro Jardim Primavera, município de Piracicaba- SP veria um bairro recém construído, com cercas e janelas pintadas nas cores azul, amarela e vermelha. Eram casas de uma população humilde, trabalhadora, em sua grande maioria da Siderúrgica Dedini.

Nos bares desse bairro, em plena ditadura política no país, ouvia-se o som da viola embalando versos de um cururu. Eram cururueiros como Moacir Siqueira e Machado, nos finais de tarde e aos finais de semana, digladiando diante de um público que ria em resposta aos versos carregados de humor, poesia, temas do dia-a-dia e alguns religiosos.

Inseridos em nossa pesquisa, tivemos como um dos nossos objetivos entender a tradição que atravessa o tempo e permite que o cururu ainda seja ouvido em nosso município. Mantendo sua essência, ou seja, a forma e o ritmo, é possível relacionar esta manifestação folclórica caipira com a identidade cultural de Piracicaba.

Com várias lembranças trazidas pelo cururu, podemos analisar a tradição que existe nesta manifestação, tradição esta perpetuada em função de sua própria qualidade, que de alguma forma ainda se mantém.

Em nossa pesquisa, verificamos que os cantadores e violeiros do cururu são cidadãos comuns, simples, que trabalham ou trabalharam como operários, caminhoneiros, pedreiros, motoristas de ônibus. Entretanto, possuem uma habilidade de construir versos improvisados e de tocar a viola, no caso dos violeiros, muitas vezes sem nunca terem aprendido o instrumento numa escola de música.

O único compromisso desses homens é cantar e tocar com maestria, para o público que os acompanha, o que aprenderam dos que os antecederam em uma “roda de cururu”.

Thompson (1993) explica que a transmissão cultural entre gerações é tão antiga quanto a humanidade. Contrastando com o fato da cultura querer manter a tradição através dos séculos, encontra-se nossa efêmera vida humana.

De fato, existe uma necessidade universal de transmitir a cultura entre gerações, e para tanto o papel da família tem sido fundamental, através dos tempos.

Para compreendermos a tradição que perpassa por várias gerações de cururueiros e violeiros no município de Piracicaba, necessitamos entender como esta transmissão de costumes ocorre e de que forma surgem novos cururueiros e violeiros. E ainda, o que tem levado o cururu de Piracicaba a continuar existindo em meio a novas formas musicais e artísticas que se apresentam no mercado, sabendo-se que muitas das nossas tradições, caipiras ou não, têm desaparecido da nossa sociedade.

As respostas para tais questionamentos surgiram de alguns cantadores e violeiros de cururu. Foi de significativa importância reconstruir as memórias desses exímios cantadores e violeiros.

Sabemos que as memórias coletadas, reconstruídas através de entrevistas e depoimentos, perfazem documentos que podem ser utilizados como fontes orais, já que a história oral resgata trechos da vida cotidiana, sabendo que os mesmos mantêm-se guardados na memória.

De acordo com Paul Thompson (1993), este tipo de fonte ainda sofre grande resistência. Boa parte da geração de antigos historiadores resiste à história oral, por julgarem que a chegada de um novo método implicaria no fato dos mesmos não conseguirem mais o domínio de todas as técnicas da sua profissão.

No entendimento de Prins (1992), os próprios historiadores encontram-se em uma sociedade alfabetizada, e isto, possivelmente, ainda que de forma inconsciente, os faz desprezarem a palavra falada.

Entretanto, para Thompson (1992), não existe melhor instrumento que as narrativas orais, pois, para este autor, a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, mas pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história.

Halbwachs (1990) nos ensina que, ao se exercitar uma memória vivida, esta vai além da trajetória individual, pois é experiência compartilhada, é memória coletiva. Do mesmo autor vem a seguinte explicação, com muita propriedade: “não é possível destruir os vínculos que unem pessoas a lugares; a memória resiste mais do que as casas ou do que as pedras da rua.” (HALBWACHS, 1990, p.137).

Os cantadores e violeiros de cururu escolhidos para os depoimentos foram selecionados por acreditarmos que os mesmos refletiriam com propriedade acerca da tradição que permeia o cururu em Piracicaba. Desta forma, foram desenvolvidas entrevistas com os cantadores de cururu Moacir Siqueira e João Mazzero.

Entendemos nossos depoentes como dotados de individualidades, as quais devem ser respeitadas. Assim sendo, buscamos também reconstruir aspectos das trajetórias de vidas dos depoentes, pois os mesmos podem ser elucidativos para compreender questões inerentes às mudanças ocorridas no cururu e, principalmente, a respeito da tradição do mesmo.

Em nossa pesquisa, após a análise dos depoimentos, passamos a compreender o significado da palavra “tradição”, no contexto do cururu, passando de geração em geração.

Moacir Bento de Lima, mais conhecido como Moacir Siqueira ou Moacir Setenta, é um dos mais conhecidos cururueiros do município de Piracicaba. Quando perguntado se seus antepassados cantavam cururu, o cantador nos esclareceu:

Meu pai cantava cururu cana-verde, cantava desafio, batia o pé fazendo catira. Era a voz, era pedreste. O nome dele era Otávio Siqueira.

Sobre suas lembranças do cururu, Siqueira nos confidencia:

A primeira lembrança do cururu é que eu gostava de dançar nos bailes. Não gostava muito do cururu. Passei a admirar e gostar do cururu quando, na Conserva da Vila Rezende Sorocabana, onde meu pai era encarregado, teve o batizado do filho do falecido cururueiro Parafuso. Isto aconteceu por volta de 1957. Aí comecei a cantar com meu pai, meu tio Tico Siqueira, Franquelo Sampaio, Antonio Villa Nova, Onofre Jordão e Augustinho Aguiar.

Não podemos nos esquecer de que o cantador refere-se a fatos ocorridos há cinco décadas. Lembremo-nos que as noções de tempo e de espaço são a estrutura dos quadros sociais da memória.

Sobre o que aconteceu ainda naquela ocasião, Moacir Siqueira relembra:

Aí pediram para eu cantar um verso também e fazer a segunda do Parafuso. O Parafuso gostou da minha voz e convidou para eu ir em Conchas, e aí cantaram Zico Moreira, João David, Parafuso e Dito João.

Ressaltamos também, em relação à questão da importância do tempo e do espaço, em se tratando da memória, o quanto as localizações das lembranças

inseridas num determinado tempo e espaço perfazem a essência da memória, a ponto de, caso o quadro espacial venha a se transformar ou a desaparecer, a lembrança é ameaçada.

Sobre suas primeiras incursões no cururu, nosso depoente diz:

No intervalo pediram que eu subisse ao palco e cantasse um pouco também. Comecei a ir uma, duas vezes por semana a treinar com o Parafuso, com o Pedro Chiquito e com o senhor Lazinho Albino.

Quando Moacir Siqueira cita cururueiros como: ZICO MOREIRA, JOÃO DAVID, PARAFUSO, DITO JOÃO, TICO SIQUEIRA, OTÁVIO SIQUEIRA, FRANQUELO SAMPAIO, ANTONIO VILLA NOVA, ONOFRE JORDÃO, AUGUSTINHO DE AGUIAR, entre tantos outros, refere-se aos grandes mestres do passado, que fizeram história no cururu e ainda hoje possuem seus admiradores.

E Moacir Siqueira continua:

Em 1970 comecei na Rádio Difusora, que ia ao ar de quarta feira, das 20h às 21h, e domingo de manhã, das 8h às 9h. Era programa de auditório e lotava que nem sardinha de lata.

Halbwachs (1990) afirma, sobre a memória coletiva, que ela é construída por uma pessoa extremamente ligada ao grupo ao qual pertence. Assim sendo, quando o depoente começa a se lembrar dos fatos que viveu, indiscutivelmente estará recordando também das suas experiências e das experiências vividas por seu grupo de cururueiros.

O que eu mais tenho saudades é de uma homenagem que fizeram para mim em Laranjal Paulista, em 1970, na família Garpele, os irmãos metralha, Neco, Piveta e família Bordinhol, que me deram várias taças e troféus, colocaram faixas com flores. Tenho saudades de cantadores como Dito João, que era bom na resposta, dava troco. De Zico Moreira, que era satírico e brincalhão. Tenho muita saudades de Parafuso, muito brincalhão, de João David, que era escrivão e cantava com ética e sabedoria.

Quando se refere a outro grande cantador, Sebastião Roque, o depoente rememora:

Eu fui na casa de Sebastião Roque, na cidade de Itu, em 1970. Ele era compositor, era historiador.

Ao descrever o cururu de hoje, Moacir Siqueira diz:

Eu acho que o cururu não vai morrer. A essência não deixa morrer o cururu. Podem emudecer o nosso canto, mas na Ciência fica o vídeo, o CD, o DVD, a fita e os livros para a recordação.

Para este cantador do cururu, a grande oportunidade de desempenhar um bom cururu são os “Encontros do Divino”. E sobre isso continua:

Tem encontro do Divino de maio a junho, em Anhembi. Têm muitos Pousos e almoços do Divino em vários bairros de nossa cidade: Paulicéia, Cecap, El Dourado, Vila Cristina, Santa Terezinha, Paulista. Tem Pouso do Divino no Jardim São Paulo, Jaraguá, e também nos sítios do Pau D'Alho, bairro São Sebastião. Na cidade ainda tem no bairro Alto. Quando vamos cantar na Grande São Paulo, é de uma categoria. Fui cantar no SESC Parque Água Branca e cantei com a Orquestra de Viola Caipira de Piracicaba. Foi um Projeto Revelando São Paulo.

O tio de Moacir Siqueira, Tico Siqueira, é citado por Nepomuceno (1999) como “o Nelson Cavaquinho da moda de viola.”

Nosso próximo depoimento vem de João Mazzero, 57 anos, e um dos cururueiros que participa de inúmeros eventos de cururu.

Sempre gostei do cururu. Eu acho que é inclinação, é dentro da gente. Morava numa fazenda. Tinha rádio com acumulador. Nem todos tinham rádio. Aos domingos havia o programa do Nhô Serra; o administrador ligava o rádio e parecia uma festa.

Ao analisarmos depoimentos variados, podemos observar questões que normalmente não ficam evidenciadas nos documentos escritos. O resgate dessa diferentes versões possibilita, aos pesquisadores, observar como estes agentes históricos perceberam e percebem hoje os acontecimentos por eles vivenciados.

Vim prá cidade aos oito anos. Fui morar no centro da cidade, no tempo do Bonde, da Maria Fumaça, do táxi que ia em charrete. O ponto era no Largo São Benedito. No tempo em que vendia verdura em cesta de bambu. Eu cantava sozinho. Acredito que improvisava.

Para João Mazzero, os cururueiros “mestres do passado” deixaram saudades:

Na minha opinião, é um pedido que a turma faz prá mim, relembrar o saudoso Parafuso. Eu sempre achei ele um cantador alegre, diferente. Eu gravava em gravador a pilha, simples, os cururueiros, duplas caipiras que eu gostava.

Ao falar sobre o tempo em que iniciou como cururueiro, ele diz:

Comecei em 1993 pelo “Rancho da Gaiola”, naquela época era Rádio FM Municipal. Eu lembro que aquela vez cantava eu, Bueninho, Mané Moreira e Jorge Sampaio. A poesia vem da alma, da recordação do sertão, de uma amizade bonita e conquistada que a gente tem, de um amor. Da época que eu comecei, o cururu mudou o jeito de cantar.

Ao falar das mudanças ocorridas no cururu, continua:

Existem dois tipos: o cantor e o show do cururu. Vou cantar na Praça e a hora é estipulada. Aí não dá prá se mostrar o talento. Agora, se é num Pouso do Divino e o povo tá acudindo, a gente vai cantando uma volta, duas, três.

Quando se refere ao seu estilo, como cantor de cururu, Mazzero diz:

Eu já sou mais mesclado. Se eu estou num lugar que a pessoa gosta do sistema de caipira, eu uso o linguajar caipira. Por exemplo, em Pardinho, Botucatu, Conchas, Porto Feliz, Laranjal Paulista, Boituva. Agora, se vamo cantá em São Paulo, não usamo muito a linguagem caipira.

A narrativa oral de João Mazzero pode ser entendida como uma versão do passado. Nela nos interessa, antes de tudo, agregar mais vozes, que possam dizer mais a respeito do cururu, possibilitando a nós, pesquisadores, compreender mais as relações do homem com o espaço em que se vive e as mudanças que nele ocorreram e que, a partir de então, modificaram e interferiram no cururu original.

Sobre como está o cururu hoje, o cantor continua:

Hoje o cururu está em decadência, porque foi diminuindo as pessoas que amava e incentivavam o cururu. Primeiro, porque há quarenta anos atrás, sua distração era o cururu, samba de lenço, os terços em Lua cheia nas casas, cafezinho, bolinho de chuva, batata assada, mandioca cozida, polenta com molho de tomate. Polenta que se cortava com linha sobre a tábua, um forró, só com sanfona e pandeiro. Tinha um campo de malha, um domador de animal.

João Mazzero compartilha das suas experiências emocionais com os outros. Isto representa partes da sua vida social e cultural cotidianas. Na verdade, inseridos nesta compreensão, entendemos nosso trabalho como o de quem, além de recolher memórias, recolhe também emoções.

Hoje, em qualquer esquina tem uma lanchonete, tem um barzinho que tem um som. Isso tudo tirou “a essência do cururu”. Com todos os poréns que está ocorrendo, agradeço a Deus por eu chegar onde cheguei. Apresentei em quase todos os canais de televisão, em vários SESC, vários teatros, já gravei duas faixas do cururu. O primeiro é o “Classe A” e o segundo “Os Bam Bam Bam do Cururu”. Hoje, o cururu está catengando, ou seja, em decadência. Piracicaba sempre foi a matriz do cururu. Sorocaba é muito forte, depois vem Tatuí.

João Mazzero utilizou dos elementos de sua memória. Lembrou lugares hoje destruídos, descaracterizados. Ao percorrer o tempo, deixou o registro de suas lembranças como algo que, de certa forma, ele preservou.

Pois, repetindo aqui as palavras de Halbwachs (1990, p.137), “não é possível destruir os vínculos que unem pessoas a lugares; a memória resiste mais do que as casas ou do que as pedras da rua”.

Desse modo, discorrer aqui a respeito da sobrevivência do cururu no município de Piracicaba passa, indubitavelmente, pelo cotidiano desta manifestação folclórica, que acontece nos bairros, nas festas dos sítios do município, bares, lanchonetes, supermercados, Festas do Divino, entre outros espaços, inclusive em bairros periféricos, como Jardim Primavera, Algodual e Jaraguá.

Apesar das transformações pelas quais passou, principalmente a partir da segunda metade do século XX, o cururu possui uma vida própria. No momento em que teve início uma urbanização crescente, quando grande parte da população do Brasil passou a migrar do campo em direção aos grandes centros industriais, o cururu começou a apresentar modificações em suas formas iniciais, adequando-se à nova realidade apresentada.

Araújo (1964), em meados da década de 1950, já traçava algumas observações a este respeito:

Houve inicialmente uma difusão, depois um represamento em determinada área graças ao isolamento geográfico e cultural, enquanto noutras registramos o desaparecimento; e o processo de industrialização não tardará em modificá-lo, ou mesmo, contribuir para o seu desuso. (ARAÚJO, 1964, p.110).

Observamos que Araújo refere-se, aqui, à dança do cururu e aos aspectos negativos do processo de industrialização sobre esta expressão, que foi sendo modificada, paulatinamente, em seus aspectos originais. Na reflexão apresentada por este autor, ficam implícitas as conseqüências que o processo de industrialização, atrelado ao da urbanização, poderia provocar no cururu.

O professor Alberto Ikeda, citado por Rosa (2007, p.15), considera as transformações pelas quais passou o cururu dando a seguinte sequência:

- 1) Danças cerimoniais indígenas;
- 2) Reinterpretação das danças cerimoniais indígenas;
- 3) Cururu-dança: dançado em roda, diante dos altares, com temática predominantemente religiosa e com canto improvisado (desafio implícito). Comum no ambiente rural;
- 4) Cururu-cantoria-de-improviso: adaptado ao ambiente urbano como espetáculo, sem dança, com temática profana (desafio explícito);
- 5) Cururu-canção: gênero de canção sertaneja, com permanência apenas do ritmo tradicional.

Santos (1994) enfatiza que entre os anos que separam a década de 1940 da de 1980, ocorreu uma verdadeira inversão no que se refere ao lugar de residência da população brasileira. Para este autor:

(...) Há meio século (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%; em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. Hoje a população urbana brasileira passa dos 77%, ficando quase igual a população de 1980. (SANTOS, 1994, p.29).

Santos (1994) ainda ressalta o fato de que o aumento da urbanização brasileira, a partir dos anos de 1940-1950, atrela-se ao fato da significativa formação de um mercado nacional, onde se denota claramente uma expansão no consumo.

Bilac e Terzi (2001), ao analisarem o cenário da urbanização piracicabana, notadamente entre as décadas de 1930 e 1940, apontam as preocupações da administração pública da época em relação a fatos como o saneamento do município, o aumento do número de escolas e até o calçamento da cidade com paralelepípedos.

Porém, ao focalizar a crescente urbanização durante os anos mencionados, as autoras ressaltam que foi tão intensa a migração da população pobre para as cidades, em busca de melhores condições de vida, que normalmente, de tão desprovidas de bens, eram confundidas com mendigos.

A verdade é que a mendicância nas ruas estava estreitamente relacionada ao processo de formação do mercado de trabalho e à urbanização crescente que atraía a população pobre para as cidades. As dificuldades de encontrar emprego e/ou a condição de subemprego levavam essas pessoas a estarem permanentemente circulando pelas ruas. (...) A rua tornava-se assim o meio de sobrevivência dessas pessoas, em contraste com a proposição saneadora das elites e da administração pública, segundo a qual o centro urbano deveria ser o cartão de visitas da cidade. (BILAC e TERCI, 2001, p.100).

No que se refere ao espaço urbano local, Bilac e Terceiro (2001) destacam novas construções de Praças e Parques, novos bairros, alterando a configuração do espaço do município estudado.

Inserido nesse novo contexto, o cururu inicia-se nas rádios, a partir de 1936. Rosa (2007) pontua que foram Cornélio Pires e sua Turma Caipira que promoveram a inserção do cururu nas rádios. Este autor observa que na década de 1930, o cururu aparece também na área urbana. A partir de então, sua difusão ocorre através dos programas de rádio, das festas religiosas e dos comícios políticos.

Os estudos de Sergio Santa Rosa apontam:

No rádio, o pioneiro parece ter sido Nhô Juquinha, apresentador do "Arraiá do Ranca Lasca", na Rádio PRD-6, em Piracicaba, no final da década de 30, programa que transmitia cururu ao vivo. (ROSA, 2007, p.17).

"Nhô Serra e Pedro Chiquito foram cururueiros piracicabanos a gravar os primeiros discos de cururu." (ROSA, 2007, p. 19).

Alleoni (2006) explica que o rádio era um objeto caro na década de 1950, dependente de eletricidade e inacessível à maioria da população. Quanto ao cururu nas rádios, este autor anota o fato da seguinte maneira:

Na década de 50, o cururu começou a sair da área rural e estabelecer-se nas rádios. No início os programas eram ao vivo e depois gravados. (ALLEONI, 2006, p.28).

Fundamentado em pesquisas, Alleoni (2006) afirma ainda que, sob a influência dos meios de comunicação mais aprimorados e a presença da televisão na década de 1960, as antigas modas de viola foram se transformando, incorporando novos elementos, o que contribuiu para sua descaracterização.

Podemos considerar que o mesmo ocorreu com o cururu. Segundo Rosa (2007), a inserção nas cidades e nos meios de comunicação provocou mudanças no cururu.

Entre as modificações ocorridas no município de Piracicaba, na década de 1950, salientamos aspectos de seu desenvolvimento econômico:

Nas “Breves informações sobre Piracicaba”, o jornal da época publicava dados reveladores dessa pujança, impulsionada pelas atividades industriais e seus líderes. A história da indústria em Piracicaba era lembrada pela imagem de uma cidade que trilhava os rumos do progresso, com grandes realizações, nos moldes das grandes cidades. A sua simplicidade, o seu “ar caipira” e a sua origem agrária não embargaram as iniciativas precursoras da expansão industrial. (PERES, 2001, p. 97).

O cururu sobrevive a estas mudanças econômicas e sociais sendo cantado em comícios, shows em circos e teatros, Festas do Divino, bairros periféricos, bares, lanchonetes, Pousos do Divino e em outros espaços do município até a década de 1980, quando surge o fenômeno conhecido como globalização.

Sendo a globalização um fenômeno multidimensional, portanto, sujeito a inúmeros enfoques _ econômico, político, cultural _ há, de certa forma, uma preponderância da sua dimensão econômica, com destaque para o fluxo de capitais e de mercadorias.

Por ser ainda recente e encontrar-se em andamento, não há uma definição consensual para a globalização. Entretanto, não se discute que se trata de um fenômeno ligado à expansão capitalista em sua atual fase informacional, respaldado pela revolução técnico-científica.

Assim, não é possível entender a globalização sem os avanços tecnológicos na produção, nos transportes e nas telecomunicações.

O que tem chamado nossa atenção na atual discussão acerca do processo de globalização é a luta das culturas locais para sobreviver às manifestações impostas pelas culturas de outros países.

Ianni (1996) esclarece que a tese da modernização do mundo carrega consigo a tese de sua ocidentalização, compreendendo principalmente os padrões, valores e instituições predominantes na Europa Ocidental e Estados Unidos.

O mesmo autor salienta que, apesar dos processos de globalização desenvolverem-se simultaneamente no mundo todo, os mesmos produzem desenvolvimentos contraditórios. Ao encontrar novas formas de vida e trabalho, podem se constituir em surpreendentes diversidades. Ou seja, na medida em que o mundo é globalizado, também surge o processo de pluralização dos mundos. (IANNI, 1996).

Podemos, neste momento de nossa pesquisa, focalizar a importância de um aspecto fundamental para o nosso trabalho: o conceito de lugar e a questão da identidade cultural que perpassa pelo lugar.

Santos (1990) considera que nos dias de hoje, inseridas no processo de globalização, as cidades, ao invés de se unirem, separam-se, empobrecendo a vida cotidiana ao invés de enriquecê-la. As metrópoles funcionam e evoluem segundo os parâmetros globais.

Porém, para este autor:

(...) elas têm especificidades, que se devem à história do país onde se encontram e à sua própria história local. O mundo e o lugar, intermediados pela formação socioeconômica e territorial, eis aí um princípio de método a adotar, se quisermos aprender o significado de cada caso particular. (SANTOS, 1990, p.14).

Para Santos (1994), lugar é uma idéia-conceito, sendo também uma idéia-projeto. Em sua obra, verificamos que o conceito de lugar expressa experiências e

expectativas, que ao se desdobrarem em espaços opacos, antagônicos aos espaços iluminados do agir operacional e do marketing, propiciam a resistência social.

Assim, o lugar pode orientar o sujeito na busca da transformação, de tal forma que possa favorecer a experiência da real cidadania.

Ao abordar o lugar como referência no combate à globalização cruel e desenraizadora, Santos (2000) discorre sobre o fato de que território e lugar são esquizofrênicos, pois, de um lado, acolhem os vetores da globalização neles instalados e, por outro, permitem a ocorrência de uma contra-ordem, pois há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados.

Paralelamente aos aspectos negativos da globalização, observados por Ianni (1999), Santos (2000) observa a emergência de um novo significado para a cultura popular, capacitada a rivalizar com a cultura de massas.

No município de Piracicaba, atualmente, há uma enorme força traduzida nas manifestações folclóricas caipiras, como o cururu. Isto pode ser confirmado ao observarmos as festas nas áreas urbana e rural, nas praças de todos os cantos. Há um esforço conjunto de vários artistas, anônimos na multidão, na contínua luta para não perder o valor do universo que envolve a cultura caipira.

No entanto, para que possamos fazer desses elementos folclóricos formas de comunicação popular, ressaltamos que:

Torna-se necessário um esforço maior, tanto no plano individual como coletivo, para reintegrar e valorizar o folclore na vida cotidiana. Por que prender o folclore na camisa-de-força de uma rígida, mas pretensa autenticidade – pretensa por equivaler à imutabilidade – que o violenta, que o amarra, que o juncue a concepções ultrapassadas? (...) devemos alimentar um realismo, um senso de oportunidade, uma audácia capazes de assegurar ao folclore, no mesmo ritmo das transformações sociais que se operam no Brasil, uma posição permanente nos sentimentos, nas atitudes, nas preocupações de todos os brasileiros (...) (CARNEIRO, 1977, p.183).

É relevante lembrar que a própria mistura das etnias indígena, branca e negra, denotada no município de Piracicaba, demonstra as origens da sua

diversidade cultural, expressa na culinária, no vestuário, no uso freqüente do dialeto caipira, nas tradições observadas em festas populares do município, onde se misturam legados culturais indígenas, negros e europeus.

Sob essa visão, temos:

A identidade e a diferença têm que ser atualmente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. (SILVA, 2000, p.76).

Piracicaba sempre se caracterizou por possuir um rico folclore, entrelaçando histórias de seus antepassados, mantendo assim suas raízes culturais.

Atualmente, sabe-se que há uma nova ordem mundial estabelecida, cujos reflexos são percebidos também na religião e na política. (LEME, 2001). Não sabemos quais são os rumos que as forças coletivas irão tomar; tampouco se os movimentos que surgem a cada dia possuem, todos eles, uma força libertadora.

Entretanto, todos têm em comum a defesa de um outro modo de viver que não se insere na razão instrumental do capitalismo excludente.

Conforme Castells:

É nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em redes populares de resistência comunitária, que tenho notado a presença de embriões de uma nova sociedade, germinadora nos campos da história pelo poder da identidade. (CASTELLS, 1999, p.427).

Dessa forma, reconhecida sobretudo como parcela edificadora ao exaltar sua identidade, a cultura caipira se expressa e ocupa seu lugar na sociedade, mantendo no cururu uma das representações folclóricas caipiras no município de Piracicaba.

Assim, o cururu tem se mantido e sobrevivido até os tempos atuais, sendo considerado mediador e revelador da identidade cultural caipira de Piracicaba.

Considerações Finais

Para chegarmos a esta parte conclusiva da nossa pesquisa, lembramos que partimos inicialmente do estudo dos aspectos formadores do espaço geográfico, que deram origem ao município de Piracicaba – SP, e dos elementos que contribuíram para a formação do seu povo.

Vimos que os séculos XVI, XVII e XVIII representaram o estabelecimento do poder real e a expansão territorial paulista, e que, para a ocupação das terras de Piracicaba, foi de notória importância a mineração ocorrida no Mato Grosso.

Durante esse período, a região que futuramente seria o município de Piracicaba passou também por outros ciclos econômicos, como a produção de barcos, a criação de gado e a agricultura de subsistência. Naquele momento, o pequeno vilarejo constituído sobrevivia em função do rio que o margeava.

Na virada do século XIX para o século XX, o já então município experimentava novas possibilidades econômicas, favorecido pelo fértil solo de massapê, em cujas terras já começavam a se instalar proprietários de todo o Centro-Oeste Paulista, do Estado de Minas Gerais, Mato Grosso e Rio de Janeiro. A cultura da cana-de-açúcar seria, a partir de então, grandemente explorada, desde aquela época até os dias de hoje.

Nossos estudos em torno da cana-de-açúcar foram no intuito de trazer à tona o fato de que esta cultura agrícola sobrevive em nossa região há mais de duzentos anos. Junto ao estudo desta cultura, mostramos o homem que nela trabalha, sonha, mantendo suas relações de sobrevivência num mundo capitalista.

Já nas primeiras décadas do século XIX, era impressionante a valorização das terras no sertão de Piracicaba, motivada pela agroindústria recém-implantada, que se beneficiava da abertura dos portos e das excelentes cotações que o açúcar alcançava no exterior. A população dobrava a cada cinco anos.

Além da mão-de-obra escrava, que trabalhava na lavoura da cana-de-açúcar, também era trabalhador rural o caipira, que se sustentava nas roças de milho, feijão, mandioca. Para exemplificar o caipira nos dias de hoje, nada melhor do que mostrá-lo através do “bóia-fria”, que é o trabalhador rural presente hoje no município de Piracicaba.

Com inspiração em vários artistas de Piracicaba e de outros municípios, fizemos questão de salientar os poemas de dois literatos de nosso município: Euclides Buzetto e Dario Bicudo Piai, nos quais foi possível visualizar a importância do Engenho Central, verdadeiro monumento da economia piracicabana, e o difícil cotidiano de quem trabalha na cultura da cana-de-açúcar.

No mar de cana que pode ser visto por milhares de pessoas que visitam o município de Piracicaba, e principalmente por “seus 329.158 habitantes” (ERCOLIN, 2005, p.8), é possível verificar nos canaviais, que muitas vezes abrangem até espaços da área urbana, uma multidão de homens e mulheres vestidos como se fossem para a guerra. Envolvidos no contexto de um município de médio porte, o dia-a-dia desses trabalhadores é marcado pelo excesso de trabalho, pelo descaso, falta de infra-estrutura, expropriação e exploração da mão-de-obra barata.

Além destes aspectos sociais negativos, há ainda o grande problema das queimadas, com o carvãozinho, fruto das mesmas, poluindo o ar, invadindo as casas, acarretando doenças respiratórias. De um lado, os latifundiários defendem seu ponto de vista; de outro, a população se vê inconformada. No meio das discussões, o trabalhador rural sobrevive, em meio a uma sociedade capitalista, excludente e segregadora.

Nesse contexto, inclui-se o processo de globalização, que, através das diferentes mídias, vem impondo um modelo cultural vindo dos países ricos, massacrando assim as culturas locais.

Porém, temos percebido que a globalização é uma faca de dois gumes, já que o global sem o regional nada significa.

O mundo passa, atualmente, por várias mudanças. É evidente que muitas dessas mudanças, trazidas no bojo da globalização, como as novas tecnologias, têm seu lado positivo.

À medida que nos percebemos nesse novo mundo, com nossas raízes culturais, expressando nossas idéias e sentimentos, também nos abrimos a novos contatos culturais. E é importante que isto aconteça, que estejamos atentos a outras formas culturais, mantendo um diálogo entre as culturas.

Mas, é necessário também que valorizemos a cultura regional, que enxerguemos a cultura popular não como algo intrinsicamente conservador, que reproduz valores e padrões sociais dominantes sob a influência dos meios de comunicação de massa, mas que consigamos enxergá-la como um símbolo de resistência diante da influência descaracterizado do capitalismo. (MAGNANI, 1984).

A mídia local, no caso do município de Piracicaba, precisa estar atenta para uma maior divulgação do cururu, haja vista que este representa a identidade cultural do seu povo, sendo de extrema importância na formação da cidadania.

Nos depoimentos por nós recolhidos, foram citados grandes mestres cururueiros do passado, que ainda hoje são reconhecidos dentro de universo do cururu: TRANQUILO DELAZARI, AMÂNCIO DE LARA, LAZINHO ALBINO, DITO SILVA, JOÃO DAVID, PEDRO CHIQUITO, SILVIO PAIS, NHÔ SERRA, PARAFUSO, SEBASTÃO ROQUE, ZICO MOREIRA.

Atualmente, o cururu pode ser ouvido no município de Piracicaba nas vozes de: MOACIR SIQUEIRA, JOÃO MAZZERO, MACHADÃO, ZICO CLAUDINO, JONATHA NETO, MANUEL ARAÚJO, MANÉ MOREIRA, DIRCEU QUIODI, entre tantos outros.

O cururu, canto de Piracicaba, ainda é encontrado na rua do Porto, nas Festas e nos Pousos do Divino, nas fazendas e sítios da área rural, nas lanchonetes e nos bares, supermercados, nos teatros, nos bairros periféricos, nas praças.

Onde existir um violeiro, existirá o combate poético, as idéias e os sentimentos expressos em versos, vindos de homens simples, que ao soltar suas vozes transformam-se em artistas incomparáveis na sua arte.

Pois, como bem disse Alceu Maynard Araújo, no seu livro *Folclore Nacional* (1964), em sua introdução:

Nós, brasileiros, temos um grande acervo de tradições populares que merecem ser conhecidas, porque os povos que as olvidam e menosprezam perdem a consciência de seu próprio destino. Mais ama o povo quem o ama em suas tradições.

REFERÊNCIAS

- ALLEONI, Olívio N. **Cururu em Piracicaba**. Piracicaba: Gráfica Editora Degaspari, 2006
- ANDRADE, Maria Inês Alves Borges de. **Prata da Casa** – O papel do intelectual João Chiarini – Uma contribuição à História de Piracicaba –(1930-1950). 1994. Dissertação de Mestrado – UNIMEP .Piracicaba-SP
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. V. II São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BARRETO, Alberto Pereira; GIANNOTTI, Mariana; SPAROVEK, Gerd. **Atlas Rural de Piracicaba**. Piracicaba: IPEF (Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais), 2006
- BENVEGNU, Marcela. Projeto vai valorizar o cururu, ritmo que é símbolo de Piracicaba. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 20 jul.2005. P.C1.
- BILAC, Maria Beatriz Bianchini; TERCI, Eliana Tadeu. **Piracicaba: de centro policultor a centro canavieiro (1930-1950)** Piracicaba/SP: Gráfica UNIMEP, 2001
- BONFIGLIORI, Neyde Rosa. **Defesa da Cultura Nacional**. 2. ed. São Paulo: Artes Gráficas e Editora Ltda, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BUELONI, Mauricio Tadeu. **Os bonecos de Elias: Piracicaba, História e Memória**. V.II. Prefeitura do Município de Piracicaba. Centro de Comunicação Social, 2001.
- CAMPOS, Judas Tadeu de. A Formação do Caipira. In: **O Turismo como vetor de desenvolvimento sustentável**. Piracicaba: FEALQ, 2003, 557 p. In Congresso Brasileiro de Turismo Rural, Piracicaba, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades,1971.
- CARNEIRO, Édison. **Dinâmica do folclore**. 2. ed. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1977.
- CASCUDO, Luis Camara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 2. ed.Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1959
- _____. **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1999
- CASTILHO, Dinah; CASTILHO, Wenceslau. **Raízes caipiras de Piracicaba na era da globalização: cururu, catira e moda de viola**. 2. ed. Piracicaba: Shekinah Gráfica, 2006
- _____. Folclore caipira e a representação social na Era da Globalização. **A Tribuna Piracicabana**. Piracicaba, 2 jun. 2006.

_____. Universo Caipira: História de vida na conservação do folclore da música caipira. **A Tribuna Piracicabana**. Piracicaba, 2 fev. 20

CHIARINI, João. Cururu. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**. São Paulo, 1947.

COSTA, Ruy Oehlmeyer. **As águas do Piracicaba**: século XIX. São Paulo: IHGP/Semae, 2004.

CRUZ FILHO, Romualdo. O verdadeiro espírito do lugar. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 16 nov. 2003, p. C4eC5.

_____. Duelos dos Bão entre Caipiras. **Jornal A Tribuna de Piracicaba**. Piracicaba, 15 abr.2005, p. A 13.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA. v. 1, 1981

ERCOLIN, Giselda Lombardi (Org.). **Conto, canto e encanto com a minha história. Piracicaba**: A noiva da colina. Piracicaba, SP: Noovha América, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

FERREIRA, Cesar C. **Atlas escolar histórico e geográfico de Piracicaba**. São Paulo: Noovha América, 2006

FRALETTI, Paulo. **Carta sobre o cururu** – escrita a João Chiarini. Piracicaba: Shekinah Gáfica, 1988

GARUTI, Aparecido. **Cururu**: retratos de uma tradição. Sorocaba: Create, 2003

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia**: crítica da agricultura moderna. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Dimensões da Percepção e Interpretação do meio ambiente: vislumbres e sensibilidade das vivências da natureza. Revista Digital **OLAM -Ciência e Tecnologia**. Rio Claro, v.4

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

IANNI, Otávio. **Teoria da globalização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996

IKEDA, Alberto T. **Cururu**: Resistência e Adaptação de uma modalidade Musical da Cultura Tradicional Paulista. São Paulo: Arte UNESP, v.6, 1990

LEME, Maria Lúcia de Almeida. **Educação, cultura e linguagem**: a comunidade Tírolo-Trentina da Cidade de Piracicaba SP. 2001. Tese de Doutorado em Educação pela UNICAMP- Campinas.

LOPES, Israel. **Turma Caipira Cornélio Pires**: os pioneiros da moda-de-viola em 1929. São Borja/RS: A N Gráfica Edirora Ltda, 1999

MAGNANI, José G.C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brsiliense, 1984

MARTINS, José Pedro Soares. Piracicaba, Rio da Vida. In. THAME, Antonio Carlos Mendes (org). **Rio Piracicaba**: vida, degradação e renascimento. Piracicaba: Gráfico UNIMEP, 1998

MONTICELI, João Jerônimo; MARTINS, José Pedro Soares. **A luta pela água**: nas Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari. Capivari/SP: EME Editora, 1993

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira – da roça ao rodeio**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

PERECIN, Marly Therezinha Germano. Canoas e Monjolos, Engenhos e Navios. In. **Revista do IHGP Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, ano II, n.2, pp. 3-12, 1992

_____. Piracicaba nos Anais dos Morgados de Mateus. In. **Revista IHGP Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, ano IV, n.4, pp.7-45, 1995

_____. Piracicaba “Boca do Sertão: o porto, a paragem, a sesmaria, a povoação (1723 – 1767). **Revista IHGP Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**, Piracicaba, ano III, n. 3, 1994.

PERES, Maria Thereza Miguel. **Idealizações e Tensões na Construção de Piracicaba Moderna (1950-1960)**, 1997. Tese de Doutorado em História Social – Universidade de São Paulo.

_____. Piracicaba: imagens da modernidade na década de 1950. In TERCI, Eliana Tadeu (org) **O desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectivas**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, 2001

PIRES, Cornélio. **Conversa ao pé do fogo**. Itu: Ottoni, 2002

_____. **Patacoadas**. Itu: Ottoni, 2002

_____. **Sambas e Cateretês**. Itu: Ottoni, 2004

_____. **Seleta Caipira**. Itu: Ottoni, 2006

PRINS, Gwin. “História Oral” In. **A Escrita da História**. São Paulo: Edunesp, 1992

RAMOS, Pedro. História Econômica de Piracicaba (1765-1930): as particularidades do complexo canavieiro paulista. In. TERCI, Eliana Tadeu (org.) **O desenvolvimento de Piracicaba: histórias e perspectivas**. Piracicaba: Gráfica UNIMEP, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, Sergio Santa. **Prosa de cantador: a História e as histórias dos cururueiros paulistas**. Botucatu: FEPAF, 2007

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel. Secretaria da Cultura do Estado, 1990

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico–científico-informacional** São Paulo: Hucitec, 1994

_____. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

TERCI, Eliana Tadeu (org.) **O desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectiva**. Piracicaba, SP: Unimep, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

_____. A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. **Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1993

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Piracicaba no século XIX**. Piracicaba/SP: Degaspari, 2003.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e indústria**: São Carlos 1850-1950. São Carlos, SP: Editora da UFSCAR, 2000.

VITTI, Lino. Contribuição Tirolesa ao Município. In. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**. Ano I, n.1, dez.1991